



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PRO-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PROLING

ANÁLISE DO ESTILO NAS ATIVIDADES DO LIVRO DIDÁTICO *ENGLISH VIBES FOR BRAZILIAN LEARNERS* SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

DARCIJANE DOS SANTOS NUNES

JOÃO PESSOA – PB
2024

DARCIJANE DOS SANTONS NUNES

ANÁLISE DO ESTILO NAS ATIVIDADES DO LIVRO DIDÁTICO *ENGLISH VIBES FOR BRAZILIAN LEARNERS* SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

Tese apresentada como requisito para defesa no Doutorado Acadêmico em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING/UFPB). Área de Concentração: Linguística e práticas sociais. Linha 3: Discurso e sociedade. Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida.

JOÃO PESSOA-PB

2024

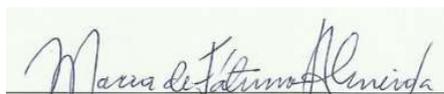
DARCIJANE DOS SANTOS NUNES

ANÁLISE DO ESTILO NAS ATIVIDADES DO LIVRO DIDÁTICO *ENGLISH VIBES FOR BRAZILIAN LEARNERS* SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

Tese apresentada como requisito para defesa no Doutorado Acadêmico em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING/UFPB). Área de Concentração: Linguística e práticas sociais. Linha 3: Discurso e sociedade. Orientadora 1: Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida.

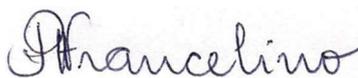
APROVADO EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida

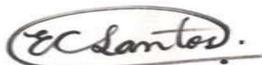
(presidente – Orientadora – PROLING/UFPB)



Prof. Dr. Pedro Farias Francelino

(Examinador interno 1 – PROLING/UFPB)

Profa. Dra. Marianne Bezerra Cavalcante
(Examinadora interna 2 – PROLING/UFPB)



Profa. Dra. Eliete Correia dos Santos

(Examinadora externa 1 - UEPB)

Profa. Dra. Maria Verônica Andrade de Silveira Edmundson
(Examinadora externa 2 - IFPB)

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N972a Nunes, Darcijane Dos Santos.

Análise do estilo nas atividades do livro english
vibes for Brazilian learners sob a ótica da análise
dialógica do discurso / Darcijane Dos Santos Nunes. -
João Pessoa, 2024.

161 f. : il.

Orientação: Maria de Fátima Almeida.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Estilística dialógica. 2. Enunciado. 3. Gêneros
do discurso. 4. Verbovisual. 5. Livro didático de
língua inglesa. I. Almeida, Maria de Fátima Almeida.
II. Título.

UFPB/BC

CDU 81(043)

À Deus, autor e consumidor da minha fé. A Ele
toda honra e glória para todo o sempre.

Amém!

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, pelo fôlego de vida, pela sua infinita graça e misericórdia sobre a minha vida, graça sublime que conduziu todo o processo desde as primeiras reflexões até a última linha escrita nesta tese. Sem Deus, não conseguiria chegar até aqui.

À Janael, meu esposo, amigo e companheiro que sempre me apoiou em todos os momentos e nunca me deixou só nessa jornada.

Aos meus filhos, Jayne Evellyn e Jonas Kallel, presentes de Deus na minha vida, filhos amados que me enchem de alegria e vontade de lutar para alcançar melhores condições na minha vida profissional e acadêmica.

Aos meus pais, José Dias e Fátima Santana por ter me orientado a sempre trilhar por caminhos que me levam a Deus e buscar sempre o meu crescimento profissional.

Aos meus irmãos, Adriana, Fabiana, Fábio, Aldemir, Suzy, Danielly e Françarly que sempre torceram pelo meu sucesso.

A minha orientadora Fátima Almeida por suas contribuições para realização desta pesquisa. Agradeço também ao **Grupo GPLEI** que me proporcionou momentos de muito aprendizado na área da Análise Dialógica do Discurso.

Não poderia deixar de registrar aqui a minha gratidão ao meu estimado, amigo, professor e irmão em Cristo, **Pedro Francelino**, um companheiro sempre disposto a me atender. **Pedro**, obrigada por tudo, pelo conhecimento compartilhado e pelas orientações e ensinamentos que sempre levarei comigo.

Aos professores: Regina Celi; Regina Baracuh; Marianne Cavalcante; Ana Cristina Aldrigue; Danielle Almeida; José Ferrari; Francisco Eduardo Vieira e Elaine Espíndola, que deixaram uma parcela de contribuição para a produção deste trabalho.

À banca examinadora, sou grata por aceitarem ler meu trabalho e pelas valorosas contribuições na qualificação, eu espero ter correspondido as expectativas.

Não posso deixar de agradecer aos meus amigos e companheiros que a academia me trouxe: **a minha amiga Keila**, uma companheira de Jornada acadêmica que sempre me ajudou e acreditou no meu potencial. Obrigada amiga, você sempre estará em minhas orações e em meu coração. As amigas da Semântica: **Ayanne, Aleise e Alessandra** pelo apoio e torcida.

Ao amigo e irmão em Cristo, **Rodolfo**, um companheiro sempre disposto a trazer uma mensagem de apoio e encorajamento. A minha amiga e irmã **Karla** pelos momentos de orações, conversas, descontrações e aconselhamentos.

“[...] a ideia não vive na consciência individual isolada de um homem: ela degenera e morre. Somente quando contrai relações dialógicas essenciais com as ideias dos outros é que a ideia começa a ter vida, isto é, a formar-se, desenvolver-se, encontrar e renovar sua expressão verbal, gerar novas ideias. O pensamento humano só se torna pensamento autêntico, isto é, ideia, sob as condições de um contato vivo com o pensamento dos outros, materializado na voz dos outros, ou seja, na consciência dos outros expressa na palavra. É no ponto de contato entre vozes-consciências que nasce e vive a ideia.” (Bakhtin, 2010 pág. 98).

RESUMO

O presente estudo visa analisar o tratamento dado aos elementos estilísticos da língua por parte do (s) autor (es) do livro didático doravante LD, de língua inglesa *English vibes for Brazilian Learners* nas atividades voltadas para leitura de gêneros discursivos, a saber: pintura artística, postagem em rede social, capa de revista e lista de dicas, presentes nas atividades de pré-leitura e leitura contidas nas seções “*Getting ready for part 1*” e “*Reading comprehension*” do referido LD, selecionados para compor o *corpus* desta pesquisa. A escolha por essas seções se dá pelo fato de o nosso foco ser nas atividades voltadas para a leitura de gêneros discursivos buscando vislumbrar como o autor do LD trata os aspectos estilísticos empreendidos na leitura dos gêneros, para então propormos uma abordagem de leitura pautada na Estilística Dialógica. Com vistas a delimitar o foco da nossa pesquisa, buscamos agrupar algumas formulações teóricas do Círculo sobre a estilística e, para tanto, selecionamos alguns escritos de Bakhtin e o Círculo que tratam explicitamente sobre o tema: *Teoria do Romance I, A estilística* – tradução de Paulo Bezerra (2015); *Questões de Estilística no ensino de língua*, tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Volkova (2013); e, por último, *Palavra na vida e palavra na poesia* de Volóchinov (2019). Analisamos as obras citadas buscando sistematizar as ideias de Bakhtin no que concerne especificamente à estilística a fim de contribuir com a formulação de um aparato teórico para viabilizar uma forma didática para o leitor/ pesquisador da ADD que busca estudar de forma mais sistematizada a noção de estilística advinda dos escritos de Bakhtin e o Círculo. Após a formulação da noção de Estilística Dialógica, buscamos trazer exemplos de aplicabilidade da teoria a partir de análises de gêneros do discurso presentes no livro didático *English Vibes for Brazilian Learners*, selecionado como *corpus* desta pesquisa. Também citamos como referencial teórico, alguns pesquisadores da área dos estudos do discurso de base bakhtiniana, tais como: Brait (2005;2006), Faraco (2009), Fiorin (2009), Puzzo (2017) entre outros estudiosos que corroboram as ideias de Bakhtin. Em relação ao percurso histórico sobre a Retórica e as estilísticas do século XX, referenciamos Aristóteles (2011), Martins (2000), Gérard Genette (1966), Cohen (1975), Fiorin (2014), Puzzo (2017), Vossler (1963). Quanto ao tipo de encaminhamento metodológico para a realização da pesquisa, trilhamos o caminho da pesquisa bibliográfica e documental, de cunho qualitativo-interpretativista, uma vez que a presente tese busca interpretar, de forma intersubjetiva, os significados construídos através do processo dinâmico de interação verbal entre os participantes do discurso, uma vez que buscamos analisar as escolhas estilísticas do autor do LD no tocante à ênfase dada ou não aos elementos estilísticos da língua na elaboração das atividades de leitura dos gêneros do discurso presentes no manual didático selecionado para análise do *corpus*. Procuramos demonstrar por meio da análise do *corpus* que apesar de o autor do LD buscar trabalhar o gênero em sala de aula, a ênfase das questões é dada ao aspecto gramatical da língua, como vimos na questão do uso do imperativo. A proposta de elaboração das questões com base na Estilística Dialógica que trouxemos nas análises, contribuiu para conduzir o leitor a perceber as especificidades do gênero, as informações contextuais sobre o sujeito enunciador, o contexto situacional da enunciação, bem como evidenciar o imbricamento das materialidades verbovisual para se obter a compreensão total da enunciação.

Palavras-chave: Estilística Dialógica. Enunciado. Gêneros do discurso. Verbovisual. Livro didático de língua inglesa.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the treatment given to stylistic elements of language by the author(s) of the textbook hereafter referred to as LD, of the English language "English Vibes for Brazilian Learners," in activities focused on reading discursive genres, namely: artistic painting, social media post, magazine cover, and list of tips, present in pre-reading and reading activities contained in the sections "getting ready for part 1" and "Reading comprehension" of the aforementioned LD, selected to compose the corpus of this research. The choice for these sections is by the fact our focus is on activities aimed at reading discursive genres, seeking to catch a glimpse of how the author of the LD treats the stylistic aspects undertaken in genres reading, for then we propose an approach to reading lined on dialogic stylistics. With purpose delimit the focus of our research, we sought to group some theoretical formulations from the Circle on stylistics, and for this purpose, we selected some writings by Bakhtin that explicitly address the theme: "Theory of the Novel I," "Stylistics" translated by Paulo Bezerra (2015); "Issues of Stylistics in Language Teaching," translated by Sheila Grillo and Ekaterina Vólcova (2013); and lastly, "Word in Life and Word in Poetry" by Volóchinov (2019). We analyzed the cited works seeking to systematize Bakhtin's ideas specifically regarding stylistics in order to contribute to the formulation of a theoretical framework to enable a didactic approach for the reader/researcher of the ADD who seeks to study more systematically the notion of stylistics coming from Bakhtin's writings and the Circle's. After formulation of dialogic stylistics, we seek to bring examples of the theory's applicability through samples of speech genre analyses present in the textbook "English Vibes for Brazilian Learners," selected as the corpus of this research. As a theoretical reference, we cite some researchers in the field of Bakhtinian-based discourse studies, such as Brait (2005; 2006), Faraco (2009), Fiorin (2009), Puzzo (2017), among other scholars who corroborate Bakhtin's ideas. Regarding the historical route of Rhetoric and stylistics in the 20th century, we reference Aristotle (2011), Martins (2000), Gérard Genette (1966), Cohen (1975), Fiorin (2014), Puzzo (2017), Vossler (1963). Regarding the type of methodological referral for conducting the research, we trail the path of bibliographic research, with a qualitative-interpretivist nature. The present thesis seeks to interpret, in an intersubjective manner, the meanings constructed through the dynamic process of verbal interaction among discourse participants. We seek to analyze the stylistic choices made by the author of the LD regarding the emphasis placed on stylistic elements of language or lack thereof in the elaboration of reading activities discourse genres present in the selected textbook chosen for corpus analysis. We sought to demonstrate through corpus analysis that despite the LD author seeking work with genres in the classroom, the emphasis of the questions is placed on the grammatical aspect of the language, as seen in the question of the use of the imperative. The proposal to elaborate questions based on dialogic stylistics, as presented in our analyses, contributed to leading the reader to perceive the specificities of the genre, contextual information about the enunciator subject, the situational context of enunciation, as well as to highlight the intertwining of verbalvisual materialities to achieve a full understanding of the enunciation.

Keywords: Dialogic stylistics. Utterance. Discourse genres. Verbalvisual.

English language textbook.

RESUMEN

El presente estudio objetiva analizar el tratamiento dado a los elementos estilísticos de la lengua por parte del autor o de los autores del libro didáctico *English vibes for Brazilian Learners* en actividades dirigidas para la lectura de los géneros discursivos, a saber: pinturas artísticas, publicación en redes sociales, portada de revistas y lista de consejos, presentes en las actividades de prelectura y lectura contenidas en las secciones “*Getting ready for part 1*” y “*Reading comprehension*” del libro didáctico, seleccionadas para componer el *corpus* de esta investigación. La elección de estas secciones se debe a que nuestro enfoque se centra en las actividades dirigidas para la lectura de géneros discursivos que buscan vislumbrar cómo el autor del LD trata a los aspectos estilísticos en la lectura de los géneros, por lo que proponemos un enfoque de lectura basado en la Estilística Dialógica. Con el objetivo de delimitar el foco de nuestra investigación, se buscó agrupar algunas formulaciones teóricas del *Círculo* sobre la estilística y, para ello, seleccionamos algunos escritos de Bajtín que tratan explícitamente sobre el tema: *Teoria do Romance I, A estilística* – traducción de Paulo Bezerra (2015); *Questões de Estilística no ensino de língua*, traducción de Sheila Grillo y Ekaterina Vólcova (2013); y, por último, *Palavra na vida e palavra na poesia* de Volóchinov (2019). Analizamos los trabajos mencionados buscando sistematizar las ideas de Bajtín en lo que respeta específicamente a la estilística, con el fin de contribuir con la formulación de un aparato teórico que posibilite una forma didáctica para el lector/investigador de ADD que busca comprender de manera más sistematizada la noción de estilística que surge a partir de los escritos de Bajtín y el *Círculo*. Después de la formulación de la Estilística Dialógica, buscamos ejemplos de aplicabilidad de la teoría a partir de muestras de análisis de géneros discursivos presentes en el libro didáctico *English Vibes for Brazilian learners*, elegido como el *corpus* de esta investigación. Como marco teórico, citamos algunos investigadores del área de los estudios del discurso de base bajtiniana, tales como: Brait (2005;2006), Faraco (2009), Fiorin (2009), Puzzo (2017) entre otros investigadores que corroboran las ideas de Bajtín. En cuanto al curso histórico sobre la Retórica y las estilísticas del siglo XX, nos referimos a Aristóteles (2011), Martins (2000), Gérard Genette (1966), Cohen (1975), Fiorin (2014), Puzzo (2017), Vossler (1963). En lo que respecta al tipo de enfoque metodológico para la realización de esta investigación, se siguió el camino de la investigación bibliográfica, de carácter cualitativo-interpretativo, ya que la presente tesis busca interpretar, de manera intersubjetiva, los sentidos construidos a través del proceso dinámico de interacción verbal entre los participantes del discurso, así como buscamos analizar las elecciones estilísticas del autor del libro didáctico respecto al énfasis dado o no a los elementos estilísticos de la lengua en la elaboración de las actividades de lectura de géneros de discurso presentes en el manual didáctico seleccionado para el análisis del *corpus*. Intentamos demostrar a través del análisis del *corpus* que si bien el autor del LD busca trabajar el género en el aula, el énfasis de las preguntas se da en el aspecto gramatical de la lengua, como en la actividad del uso del imperativo. La propuesta de elaboración de las preguntas basadas en la Estilística Dialógica que demostramos en los análisis contribuyó para llevar al lector a percibir las especificidades del género, las informaciones contextuales sobre el sujeto enunciador, el contexto situacional de la enunciación, así como evidenciar la imbricación de las materialidades verbales-visuales para la comprensión total de la enunciación.

Palabras clave: Estilística Dialógica. Enunciado. Géneros discursivos. Verbales-visuales. Libro didáctico de lengua inglesa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Piloto Vettel	102
Figura 02 - Capa do livro <i>English Vibes</i>	118
Figura 03 - Unidade 1- <i>Be Smart online</i>	120
Figura 04 - <i>Getting Ready for part 1</i>	122
Figura 05 - Imagem da pintura artística	126
Figura 06 - Gênero pintura artística	132
Figura 07 - Postagem de Ingrid Silva	135
Figura 08 - Capa da Revista <i>National Geographic</i>	144
Figura 09 - <i>Reading Comprehesion</i> – List of tips	151

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Resumo das formulações teóricas da Estilística Dialógica.....106 - 107

Quadro 2- Elementos intrínseco ao gênero do discurso Livro Didático.....112 - 117

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO	15
2 DA RETÓRICA ARISTOTÉLICA ÀS ESTILÍSTICAS DO SÉCULO XX	25
2.1 Da Retórica à Estilística	25
2.2 As estilísticas do século XX e seus desdobramentos teóricos	34
2.3 Estilística saussuriana (Objetivismo abstrato)	38
2.3.1 O tratamento dos tropos na estilística estruturalista	40
2.4 Estilística Vossleriana (Subjetivismo individualista)	50
2.4.1 O tratamento dos tropos na estilística vossleriana	54
3 A CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE LINGUAGEM	58
3.1 Bakhtin, seus interlocutores: Kant, Cohen, Buber e a construção de uma <i>prima filosofia</i>	58
3.2 Volóchinov e Medvedev: influências da teoria marxista da superestrutura e infraestrutura - criação ideológica da linguagem	63
3.3 O princípio dialógico da linguagem	69
3.3.1 Enunciado	73
3.3.2 Gêneros do discurso	77
4 ESTILÍSTICA DIALÓGICA: CONSTRUINDO UM ARCABOUÇO TEÓRICO DE BASE BAKHTINIANA	81
4.1 A estilística em Discurso no Romance	83
4.2 A estilística em Questões de estilística no ensino da língua	91
4.3 A estilística em Palavra na Vida e Palavra na Poesia	96
4.4 Síntese das formulações teóricas da Estilística Dialógica	104
5 ANÁLISE DO ESTILO NAS ATIVIDADES DO LIVRO DIDÁTICO <i>ENGLISH VIBES FOR BRAZILIAN LEARNERS</i> SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO.....	108
5.1 O gênero livro didático e suas especificidades	109
5.2 O livro didático <i>English vibes for Brazilian learners</i>	118
5.3 Analisando a seção <i>Getting ready e reading comprehension</i> do livro <i>English vibes</i>	122
5.3.1 Proposta de análise estilística-dialógica para o Gênero pintura artística em mural produzido pelo artista plástico Eduardo Kobra	129
5.3.2 Proposta de análise estilística-dialógica para o Gênero postagem em rede social	138

5.3.3 Proposta de análise estilística-dialógica para o Gênero capa de revista	148
5.3.4 Proposta de análise dialógica do gênero <i>List of tips</i>	154
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	156
REFERÊNCIAS	160

1 INTRODUÇÃO

O final do século XIX foi marcado por diversas mudanças e avanços tanto no campo político, econômico, como também nos campos artístico e científico. As ideias liberalistas ganhavam terreno e permeavam todas as produções científicas e também o pensamento político da época. No tocante ao pensamento linguístico, o final do século XIX é o marco de rompimento com as ideias logicistas, dando abertura ao método histórico-comparativo apresentado por Frederico Diez (1863), Franz Bopp (1885) e Max Müller (1859).

As transformações nos campos do conhecimento e a chegada de ideias positivistas às ciências humanas, marcadas no final do século XIX, impulsionaram a adequação dos estudos linguísticos aos moldes das ciências positivistas. Foi nessa atmosfera que a linguística saussuriana se estabeleceu como ciência pelo fato de trazer para os seus estudos a língua como um objeto observável. Nesse sentido, a linguística e os estudos gramaticais não abriam lugar para fatos linguísticos de cunho pragmático subjetivista, isto é, os estudos linguísticos não abarcaram os fenômenos expressivos da linguagem, o que proporcionou uma abertura para o florescimento de diferentes abordagens estilísticas.

A partir do século XX, a estilística assume o lugar da antiga Retórica. De acordo com Pierre Guiraud (1970 p. 20), “A Retórica é a Estilística dos antigos; é uma ciência do estilo”. Os responsáveis por trazer à tona os estudos estilísticos no início do referido século foram: Charles Bally (1865-1947), introduzindo na Linguística os estudos acerca dos elementos estilísticos com o foco na estrutura da língua; e Leo Spitzer (1887-1960), influenciado pelas ideias da filosofia idealista de B. Croce (1866-1952) e K. Vossler (1872-1949), tornou-se a figura exponencial da estilística literária ou estilística idealista.

Paralelamente a esse cenário de complexidade e diversidade de pontos de vista sobre os fenômenos linguísticos, Bakhtin, Volóchinov e Medvedev, na Rússia do século XX, buscavam compreender os fenômenos da linguagem numa perspectiva dialógica, a qual dava importância aos sujeitos envolvidos no processo de comunicação, ao posicionamento valorativo destes e ao contexto situacional para a produção dos discursos.

Os referidos autores discutiam a maneira reducionista com que as teorias estilísticas da época, a saber as estilísticas estruturalista e vossleriana, tratavam a linguagem. Nessa perspectiva, buscando compreender os caminhos que levavam essas teorias, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volóchinov (2010) apresenta duas grandes orientações do pensamento

linguístico-filosófico da época: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato. Enquanto o objetivismo abstrato representava uma concepção de língua atrelada a um sistema de normas fixas, afastando, assim, a importância dos aspectos estilísticos, o subjetivismo idealista isolava o sujeito enunciativo do contexto de situação imediata, buscando apenas explicitar a língua por meio do estilo individual do enunciativo. Para Volóchinov, nenhuma das abordagens dava conta da realidade fundamental da língua e, portanto, seria necessária uma reflexão acerca da realidade concreta da linguagem e seus aspectos dinâmicos no processo real e vivo de comunicação.

Para tanto, Bakhtin, Volóchinov e Medvedev direcionam seus olhares para a compreensão da dinamicidade e dialogicidade intrínseca da linguagem, buscando trazer a importância dos elementos extraverbiais, a saber, a importância dos sujeitos interlocutores e seus pontos de vista e o contexto de produção dos enunciados para se chegar à explicitação das estruturas linguísticas.

Observamos que os escritos bakhtinianos, por trazerem a essência dialógica da linguagem, abarcam os estudos estilísticos que transcendem o nível da língua para o nível do discurso. Em outras palavras, para Bakhtin é a língua em sua realidade concreta e viva, que engendra os estudos da expressividade, da intersubjetividade e do sujeito para a explicitação dos fenômenos linguístico-discursivos, isto é, a compreensão da linguagem se dá por meio do processo real, vivo e dinâmico da interação verbal.

Partindo desse pressuposto e buscando dar visibilidade às ideias de Bakhtin sobre a estilística em uma abordagem dialógico-discursiva, trilhamos um percurso em busca das formulações teóricas do Círculo¹ que nos direcionem para o estudo dos elementos estilístico-discursivos presentes no processo de comunicação.

Dessa forma, com vistas a delimitar o foco da nossa pesquisa, buscamos agrupar algumas formulações teóricas do Círculo sobre a estilística e, para tanto, selecionamos alguns escritos de Bakhtin que tratam explicitamente sobre o tema: Teoria do Romance I, A estilística – tradução de Paulo Bezerra (2015); Questões de Estilística no ensino de língua, tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Volkova (2013); e, por último, Palavra na vida e palavra na poesia de

¹ O Círculo de Bakhtin como ficou conhecido pelos seus estudiosos, era formado por um grupo de intelectuais (boa parte nascida por volta da metade da década de 1890) que se reuniu regularmente de 1919 a 1929. A sua primeira aparição aconteceu em Nevel e depois se estendeu para a cidade de Vitebsk e, mais tarde para São Petersburgo (à época rebatizada de Leningrado). Os integrantes desse grupo pertenciam a diversas áreas do conhecimento com diversos interesses intelectuais, isto é, um grupo multidisciplinar. Entre os integrantes do grupo destacam-se o filósofo Matvei Kagan, o biólogo Ivan Kanaev, a pianista Maria V. Yudina, o professor e estudioso de literatura Pumpianski e os três que vão nos interessar mais de perto nesta pesquisa, Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Volóchinov e Pavel N. Medvedev.

Volóchinov (2019). Analisamos as obras citadas buscando sistematizar as ideias de Bakhtin e o Círculo no que concerne especificamente à estilística a fim de contribuir com a formulação de um aparato teórico para viabilizar uma forma didática para o leitor/ pesquisador da ADD que busca estudar de forma mais sistematizada a noção de estilística advinda dos escritos de Bakhtin e o Círculo.

Nesse sentido, para demarcar esse estudo, chamaremos essas formulações teóricas sobre estilo e estilística de Estilística Dialógica, buscando dar visibilidade ao pensamento dos referidos autores no tocante às especificidades dos elementos estilístico-dialógicos, bem como mostrar a importância destes para a derivação dos sentidos no processo de comunicação. Após à formulação da Estilística Dialógica, buscamos trazer exemplos de aplicabilidade da teoria a partir de análises de gêneros do discurso presentes no livro didático *English Vibes for Brazilian Learners*, selecionado como *corpus* desta pesquisa.

Buscando demonstrar o caráter inovador e contributivo da presente tese, analisamos algumas produções que se dedicaram às pesquisas voltadas para a temática da estilística e seus desdobramentos teóricos, com vistas a buscarmos trabalhos que tenham se debruçado sobre o nosso objeto de pesquisa. Para tanto, delimitamos a nossa busca entre alguns autores brasileiros que se dedicaram ao estudo da estilística de diferentes perspectivas teóricas tradicionais, tais como: Manuel Rodrigues da Lapa (1945), com os estudos dos elementos expressivos do vocabulário português; Câmara Jr. (1952), com a publicação da obra intitulada “Contribuições à estilística portuguesa”, que trata das possibilidades expressivas da língua portuguesa; Martins (2000), trazendo um panorama histórico da estilística desde seus primeiros passos, após seu ressurgimento no séc. XX, bem como suas subdivisões em estilística do som, da palavra, da frase pautadas nos estudos de Bally (1941); e a estilística da enunciação pautada nos estudos de Benveniste (1972); Norma Discini (2009), estudando o estilo a partir da perspectiva estilística de Brodal (1948).

No campo discursivo, podemos citar: Brait (1996), que discute sobre a definição da ironia como um canal instaurador da polifonia em Bakhtin; Henriques (2011), que desenvolve os estudos estilísticos no âmbito do discurso voltado para a Análise do Discurso de linha francesa com a publicação de sua obra *Estilística e Discurso: estudos produtivos sobre texto e expressividade*; Fiorin (2014), que desenvolve a temática das Figuras de Retórica pautada na teoria da semiótica francesa; Nunes (2014), com a dissertação intitulada “Efeitos de sentido de figuras de linguagem no gênero anúncio publicitário: uma abordagem dialógica”, que analisa as figuras de linguagem e seus efeitos de sentidos no gênero anúncio publicitário, utilizando

como suporte teórico a Análise Dialógica do Discurso; Puzzo (2017), que discute as relações possíveis entre duas vertentes teóricas do início do século XX: O dialogismo bakhtiniano e a estilística de Vossler; Polato & Menegassi (2017), que objetivam fazer uma análise que compreenda o estilo verbal como o lugar dialógico e pluridiscursivo das relações respaldada nos trabalhos do Círculo de Bakhtin e nas pesquisas decorrentes.

Observamos, após a explicitação de fontes sobre o estado da arte, muitas pesquisas dedicadas à temática da estilística e seus desdobramentos teóricos; entretanto, após diversas buscas usando palavras-chave como: “ estilística dialógica”, “estilo dialógico”, estilística Bakhtiniana, entre outras derivações dessas nomenclaturas no campo destinado a pesquisas de dissertações, teses e artigos do Portal de Periódicos da Capes,² obtivemos apenas as pesquisas de Brait (1996) e Nunes (2014), pesquisas estas voltadas ao enfoque dos elementos estilísticos com ênfase na análise de tropos partindo do princípio dialógico bakhtiniano.

Existem muitas pesquisas que se dedicam à estilística, porém não encontramos pesquisas que abarquem de forma mais aprofundada as formulações teóricas de Bakhtin acerca da estilística dialógica e, em especial, que englobe os elementos estilísticos da língua, tais como: ironia, personificação e metáfora e sua aplicabilidade em gêneros. Dessa forma, vimos a necessidade de nos debruçarmos sobre esse objeto e de buscar encontrar nas discussões teóricas do Círculo de Bakhtin como os tropos, ou seja, como os elementos estilísticos são tratados, partindo do pressuposto de que estes são considerados enunciados concretos, convergindo com Volóchinov (2019, p. 128) quando ele diz: “o enunciado concreto (e não a abstração linguística) nasce, vive e morre no processo de interação social entre os participantes do enunciado”.

Assim sendo, partimos da hipótese que os elementos estilísticos da língua, dentro de uma situação real de comunicação, são resultados das entonações expressivas do sujeito enunciatador. Portanto, são instâncias produtoras de sentido contrariando a ideia comumente pregada pelas teorias estilísticas que veem os tropos como elemento estático e reduzido à função embelezadora do discurso.

² O Portal de Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), é uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza a instituições de ensino e pesquisa no Brasil o melhor da produção científica internacional. O Portal de Periódicos foi oficialmente lançado em 11 de novembro de 2000, na mesma época em que começavam a ser criadas as bibliotecas virtuais e quando as editoras iniciavam o processo de digitalização dos seus acervos. Fonte: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>

As figuras de linguagem³, mais precisamente os tropos⁴, como um dos elementos estilísticos da linguagem, vêm despertando o nosso interesse como objeto de estudo desde a graduação. Eu sempre tive o desejo de descobrir como esses elementos empregados no discurso despertam o interesse, chamam a atenção do leitor e promovem sentidos múltiplos. A minha pesquisa monográfica intitulada: “As figuras de linguagem como ferramenta persuasiva do Discurso no gênero anúncio publicitário”, defendida no ano de 2009 na Universidade Estadual da Paraíba, teve como objetivo compreender a função persuasiva das figuras de linguagem nos discursos circundantes na esfera publicitária. Para tanto, partiu do estudo da persuasão em Citelli (1988), buscando definição do gênero publicitário em Bakhtin (2003); porém, as análises ainda estavam pautadas na estilística estruturalista de Jakobson (1971) e limitou-se a trazer a noção de figuras de linguagem como elementos de expressão e persuasão.

Já na pesquisa de mestrado, busquei aprofundar as análises das figuras de linguagem focando na perspectiva dialógica bakhtiniana, a qual nos ajudou a compreender as figuras como enunciados concretos e dinâmicos e não apenas como ornamentos do discurso, como são comumente estudadas pelas teorias estilísticas formais. Ampliei o olhar sobre os elementos discursivos da língua a partir das leituras das obras de Bakhtin e busquei demonstrar, consoante ao referido autor, que a palavra é essencialmente persuasiva e que os elementos linguísticos são preenchidos de sentidos no processo de comunicação pelos sujeitos participantes do discurso e pelo contexto situacional.

Desta feita, na pesquisa de doutoramento, busco investigar de forma mais específica o tratamento dado aos elementos estilísticos da língua por parte do (s) autor (es) do livro didático doravante LD, de língua inglesa *English vibes for Brazilian Learners* nas atividades voltadas para leitura dos gêneros discursivos: pintura artística, postagem em rede social, capa de revista e lista de dicas, presentes nas atividades de pré-leitura e leitura contidas nas seções “*Getting ready for part 1*” e “*Reading comprehension*” do referido LD. Para tanto, partimos da ideia de que os elementos estilísticos da língua, tais como os tropos usados no processo real e vivo de

³ O conceito de figura é defendido por Genette (1972) como uma palavra que possui uma ambivalência de sentidos, isto é, uma palavra que tem seu significado natural, linguístico e passa a possuir simultaneamente um significado intencional (virtual). É o que o referido autor vai chamar de princípio da ambivalência e traduzibilidade da palavra. Toda palavra que é usada pelo autor para produzir intencionalmente duplo sentido, considera-se uma figura.

⁴ De acordo com (Cohen et al., 1975), Durmasais define os tropos como aquelas figuras que estão mais atreladas a interpretação semântica e não estão restritas apenas ao nível fonético e lexical. Entre essas figuras de linguagem, destacam-se: as metáforas, metonímia, hipérbole, ironia, litotes. Assim, o supracitado autor considera que dentro da classificação das figuras de linguagem, existe uma subcategoria chamada de tropos que está intrinsecamente ligada à semântica.

comunicação, são instâncias produtoras de sentidos e não podem ser vistos como mera abstração linguística, pois são resultados de entonação expressiva do sujeito no processo de interação verbal.

Nossa análise também engloba a percepção do posicionamento axiológico do autor, bem como compreender como isso é materializado nas suas escolhas estilísticas para elaboração das questões norteadoras que acompanham o gênero apresentado nas seções supracitadas. Em seguida, buscaremos propor a inserção da análise dos gêneros na perspectiva da Estilística Dialógica para compor as seções voltadas ao estudo dos gêneros no LD selecionado para análise.

A escolha pelo LD de língua inglesa parte da minha formação acadêmica e da minha atuação como professora de língua inglesa do ensino básico na escola pública estadual localizada no município de Guarabira, no estado da Paraíba. Como pesquisadora da Análise Dialógica do Discurso buscando trazer alguma contribuição da teoria bakhtiniana para a minha prática docente, surgiu o interesse em estudar uma proposta de análise da Estilística Dialógica que pudesse ampliar os olhares dos discentes para a análise de gêneros diversos encontrados nas seções de leitura do referido livro.

A escolha do livro *English vibes for Brazilian learners* se deu pelo interesse de observar como são tratadas atualmente as questões estilísticas no livro de língua inglesa do ensino médio das escolas públicas integrais da Paraíba, mais especificamente, na escola estadual Monsenhor Emiliano de Cristo, localizada no município de Guarabira, onde foi adotado o material didático para ser trabalhado nas turmas do ensino médio no PNLD⁵ 2021.

O livro didático nesta pesquisa é trazido como gênero discursivo que reúne diversos gêneros em sua composição. Assim sendo, para delimitação do estudo, atendendo a proposta desta tese, selecionamos a seção destinada para a leitura (*Getting Ready e Reading comprehension*) contidas na parte 1(um) do livro. O *corpus* de análise da pesquisa é formado por 4 diferentes gêneros, bem como as atividades didáticas elaboradas para a abordagem desses gêneros presentes em duas seções do manual em análise: a seção *Getting ready for part 1*,

⁵O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) compreende um conjunto de ações voltadas para a distribuição de obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, destinados aos alunos e professores das escolas públicas de educação básica do País. O PNLD também contempla as instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. As escolas participantes do PNLD recebem materiais de forma sistemática, regular e gratuita. Trata-se, portanto, de um Programa abrangente, constituindo-se em um dos principais instrumentos de apoio ao processo de ensino-aprendizagem nas Escolas beneficiadas.

apresentando 3 gêneros: o gênero mural produzido por Eduardo Kobra em 2020; o gênero postagem, mais especificamente a postagem da bailarina Ingrid Silva e o gênero capa de revista, da revista *National Geographic* n.6 de junho de 2018; e ainda a seção *Reading comprehension*, apresentando 1(um) gênero, a saber, o gênero *list of tips* (lista de dicas), identificado pelo autor como o gênero principal para trabalhar o tema na unidade 1(um).

A escolha por essas seções se dá pelo fato de o nosso foco ser nas atividades voltadas para a leitura de gêneros discursivos buscando vislumbrar como o autor do LD trata os aspectos estilísticos empreendidos na leitura dos gêneros, para então propormos uma abordagem de leitura pautada na Estilística Dialógica.

Para nortear a nossa pesquisa, buscamos responder os seguintes questionamentos: Como propor um agrupamento de formulações com base nos escritos de Bakhtin que contemple de forma explícita as suas ideias sobre estilo, estilística e elementos estilísticos? Como são tratados os aspectos estilísticos da língua por parte da teoria dialógica do discurso? Quais os efeitos de sentido que os elementos estilísticos promovem nos gêneros do discurso? Como o autor do LD *English vibes* trata as questões estilísticas mobilizada na leitura dos gêneros do discurso?

A partir desses questionamentos, surgiu a necessidade de fazer uma busca nos escritos bakhtinianos para investigar como Bakhtin e o Círculo tratam a estilística e qual a ênfase dada aos elementos estilísticos da língua para a derivação de sentidos. Para tanto, o nosso objetivo geral consiste em analisar o tratamento dado aos elementos estilísticos da língua por parte do (s) autor (es) do LD *English Vibes fo Brazilian Learners* nas atividades voltadas para a leitura de gêneros discursivos selecionados para compor o *corpus* da pesquisa. Como objetivos específicos, buscamos:

- 1) Caracterizar às estilísticas desenvolvidas no século XX, a saber a estilística saussuriana e a estilística vossleriana;
- 2) Demonstrar como as estilísticas tradicionais (estilística saussuriana e estilística vossleriana) tratam os elementos estilísticos da língua;
- 3) Sistematizar as formulações teóricas sobre estilo e estilística em Bakhtin (2013, 2015) e Volóchinov (2019);
- 4) Analisar o tratamento que Bakhtin e Volóchinov conferem a estilística e seus elementos estilísticos, como a entonação, personificação e metáfora em seus escritos;
- 5) Propor a aplicabilidade da Estilística Dialógica por meio de análises do posicionamento axiológico do autor do LD no tocante a ênfase ou não aos aspectos estilísticos da língua nas atividades de pré-leitura e leitura dos gêneros do discurso.

Como metodologia de pesquisa adotada para concretização dos nossos objetivos gerais e específicos supramencionados, adotamos a abordagem qualitativa que corresponde à compreensão do processo de interação entre participantes e um determinado fenômeno que será analisado, considerando um dado contexto. Para Crocker (2009 p. 7, tradução nossa), os pesquisadores qualitativos acreditam que os significados são construídos socialmente e, portanto, suas pesquisas focam na interação entre os participantes da pesquisa com um determinado fenômeno, analisado dentro de um contexto específico.⁶

O foco das pesquisas qualitativas se debruça sobre o fenômeno social que busca trazer à tona a importância da compreensão do processo que se dá no cenário da pesquisa, na atuação e interação entre os sujeitos, a saber o pesquisador, o meio e o objeto de pesquisa que também são considerados sujeitos interactantes e não algo mudo e estático. O pesquisador qualitativo é o primeiro a ser pesquisado, pois este também traz consigo toda uma bagagem social, cultural e ideológica. Apesar disso, o pesquisador precisa definir a fronteira entre seus posicionamentos axiológicos e sua pesquisa, buscando deixar que o objeto se revele.

Quanto ao tipo de encaminhamento metodológico para a realização da pesquisa, trilhamos o caminho da pesquisa bibliográfica e documental, de cunho qualitativo-interpretativista. De acordo com Moita Lopes (1994 p. 332), “na visão imterpretativista, o único preço a pagar é a subjetividade, ou melhor, a intersubjetividade, os significados que os homens, ao interagirem uns com os outros, constroem, destroem e reconstroem.” Consoantes a esse pensamento, classificamos a nossa pesquisa de cunho interpretativista, uma vez que a presente tese busca interpretar, de forma intersubjetiva, os significados construídos através do processo dinâmico de interação verbal entre os participantes do discurso, uma vez que buscamos analisar as escolhas estilísticas do autor do LD no tocante à ênfase dada ou não aos elementos estilísticos da língua na elaboração das atividades de leitura dos gêneros do discurso presentes no manual didático selecionado para análise do *corpus*.

No que concerne aos aspectos discursivos e analíticos, esta pesquisa abrange a análise de fenômenos estilístico-discursivos, tais como: entonação, personificação, metáfora, elementos verbovisuais, isto é, elementos da Estilística Dialógica. Para tanto, traçamos um percurso teórico em torno dos estudos bakhtinianos e do Círculo, referente às concepções de

⁶ “(...) qualitative researchers believe that meaning is socially constructed, their research focus is on the participants – how participants experience and interact with a phenomenon at a given point in time and in a particular context.” (CROCKER, 2009 p.7).

língua/linguagem, dialogismo, ideologia e dos estudos estilísticos postulados por Bakhtin e o Círculo no âmbito daquilo que estamos designando como Estilística Dialógica.

A perspectiva dialógica da linguagem nos permite estudar os enunciados considerando “[...] seu caráter de novidade, o evento, aquilo que permite a circulação de posições avaliativas de sujeitos do discurso e a permanente renovação de sentidos” (FLORES, et al., 2009, p. 99). Ademais, nos escritos bakhtinianos encontramos orientações metodológicas para analisar o objeto de pesquisa. Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov (2017 p. 220) expõe um caminho metodológico que norteia o pesquisador no estudo do enunciado. Vejamos:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. Formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica.
3. A partir daí, exame das formas de língua na sua interpretação linguística habitual.

O referido autor nos orienta a enxergarmos além do limite da estrutura linguística. Em outras palavras, antes de mais nada, o pesquisador da área do discurso precisa entender e definir os tipos de interação verbal, as condições de produção do processo de interação, isto é, a necessidade de compreendermos a esfera de atuação e circulação dos discursos e o gênero empregado naquele determinado contexto discursivo. Assim, após toda observação dos horizontes ideológicos, dos elementos extraverbais, o pesquisador, munido do conhecimento contextual, analisa a estrutura linguística.

Nesta pesquisa assumimos a postura de pesquisador dialógico, convergindo com as formulações teóricas de Bakhtin e o Círculo para responder as nossas perguntas de pesquisas e darmos conta dos nossos objetivos. Para tanto, utilizamos com referencial teórico as categorias teórico-analíticas de dialogismo, enunciado, estilo e gêneros do discurso postulados por Bakhtin (2010), bem como a concepção de entonação expressiva e os tropos: ironia, personificação, metáfora entonacional e metáfora gestual, de Volóchinov (2019).

Referenciamos também alguns pesquisadores da área dos estudos do discurso de base bakhtiniana, tais como: Brait (2005;2006), Faraco (2009), Fiorin (2009), Puzzo (2017) entre outros estudiosos que corroboram as ideias de Bakhtin. Em relação ao percurso histórico sobre a Retórica e as estilísticas do século XX, referenciamos Aristóteles (2011), Martins (2000), Gérard Genette (1966), Cohen (1975), Fiorin (2014), Puzzo (2017), Vossler (1963).

Nessa direção, pensando acerca da estrutura composicional do texto tese, após a introdução que trata dos elementos contextuais e metodológicos da nossa pesquisa, no primeiro capítulo trilhamos um percurso com o objetivo de explicitar as duas orientações do pensamento filosófico linguístico que foram palco para o aparecimento das teorias estilísticas que surgiram no início do século XX. Buscamos percorrer um caminho que nos levou a mostrar a relação entre a Retórica com a estilística e ainda identificar a estilística da língua sob o princípio do objetivismo abstrato e a estilística idealista em Vossler como representante do subjetivismo idealista. Para isso buscamos subsídios teóricos em Volóchinov (2010), Brait (2000; 2005;2016), Martins (2000), Fiorin (2014), Nunes (2014), Puzzo (2017), entre outros autores que se dedicaram aos estudos da estilística.

No segundo capítulo tratamos sobre as discussões acerca do contexto de produção de Bakhtin, Volóchinov e Medvedev e a explicitação do princípio dialógico da linguagem. Para tanto, utilizamos como referencial teórico Bakhtin (2010;2015,2018), Volóchinov (2010; 2017; 2019), bem como pesquisadores da área dos estudos do discurso, como: Faraco (2009), Brait (2005;2006).

Em seguida, no terceiro capítulo, partimos para sistematização das formulações teóricas da Estilística Dialógica em busca de subsídios para análise dialógica dos elementos estilístico-discursivos, tendo como embasamento, Bakhtin (2010;2015,2018) e Volóchinov (2010; 2017; 2019).

No último capítulo, trouxemos a proposta de aplicabilidade da Estilística Dialógica por meio de análises de 4 (quatro) diferentes gêneros do discurso, a saber: gênero pintura artística em mural, gênero postagem em rede social, gênero capa de revista, gênero lista de dicas, presentes na unidade 1 (um) do LD *English vibes for Brazilian learners*.

Procuramos demonstrar por meio da análise do *corpus* que apesar de o autor do LD trazer o estudo do gênero para a sala de aula, a ênfase das atividades que acompanham os gêneros recai nos aspectos gramaticais da língua. A proposta de elaboração das questões com base na Estilística Dialógica que trouxemos nas análises contribuiu para viabilizar o estudo do estilo, conduzindo o leitor a perceber as especificidades do gênero, as informações contextuais sobre o sujeito enunciativo, o contexto situacional da enunciação, bem como evidenciar o imbricamento das materialidades verbovisual para se obter a compreensão total da enunciação.

2 DA RETÓRICA ARISTOTÉLICA ÀS ESTILÍSTICAS DO SÉCULO XX

2.1 Da Retórica à estilística

A Retórica surge desde o século V a.C. e atribui-se a um dos discípulos de Tísias – Gorgias (séculos V – IV a.C) a introdução da Retórica em Atenas, onde floresceu com os sofistas. Gorgias trabalhava numa retórica que não tinha compromisso ético-moral e buscava valorizar a destreza verbal, a apresentação convincente dos discursos para fins puramente persuasivos. Alguns autores como Cícero (106-43 a.C) e Quintiliano (35-95) teceram críticas à Retórica Gorgiasiana e buscaram desenvolver uma retórica comprometida com a moral e os bons costumes. Esses autores desenvolveram a retórica que vai até o período do classicismo, desempenhando importantes funções educativas.

O maior representante da Retórica é Aristóteles que escreveu um verdadeiro tratado – a Retórica (possivelmente em 339-338 a.C). Os dois livros de Aristóteles: Poética (1987) e Retórica (2011) formam os dois pilares em que se fundou a crítica tradicional do Ocidente, até chegar a Bally (1941) com o Tratado à Estilística.

Aristóteles define a retórica “como a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra para criar a persuasão” (2011 p. 44). Neste conceito, o referido autor traz duas grandes lacunas: os casos específicos em que ocorrem os discursos e quais os propósitos persuasivos empregados em cada discurso. Para resolver essa lacuna, Aristóteles sente a necessidade de estudar sistematicamente a natureza argumentativa dos discursos e quais são suas esferas de atuação dentro da arte retórica.

Sendo assim, Aristóteles (2011) desenvolve o estudo sobre a retórica destacando os meios de persuasão e os gêneros retóricos. Para o supracitado autor, os meios de persuasão são constitutivos da arte retórica e destaca os entimemas⁷ como forma de persuasão substancial da referida arte. Os entimemas correspondem à estrutura linguística de que o orador faz uso para demonstrar sua argumentação. Os gêneros retóricos, por sua vez, são definidos por Aristóteles conforme a natureza do discurso e seu auditório. Nesse sentido, ele define três grandes gêneros retóricos: gênero deliberativo, gênero forense e gênero demonstrativo.

⁷ De acordo com Aristóteles (2011), o entimema é um tipo de silogismo ou dedução em que as premissas são opiniões verossímeis ou são admitidas pelo ouvinte.

Aristóteles, conhecido como pai da Retórica, também recebe prestígio por ter sido o primeiro a delinear a noção de gênero, que mais tarde foi ampliada por Bakhtin. O desenvolvimento dos estudos retóricos aristotélicos com base na noção de gênero, divide os enunciados que são produzidos em uma mesma esfera e os classifica por gêneros do discurso retórico. Os discursos produzidos na esfera jurídica eram chamados de gênero forense; os que sugeriam conselhos ou dissuasão eram conhecidos como gênero deliberativo e, por último, os discursos voltados para a censura e para os elogios eram classificados como gênero demonstrativo.

Essa divisão dos gêneros retóricos também tinha correspondência direta com a relação temporal, isto é, o gênero deliberativo se relaciona com o tempo futuro, o gênero forense com o passado e o demonstrativo está relacionado ao tempo presente. Com essa classificação, houve a possibilidade de delimitar os discursos e reconhecer, através do tema, da relação temporal e do estilo, o auditório próprio para cada gênero supramencionado, além de facilitar a incorporação dos elementos linguísticos próprios a cada gênero.

Após o desenvolvimento dos gêneros próprios da arte retórica, Aristóteles (2011) buscava compreender a linguagem empregada em cada esfera argumentativa que possibilitava a persuasão dos discursos. Para tanto, é no livro III da sua obra que o referido autor se dedica ao estudo do estilo com o objetivo de identificar a persuasão produzida nos discursos por meio dos próprios fatos, bem como compreender qual o estilo empregado nesses discursos que permite a ordenação fatídica.

Em primeiro lugar, o referido autor vai se dedicar ao estilo oratório, mostrando como os tons e o timbre da voz podem expressar sentidos. Nesse sentido, o autor afirma que arte retórica está ligada ao

[...] correto manejo da voz no sentido de expressar as diversas emoções, no que diz respeito a discursar com voz forte, suave ou intermediária; envolve também o estudo dos distintos tons que podem ser assumidos pela voz, em um momento agudo, noutro grave ou médio, já que se ocupa da cadência a ser empregada em cada circunstância (Aristóteles, 2011 p. 212).

Aristóteles inicia o estudo do estilo falando sobre a entonação e argumenta que o que constitui o objeto da atenção dos oradores são: o timbre da voz, a modulação e a cadência. Ademais, para o autor, a voz é um dos instrumentos que mais se presta à representação das coisas e possibilita a produção de sentidos.

No que concerne à arte da oratória, Aristóteles argumenta que os elementos estilísticos que se destacam no discurso cotidiano são os entimemas e a metáfora. Vejamos o que o autor diz sobre esse aspecto:

Os entimemas geram satisfação do ponto de vista das palavras se estas contêm metáforas, mas a metáfora não deve ser artificial, afetada, pois neste caso seria de difícil apreensão; por outro lado, não deve ser óbvia, pois neste caso não produziria impressão. A satisfação também é gerada se as palavras logram construir a perspectiva do ser. Assim portanto é preciso visar estas três facetas do estilo do discurso: a antítese, a metáfora e a afetividade (Aristóteles, 2011 p. 238).

O referido autor trabalhava os elementos da Retórica como uma técnica de argumentação que transcendia a função meramente ornamental do discurso. Para persuadir, o orador necessita dominar algumas técnicas de argumentação e saber usar a linguagem adequadamente com o intuito de alcançar a aprovação do auditório pretendido.

O autor explicita que o uso dos entimemas e das metáforas causa satisfação quando são empregados de maneira equilibrada, buscando trazer para o ouvinte a sensação de clareza, encanto e ao mesmo tempo um ar de estranhamento, algo não familiar. Entre os elementos que compõem as facetas do discurso, o destaque está para as metáforas por analogia, uma vez que Aristóteles (2011) defende 4 tipos de metáfora: do gênero à espécie, da espécie ao gênero, da espécie à espécie e, por último, a metáfora por analogia.

Como exemplo de metáfora por analogia, entre vários exemplos apresentados pelo autor, destacamos o verso iâmbico de Anaxandrides a respeito das suas filhas que demoraram casar: “Minhas filhas deixaram passar o vencimento do casamento.” Aqui existe uma analogia entre o casamento e um contrato que passou da sua validade, para substituir a ideia de que as filhas passaram da idade de casar. Para o autor, é na metáfora por analogia que se encontra o caráter descritivo e experiencial do orador. O caráter experiencial e descritivo das metáforas analógicas conferem ao discurso um aspecto de atividade, dinamicidade.

Em Aristóteles, as figuras passam a ser figuras argumentativas e não meras figuras ornamentais do discurso. Este autor trabalha com a divisão entre a Retórica – arte de comunicação usada para fins persuasivos, e a Poética – arte imaginária, ou seja, discursos feitos com fins essencialmente poéticos e literários. Ele faz essa divisão por não concordar em reduzir a Retórica à criação da arte literária.

Sendo assim, ele classifica os elementos da arte oratória e da poética, mas não se detém numa classificação pormenorizada das figuras de linguagem. Essa pormenorização das figuras ficaria

a cargo dos retóricos posteriores, como: Fontainer⁸, com a classificação das figuras do discurso, e Durmasais com os tratados dos tropos.

Para Aristóteles (2011), a Retórica tem sido resumida à mera manipulação linguística, mas, na verdade, ela é uma ciência que opera tanto na heurística como na hermenêutica dos dados que interferem nos discursos. Para ele, a Retórica é uma ciência que permeia múltiplas áreas do conhecimento humano.

A Retórica perde seu lugar de prestígio a partir do século XVIII com a chegada do Romantismo e a valorização do individual e o repúdio a normas estabelecidas de imitação como princípio artístico. Nesse período, era supervalorizada a classificação com o fim em si mesmo, fazendo do texto literário um pretexto para a classificação e denominação das figuras, com prejuízo da emoção e do prazer que ele deveria proporcionar.

Com a decadência da Retórica, surgem novas abordagens estilísticas que abrigam os elementos argumentativos e estilísticos da linguagem pautados na esteira estruturalista. É nesse momento que o autor Charles Bally, discípulo de Saussure, protagoniza os estudos da estilística da língua pautado na mesma ideia de estrutura, ele vê os aspectos expressivos e afetivos da língua como pertencente a um sistema expressivo cuja tarefa de descrição não cabe a Linguística, mas a Estilística.

Por volta de 1960, a Retórica retoma sua valorização a partir dos escritos de Pierre Guiraud, Roland Barthes, Gerard Genette, J. Cohen, Chaim Perelman, L Olbrecht- Tyteca, entre outros que têm renovado os estudos retóricos em obras de real importância para a compreensão dos estudos retóricos da época. Nesse trabalho, destacaremos os autores Gerard Genette e J. Cohen e como eles abordavam as questões das figuras de linguagem ou tropos em seus escritos.

Genette (1972) busca explicitar a definição de figuras usadas pelos poetas que atribuíam imagens aos seus textos poéticos. A presença da metáfora e de outras figuras eram vistas como a imagem da poesia moderna da época. O referido autor começa o texto tecendo críticas a alguns autores, a exemplo de Snorri Sturluson⁹, que buscavam reduzir as imagens

⁸ autor francês que se dedicou a escrever fábulas e foi considerado como o pai da fábula moderna. Para ele a fábula “É uma pintura em que podemos encontrar nosso próprio retrato”. Algumas fábulas escritas e reescritas por ele são: A Lebre e a Tartaruga, O Homem, A Cegonha e a Raposa, O Menino e a Mula, O Leão e o Rato, O Carvalho e o Caniço, a Raposa e a Uva. O referido autor também se dedicou ao estudo da retórica e foi responsável por trazer as classificações das figuras.

⁹ Snorri é geralmente considerado o autor da Edda em prosa, uma obra complexa composta por quatro partes:^[8] um Prólogo que tenta harmonizar a mitologia nórdica com a tradição greco-romana, seguida da Gylfaginning ("a ilusão de Gylfi"), uma narrativa fantástica em que, por meio de um diálogo entre o rei lendário Gylfi e o deus Odin, é explicada grande parte da cosmologia e mitologia nórdicas. A terceira parte é a Skáldskaparmál ("linguagem poética"), outra fonte importante de lendas nórdicas escrita como uma espécie de manual de arte

metafóricas dos poemas a uma lista de traduções, como se fosse uma relação lógico-matemática. Para essa atitude, Genette (1972) vai chamar de ato antipoético.

A ideia de figura é traçada pelo autor buscando mostrar que entre o que o escritor escreve e o que ele pensa há um espaço a ser preenchido; logo, como todo espaço, há uma forma e esta é chamada de figura. Para Genette (1972) a figura está localizada entre a linha do significante (a estrutura linguística) e do significado (o sentido dado a estrutura linguística). Genette (1972) busca traçar um caminho equivalente às questões do signo linguístico em Saussure, e para isso ele pauta sua análise das figuras buscando fazer uma correlação entre o que Saussure chama de significante e imagem acústica (conceito). Nesse espaço entre estrutura e sentido há uma lacuna a ser preenchida, essa lacuna é justamente a intenção do autor ao escolher tal palavra ou tal expressão que contenha necessariamente um equivalente literal dentro do sistema linguístico.

A figura é estabelecida quando o sentido forma uma ambiguidade: uma palavra que possui um sentido literal e um sentido intencional (virtual). É o caso das metáforas e de outras figuras empregadas na linguagem, como por exemplo: “Paula ficou uma fera.” O vocábulo **fera** possui seu sentido literal de se referir a um animal selvagem, bem como aqui temos a intencionalidade do autor ao escolher esse vocábulo para caracterizar o sujeito Paula, tornando o sentido literal no sentido virtual: brava, enraivecida. É o que o autor vai chamar de modificação especial, uma vez que, para ele a expressão comum não tem forma, mas a figura sim. Mais uma vez, o autor retoma a ideia de que a figura é a “separação entre o signo e o sentido, é o espaço interior da linguagem.” (Genette, 1972, p. 201).

Esse princípio de ambivalência e traduzibilidade da figura que Genette (1972) defende é herdado da Retórica de Fontainer (1968), o último grande retórico francês que sustentava a ideia de que para haver uma figura, é preciso haver pelo menos a presença de dois termos a comparar, duas palavras a combinar, um espaço onde o pensamento possa girar”. (Fontainer, 1968 *apud* Genette, 1972 p. 204). Esses autores seguem o princípio que toda figura é traduzível.

Genette (1972 p. 202) estabelece os limites entre o sistema linguístico e as formas retóricas. Para ele, qualquer frase mesmo a mais simples e mais comum, qualquer palavra, mesmo a mais simples e a mais comum, possui uma forma: os sons sucedem-se de uma certa

poética para escaldos (os poetas nórdicos). A última parte é o Háttatal, uma lista de formas de métrica poética. Disponível em: https://classicosliterarios.com/snorri_sturluson.html

maneira, dentro de uma certa ordem para formar as palavras, as palavras para formar frases. Contudo, esses procedimentos são puramente gramaticais e são de interesse da fonética e da sintaxe. Já a forma retórica se interessa pela possibilidade de comparação de uma forma de palavra ou de uma frase à outra frase que poderia ter sido empregada no lugar dela e que podem ser consideradas equivalentes. Como no caso do vocábulo **fera** que citamos anteriormente. No contexto da frase “Paula ficou uma fera”, o vocábulo **fera** possui seu significado comum, linguístico, podendo ser substituído por selvagem, como também esse termo, de acordo com o contexto frasal, ganha um sentido retórico, estilístico, ele passa a ser equiparado com os termos enraivecida, brava.

Ao estabelecer esse limite entre o fato gramatical e o fato retórico, Genette (1972) afirma que a Retórica está ligada à duplicidade da linguagem; portanto, para se compreender uma figura é necessário estabelecer a equivalência entre termos. Isto é, “a figura não é, pois, nada mais que a sensação de figura, e sua existência depende totalmente da consciência que o leitor toma ou não da ambiguidade do discurso que lhe é proposto.” (Genette, 1972, p. 207)

Após estabelecer uma definição para as figuras, o referido autor menciona como a Retórica as classificava considerando sua forma e função dentro do discurso. A classificação das figuras dividia-se em: figuras de palavras tomadas em sua forma ou figuras de dicção; figuras de construção que se referiam à ordem e número das palavras na frase; figuras de elocução referente à frase inteira ou figuras de estilo e, por último, as figuras de pensamento que se referiam ao enunciado. Alguns retóricos, a exemplo de Fontainer (1968), estabeleceram subdivisões dentro dessa classificação apresentada. Um exemplo dessas subdivisões proposta pelo autor supramencionado é o caso das figuras de elocução, as quais se subdividem em extensão, como o epíteto, figuras de redução, como a sinonímia, de ligação, como a abruptão que é uma ligação zero, por consonância e aliteração.

O que Genette (1972) reteve da retórica antiga não foi propriamente seu conteúdo, mas o princípio da traduzibilidade das figuras, a equivalência da definição das figuras com o princípio do signo verbal herdado por Saussure. Para ele, o que se pode conservar da velha retórica (praticada nos séculos anteriores ao século XIX),

[...] não é seu conteúdo, mas seu exemplo, sua forma, sua ideia paradoxal de Literatura como uma ordem baseada na ambiguidade dos signos, no espaço exíguo, mas vertiginoso, que se abre entre duas palavras do mesmo sentido, dois sentidos da mesma palavra: duas linguagens da mesma linguagem. (Genette, 1972 p. 212).

Como podemos observar, os estudos de Genette (1972) relacionado a figura retórica se desenvolveu partindo do princípio da ambivalência ou traduzibilidade, estabelecendo um limite entre o que é gramatical e o que é retórico. A figura possibilita a derivação de sentidos, ela produz o sentido real e intencional do autor como vimos no exemplo do vocábulo **fera** acima. Já os vocábulos que estão no nível gramatical se restringem a seu significado lógico e não permite a ambiguidade e/ou derivação de sentidos.

As contribuições que o supracitado autor trouxe para a retórica foi o estabelecimento do conceito de figura que demonstra a natureza ambígua e dinâmica dos elementos retóricos em detrimento da natureza lógica dos elementos gramaticais. Após os estudos sobre o conceito de figura do autor Genette (1972), vejamos como o Cohen (1975) trata as questões dos elementos retóricos na sua obra *Teoria da figura*.

No texto *Teoria da Figura*, Cohen (1975) trabalhando com a noção da lógica e sua ligação com a linguagem, pautado no pensamento filosófico racionalista, explicita que o desenvolvimento dessa relação se deu com o aparecimento das teorias analíticas de Aristóteles, as quais foram incorporadas como paralelismo lógico-gramatical nos seus estudos. Entretanto, Cohen também é adepto do princípio dinâmico da linguagem e, portanto, busca ver as questões das figuras dentro de uma lógica-reflexiva, uma vez que o estabelecimento de um modelo ideal de funcionamento da linguagem esbarra na dinamicidade e vivacidade dos discursos.

Ao observar as figuras por um prisma lógico-reflexivo, ele procura estabelecer uma ponte entre um estudo sistemático (correspondente à lógica) e um estudo de cunho semântico; ou seja, para o autor, todas as figuras de linguagem podem ser consideradas como figuras semânticas. Para ratificar essa ideia, Cohen (1975, p. 17) afirma que

[...] o conjunto das figuras semânticas da retórica constituem outras tantas violações da regra fundamental e que só diferem entre si, através da diversidade de suas formas sintáticas e de seus conteúdos, na mesma proporção de força ou grau, atingidos por tal transgressão.

Essa citação demonstra que o autor parte da ideia de figuras como um desvio da norma linguística, como uma transgressão do padrão gramatical. Ele postula que cada figura semântica possui um grau de transgrediência em relação à regra fundamental da língua e por isso é classificada de modos diferentes.

Cohen (1975) busca tratar as figuras consoante ao pensamento de Durmasais (1793) que traz o conceito de tropologia a toda figura correspondente à Semântica, distanciando assim os

estudos das figuras da Retórica e buscando demonstrar que o estudo dos tropos pertence à Gramática. Para ratificar esse posicionamento, Cohen assevera que, para Durmasais (1793) a tropologia já não pertence à Retórica, mas à gramática:

A figura é tradicionalmente definida pela retórica como um distanciamento em relação ao uso. Durmarsais lembra essa verdade desde o início, em seu célebre trabalho *Des Tropes*: “Definem-se comumente as figuras como maneiras de falar, distanciadas daquelas que são naturais e comuns; como certos rodeios e modos de expressão, que se distanciam de forma comum e simples de falar”. E entre esses “modos de expressão”, há alguns que dizem respeito especialmente ao sentido, os tropos (Cohen, 1975, p. 28).

Cohen (1975) destaca as seguintes figuras que estão inseridas no estudo dos tropos: Metáfora (Semelhança); Metonímia (contiguidade); Sinédoque (Parte/Todo); Ironia (contrariedade); Hipérbole (mais em vez de menos); Lítotes (menos em vez de mais).

Cohen (1975) assinala que os tropos, para Durmasais, são figuras de expressão diretamente relacionadas com o sentido e, portanto, devem ser tratadas pela semântica. Consoante a esse pensamento, Cohen afirma que a tropologia é a parte propriamente semântica da teoria das figuras. Segundo ele:

Toda figura comporta um processo de descodificação em dois tempos, dos quais, o primeiro consiste na percepção da anomalia, e o segundo, em sua correção, através da exploração do campo paradigmático, em que se agrupam as relações de semelhança, contiguidade, etc., graças aos quais será descoberto um significado suscetível de fornecer ao enunciado uma interpretação semântica aceitável (Cohen, 1975, p. 35).

Aqui, o autor postula a questão da interpretação semântica das figuras de linguagem de acordo com o mesmo caminho traçado por Genette (1972), o qual buscava afirmar que para um elemento linguístico ser classificado como figura, ele precisa ser traduzível, isto é, a figura passa por dois processos: 1) o reconhecimento do termo ambíguo pelo leitor; 2) a interpretação desse termo ambíguo em um termo literal. Cohen segue a ideia da lógica reflexiva, adotando essa postura de traduzibilidade das figuras e também a noção de distanciamento que ele confere ao aparecimento das figuras nas orações, usando a semântica como caminho para a interpretação.

Após o estabelecimento de alguns conceitos e funcionamento da linguagem figurada, Cohen busca trazer algumas informações acerca de como eram tratadas as figuras pela retórica tradicional. Ele afirma que as figuras de linguagem eram vistas pela retórica como responsáveis

por embelezar e dar vida ao discurso, limitando, assim, sua função à questão estética e afastando-as da importância semântica e persuasiva que as mesmas conferem ao discurso.

A função da linguagem figurada é estética. A figura empresta ao discurso mais “graça”, “vivacidade”, “nobreza” etc., termos igualmente vagos e quase sinônimos que se relacionam com a grande função estética, a qual, ao lado do “ensino” e da “persuasão”, constitui a plurifuncionalidade da linguagem, segundo a retórica tradicional. (Cohen, 1975, p. 37).

As figuras, ou mais precisamente os tropos, são plurifuncionais e estabelecem sentidos ao discurso ligado à intencionalidade do autor, podendo ser usadas em diferentes gêneros discursivos. Entretanto, foi na linguagem literária que as figuras de linguagem ganharam um espaço maior, passando a ser elementos de expressão ou ornamento linguístico para as poesias e prosas. Elas passaram até mesmo a fazer parte do estilo do autor. Muitas vezes, os autores eram conhecidos pelos usos exagerados ou frequentes de determinadas figuras de linguagem, como é o caso de Machado de Assis, com o uso frequente da ironia. A esse respeito Cohen (1975 p.39-40), assevera que

A teoria das figuras viola os dois princípios sagrados da estética literária, atualmente difundida. A unicidade da obra de um lado, sua unicidade ou totalidade de outro. Transformando as figuras em espécies de universais linguísticos transponíveis de um poema ou de um poeta a outro, ela nega o que constitui a especificidade da arte literária, seu caráter único, sua individualidade essencial.

O autor faz uma crítica à teoria da figura aplicada à estética literária, pois muitos autores tratavam as figuras de forma técnica e padronizada, como se fossem universais linguísticos aplicáveis a qualquer poema ou por qualquer poeta, desconstruindo assim o caráter específico do gênero, como também o caráter semântico dos tropos, como uma figura de expressão a serviço do autor.

Vimos que os estudos retóricos aristotélicos tratavam a retórica como uma ciência que operava a linguagem argumentativa do discurso engendrada pelo uso dos entimemas e das metáforas. A utilização desses elementos argumentativos na visão aristotélica, dava a linguagem um caráter persuasivo, ou melhor, eram considerados como meios de persuasão da linguagem. Além disso, Aristóteles, como vimos acima, desenvolveu os estudos acerca dos gêneros retóricos, a saber: gênero demonstrativo, gênero forense e gênero deliberativo, os quais tinham a finalidade de organizar os discursos em relação ao marco temporal (presente, passado e futuro)

respectivamente; conteúdo e esfera de atuação. Essa formatação dos gêneros retóricos, mais tarde seria ampliada por Bakhtin com os estudos voltados para os gêneros do discurso.

Aristóteles não se deteve a uma lista pormenorizada das figuras, nem focou nos estudos das figuras de linguagem, mas nos elementos argumentativos compreendendo a natureza persuasiva dos entimemas e das metáforas. Sem dúvida, Aristóteles contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento dos estudos argumentativos da linguagem ampliados *a posteriore* por diversos outros autores igualmente consagrados, a exemplo de Perelman & Tyteca com a obra “Tratado da argumentação: a nova retórica”.

Já os estudos retóricos pautados por Genette (1972) focou na definição do que é figura, isto é, nas bases e princípios da formulação do conceito de figura pautado na ideia de signo linguístico de Saussure, buscando demonstrar a ideia da ambivalência e traduzibilidade da figura. Da mesma forma que o signo saussuriano se divide em duas facetas: imagem acústica e significante; a figura só aparece quando há a possibilidade de haver ambiguidade, de poder possuir duas ou mais significações, de possibilitar a derivação de sentidos.

Cohen (1975), por sua vez, pautado no pensamento racionalista, trabalha com a figura ou tropos do ponto de vista da lógica-reflexiva, pois para ele, a figura tem seu lado lógico, mas também dinâmico. A ideia de dinamicidade estabelecida pelo referido autor, faz com que as figuras ganhem um *status* de elemento dinâmico e reflexivo da linguagem. Cohen (1975) desenvolve seu trabalho sobre a teoria da figura legando uma grande contribuição par os estudos semânticos, pois ele, consoante com Durmasais (1793) atribui a semântica a responsabilidade de trabalhar a tropologia, aproximando assim os elementos retóricos dos estudos pertencentes a Linguística.

A partir do século XX, os estudos dos elementos retóricos passaram a ser desenvolvidos pelas teorias da estilística, as quais reassumem o papel da retórica no tocante aos aspectos expressivos e estilísticos da língua. No próximo tópico buscaremos trazer informações concernentes ao tratamento dado aos elementos estilísticos por parte das abordagens estilísticas do século XX.

2.2 As estilísticas do século XX e seus desdobramentos teóricos

A linguagem é um campo bastante denso e complexo, haja vista que dentro dela ocorre inúmeros processos pelos quais a língua é realizada. São processos de ordem sonora, sintática, semântica, psicológica, interacional etc., enfim, são redes de relações que se estabelecem para o funcionamento da língua e com isso gerar sentidos para que haja o processo de comunicação

entre sujeitos. Assim, compreendemos que o enunciado “[...] é só um momento, uma gota no fluxo da comunicação discursiva, tão ininterrupto quanto a própria vida social e a própria história.” (Volóchinov, 2015, p 267).

Sabendo dessas complexidades e da impossibilidade de compreender a linguagem dentro de um recorte temporal-espacial, Bakhtin e os integrantes do Círculo observavam as fronteiras que as teorias linguísticas do século XX delimitavam para o estudo da linguagem. Os autores buscavam compreender quais eram os caminhos que a Linguística e a Filosofia da Linguagem percorriam para se chegar à compreensão dos fenômenos linguísticos. Para tanto, Volóchinov (2010) buscando traçar caminhos para entender de forma geral as teorias que estavam em voga na época, delimita duas linhas mestras do pensamento linguístico-filosófico, a saber: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato.

A primeira tendência do pensamento linguístico filosófico, a qual o referido autor vai denominar de subjetivismo idealista, abrange as teorias linguísticas que buscam observar a língua pelo viés das leis da psicologia individual, ou seja, a língua é uma atividade criativa ininterrupta de construção materializada através do ato de fala.

Para essa tendência, Volóchinov destaca como principal representante o linguista Wilhelm Humboldt que, ao considerar a língua como produto do espírito humano, concentra seus interesses no ato de fala e na constituição do psiquismo individual como a fonte constituinte da língua. Humboldt trabalha na descrição das línguas e suas relações internas, considerando a importância do uso individual da língua por um sujeito e defendendo a ideia de que a compreensão do pensamento se dá pela própria língua.

Além de Humboldt, o autor cita Steintahl¹⁰ pelo fato de este também partir da ideia de que o psiquismo individual é a fonte da língua, bem como Wundt¹¹ por explicitar a língua do ponto de vista da psicologia dos povos, isto é, a língua é o conjunto ou a soma dos psiquismos

¹⁰ Heymann Steintahl mediou parte da recepção de Humboldt com “As obras filosóficas de Wilhelm von Humboldt sobre a linguagem” (Die sprachphilosophischen Werk Wilhelm’s von Humboldt, 1884), porém focando-se em conceitos humboldtianos mais filosóficos como a “forma interna da língua” (Inneren Form), a construção do mundo através da língua (Weltbild der Sprache) e a teoria das visões de mundo (Weltansichtentheorem), e deixou em segundo plano os estudos empíricos e histórico-comparativos. (FERREIRA, 2020 p. 38)

¹¹ Ao definir a psicologia como ciência da experiência imediata, Wundt pretendia atacar uma concepção de psicologia, muito comum em sua época, que tratava a mente como se fosse uma substância ou entidade, seja espiritual (espiritualismo) ou material (materialismo). Para ele, essa forma de fazer psicologia estaria equivocada porque se baseia em hipóteses metafísicas que extrapolam toda a possibilidade de experiência. Como sua intenção era fundar uma nova psicologia - autônoma e independente de teorias metafísicas -, a única alternativa era recusar por completo essas concepções metafísicas acerca do objeto da psicologia e propor uma outra, que se atenha à experiência psicológica propriamente dita. Na psicologia wundtiana, só há aquilo que é dado na experiência, entendida sempre como um conjunto de processos interligados (Wundt, 1911a [1904]). (ARAÚJO, 2009)

separados dos indivíduos, uma vez que só os indivíduos possuem o acesso à realidade total da língua.

Como podemos perceber, todos os autores supracitados partem da ideia de uma língua puramente psicológica, sem considerar outros aspectos pelos quais o processo de comunicação passa para poder gerar a língua que conhecemos e compartilhamos com um grupo social organizado.

Ainda localizada dentro da tendência do subjetivismo idealista, uma teoria que emerge como uma negação do positivismo é a teoria de Vossler. Para Volóchinov (2010 p. 77) “o que caracteriza a escola de Vossler é a negação categórica e de princípio do positivismo linguístico, que não consegue ver mais além das formas linguísticas (em particular as fonéticas, as que são positivas) e do ato psicofisiológico que as engendra”.

É na escola de Vossler que Volóchinov percebe o aparecimento em primeiro plano do componente ideológico, ou seja, o foco da escola vossleriana está para o conteúdo ideológico, as escolhas do falante, o estilo individual da linguagem, o que ele vai designar de “gosto linguístico”. Nos tópicos posteriores trataremos sobre a estilística vossleriana com mais detalhes; por ora, entendemos que diferentemente de Humboldt, Steintahl e Wundt, Vossler parte do conhecimento da língua como um ato estético/estilístico. É o ato de criação individual da fala e não a estrutura fônica e gramatical que define a realidade da língua.

Em relação à segunda tendência de pensamento, Volóchinov (2010 p. 79) afirma que o sistema linguístico (sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua) é considerado como o centro organizador de todos os fatos da língua. É a língua como um sistema de normas fixas que se mantém compreensível para todos os locutores de uma determinada comunidade linguística. Para a tendência do objetivismo abstrato, as leis que governam o sistema interno da língua são “puramente imanentes e específicas, irreduzíveis a leis ideológicas, artísticas ou quaisquer outras.” (Volochínov, 2010 p.81)

O autor supracitado destaca 4 (quatro) características que sintetizam a essência das teorias que se encaixam na segunda orientação. São elas

1. A língua é um sistema estável, imutável, de formas linguísticas submetidas a uma norma tal qual à consciência individual e preempatória para esta.
2. As leis da língua são essencialmente leis linguísticas específicas, que estabelecem ligações entre os signos linguísticos no interior de um sistema fechado.
3. As ligações linguísticas específicas nada têm a ver com valores ideológicos (artísticos, cognitivos ou outros).

4. Os atos individuais de fala constituem, do ponto de vista da língua, simples refrações ou variações fortuitas ou mesmo deformações das formas normativas. (Volóchinov, p. 85, 2010).

As características citadas acima correspondem às ideias desenvolvidas no racionalismo do século XVII a XVIII. Tal movimento parte da ideia de uma língua convencional e arbitrária. O linguista Leibniz é um dos exemplos de teóricos que seguiram as ideias racionalistas pelo fato de exprimir em seus escritos a ideia da existência de uma gramática universal. Já na contemporaneidade, mais precisamente a partir do século XX, emerge da escola de Genebra, os estudos do linguista Ferdinand de Saussure que, segundo Volóchinov (2010), é a mais brilhante expressão do objetivismo abstrato por partir de princípios que se encaixam dentro das quatro proposições supramencionadas.

Para Saussure, a linguagem não constitui um objeto da linguística pela sua essência heterogênea e compósita; porém, a língua, considerada como “norma de todas as demais manifestações da linguagem” (Volochínov, 2010 p. 88), pode ser destacada como um objeto de estudo empírico. Saussure recorta a língua como seu objeto, pois para ele a língua se constitui como fato social por ser um instrumento de comunicação partilhado por uma comunidade.

Pautado numa abordagem estruturalista, o autor concebia a língua como sistema de normas imutáveis e estanques. Ao destacar a língua como objeto de estudo, a fala aparece para Saussure como algo individual e secundário responsável por materializar a língua. A fala sob essa perspectiva não interfere no funcionamento da língua, haja vista que esta era considerada um sistema homogêneo, regido por regras, sendo o falante mero reproduzidor dos elementos organizados dentro desse sistema.

Essa abordagem parte do princípio da imanência da língua, isto é, a língua estudada em si mesma e por si mesma. Nesse sentido, os estruturalistas desconsideram todo fenômeno extraverbal, uma vez que para tal corrente não há interferência do extraverbal no funcionamento do “sistema” da língua.

Volóchinov (2010) postula que para a primeira orientação, a essência da língua se encontra em sua história; a lógica da língua para a primeira tendência está nas renovações constantes das enunciações individuais e estilisticamente únicas. Para essa tendência, o foco se encontra no ato individual da fala. Já a segunda orientação defende a ideia de substância da língua dentro de um sistema de normas fixas e regido por leis idênticas e imutáveis.

Nesse sentido, o estudo realizado por Volóchinov acerca das duas tendências do pensamento filosófico nos mostra a forma como essas correntes de pensamento conduziram o

estudo da linguagem de formas diametralmente oposta: enquanto a primeira buscava focar no ato de fala para explicitar os fenômenos linguísticos, a segunda buscava enfatizar que era a língua que deveria possuir uma posição de destaque por ser um sistema de normas compartilhado entre comunidades.

Após à explicitação das duas tendências do pensamento, Bakhtin e o Círculo continuam observando que existe uma grande lacuna a ser preenchida para se chegar a uma compreensão mais abrangente da linguagem. Como foi mencionado no início do capítulo, os recortes feitos pelos estudiosos para entender os fenômenos linguísticos acabam por deixar escapar sua essência. Ambas as tendências, ao priorizar um objeto de estudo, não abordaram questões que são indispensáveis para o processo de comunicação.

Ao reivindicar um equilíbrio para os estudos dos fenômenos linguísticos, Bakhtin e o Círculo direcionam seus olhares para a compreensão da dinamicidade e dialogicidade intrínseca da linguagem. O Círculo buscava entender a linguagem partindo da observância do processo real e vivo de comunicação. Para tanto, percebia a importância dos elementos extraverbais, a saber, a importância dos sujeitos interlocutores e seus pontos de vista e o contexto de produção dos enunciados para se chegar à explicitação dos sentidos dos elementos linguísticos.

Partindo do estudo acerca das teorias estilísticas e buscando compreender o percurso trilhado por estas teorias, seguindo a delimitação das linhas mestras do pensamento linguístico-filosófico destacada por Volóchinov (2010), focaremos no próximo tópico na estilística da língua trilhando a mesma esteira do objetivismo abstrato cujo principal representante foi o linguista Charles Bally; e seguindo os princípios do subjetivismo idealista, destacaremos a estilística vossleriana cujo enfoque está para o sujeito enunciador e suas escolhas estilísticas.

2.3 A estilística saussuriana (objetivismo abstrato)

A partir do século XX, a estilística reaparece assumindo o lugar da antiga retórica. De acordo com Guiraud (1975 *apud* Martins, 2000, p.20), “A Retórica é a Estilística dos antigos; é uma ciência do estilo”. Os responsáveis por trazer à tona os estudos estilísticos no século XX foram Charles Bally (1865-1947), introduzindo na Linguística os estudos acerca da estilística da língua; e Leo Spitzer (1887-1960), que influenciado pelas ideias da filosofia idealista de B. Croce (1866-1952) e K. Vossler (1872-1949), transformou-se na figura exponencial da estilística literária ou estilística idealista.

Seguindo a esteira do objetivismo abstrato, bem como trilhando os passos do seu mestre, Ferdinand de Saussure, o linguista Charles Bally ganha destaque no estudo da Estilística por ter sido o precursor das análises sobre o elemento estilístico separado do elemento linguístico. Bally é responsável por ampliar os estudos linguísticos, voltando-se para “os aspectos efetivos da língua falada, da língua viva, espontânea, mas gramaticalizada, lexicalizada e possuidora de um sistema expressivo cuja descrição deve ser a tarefa da estilística” (Martins, 2000, p. 3-4).

Martins (2000) afirma que Bally estudava a linguagem em duas facetas: a intelectual ou a lógica e a afetiva – ou seja, ele estudava como o sistema impessoal da língua (estudado por Saussure) era convertido na matéria viva da fala humana. Sem sair do foco da língua como o objeto de investigação da linguística, Bally busca trazer à baila os seus aspectos expressivos, sem dar destaque aos aspectos de enunciações individuais do processo de comunicação, haja vista que o supracitado autor não se volta para o discurso, mas para o conjunto de expressões que são evidenciados no sistema da língua coletiva. Assim nasce a Estilística da Língua, abordagem responsável pela descrição do equipamento expressivo da língua como um todo, opondo seus estudos estilísticos às abordagens que se prestam a observar os estilos individuais e também os estilos literários.

Diferentemente de Bally, J. Marouzeau¹² e M. Cressot estudavam a estilística do ponto de vista da fala dentro da linguagem literária. Os referidos autores voltam-se para a linguagem literária por entenderem que esta é o domínio da estilística por excelência. Entretanto, eles usam o mesmo método de descrição de Bally para analisar a linguagem literária. Em outras palavras, eles usavam a linguagem literária apenas como objeto de investigação linguística. Assim, por princípio, eles continuam dentro da mesma abordagem estruturalista.

No Brasil, Martins (2000) cita dois autores que buscaram seguir os passos de Bally: Manuel Rodrigues da Lapa (1945) e Matoso Câmara Junior (1952). Ambos os autores buscaram desenvolver seus estudos focando na descrição dos elementos expressivos da língua portuguesa. Matoso Câmara Junior (1952) é quem expande seus estudos sobre a estilística, buscando apoio

¹² Marouzeau foi fundador da Sociedade de Estudos Latinos e da *Revue des Etudes Latines* (1923), bem como de *L'Année philologique*: bibliografia anual de publicações relativas à Antiguidade Greco-Romana; autor de obras de grande relevância para os estudos linguísticos e estilísticos, tais quais: A frase verbal "ser" em latim (1910), A ordem das palavras na frase em latim (1922-1953), tratado sobre estilística aplicada ao latim /... latim (1935; 1946; 1954). Informações disponíveis em: https://pt.frwiki.wiki/wiki/Jules_Marouzeau, acesso em 02/12/2022.

teórico em Karl Buhler (1934) e na sua teoria das funções da linguagem, a saber: representação, apelo e expressão.

Para Câmara Júnior (1952), a estilística é uma disciplina complementar da gramática, pois enquanto esta estuda a língua como meio de representação, a estilística estuda a língua como meio de exprimir estados psíquicos (expressão) ou de atuar sobre o interlocutor (apelo). O desdobramento da teoria Buhler (1934) também converge com as ideias de Bally (1941) no tocante ao estudo da descrição da língua em duas facetas: a intelectual e a afetiva. A intelectual ficaria a cargo da gramática enquanto a afetiva a cargo da estilística.

Martins (2000), além de trazer informações sobre a estilística da língua tendo como principal representante Charles Bally, também explicita alguns desdobramentos da estilística em outras perspectivas teóricas de acordo com o ponto de vista linguístico de alguns autores, como por exemplo, David Crystal e Derek Davy que estudavam a estilística do ponto de vista da sociolinguística, focando nos aspectos variacionistas da língua; a estilística funcional, pautada nos estudos de Roman Jakobson, a qual pauta seus estudos na teoria conhecida como as seis funções da linguagem de Jakobson.

Apesar de todos esses desdobramentos teóricos dos estudos da estilística, o princípio vislumbrado nessas abordagens segue a mesma esteira da estilística da língua, haja vista que o enfoque continua na estrutura e nos aspectos formais da linguagem.

Martins (2000) também relata a existência de uma perspectiva da estilística mais voltada para a literatura e influenciada pelo idealismo alemão de Karl Vossler e Benedito Croce. A estilística literária idealista, como denomina Martins (2000), é uma abordagem que se desvia do princípio estruturalista e se aproxima da abordagem subjetiva, espiritualista do idealismo alemão (veremos com mais detalhe no tópico posterior).

Após à explicitação das características adotadas pela estilística da língua e seus desdobramentos teóricos, focaremos na questão do tratamento dado aos tropos dentro dessa perspectiva teórica.

2.3.1 O tratamento dos tropos na estilística estruturalista

A estilística da língua, de acordo com Martins (2000), é subdividida em: estilística do som, abordando os aspectos fonético-fonológico estilísticos como aliteração, assonância etc; estilística da palavra, abordando a questão da imagem metafórica, símile, metonímia etc;

estilística da frase, tratando da função da elipse, pleonasma, anacoluto; a estilística da enunciação, estudando a prosopopeia etc.; esta última é de cunho discursivo-semântico e está pautada nos estudos de Benveniste.

A subdivisão proposta acima separa as figuras de linguagem em subcategorias conforme mencionamos anteriormente. De acordo com essas subdivisões, selecionamos algumas figuras de linguagem para compreendermos como elas são tratadas na perspectiva estruturalista. Em primeiro lugar, seguindo a ordem supramencionada, começaremos com a explicitação da estilística do som.

De acordo com Martins (2000), a Fonoestilística ou estilística fônica trata dos valores expressivos de natureza sonora observáveis nas palavras e enunciados. Fonemas e prosodemas (acento, entoação, altura e ritmo) constituem um complexo sonoro de extraordinária importância na função emotiva poética. Nessa abordagem, a matéria fônica desempenha a função distintiva e também a função expressiva.

Os sons da língua – como outros sons dos seres – podem provocar-nos uma sensação de agrado ou desagrado e ainda sugerir ideias, impressões. O modo como o locutor profere as palavras da língua pode também denunciar estado de espírito ou traços da sua personalidade (Martins, 2000 p. 26).

Na estilística fônica, os sons da língua são capazes de produzir efeitos de sentidos conforme a entonação do locutor. Algumas figuras de linguagem que podemos citar como pertencentes a fonoestilística são: as aliterações, assonâncias e as onomatopeias. Essas figuras produzem tons avaliativos que, de acordo com Martins (2000), são melhores apreendidos pelos artistas que trabalham com a palavra, isto é, os poetas. Na estilística fônica, as figuras de linguagem estão mais presentes na linguagem poética. É na poesia que os artistas encontram o potencial expressivo dos fonemas. Como exemplo de autores que se dedicaram à estilística fônica, temos: Maurice Grammont (1933) e Morier. Vejamos as definições usadas na fonoestilística para as aliterações, assonâncias e onomatopeias.

As aliterações são repetições insistentes dos mesmos sons consonantais, podendo ser iniciais, ou integrantes da sílaba tônica, ou distribuídos mais irregularmente em vocábulos próximos. Martins (2000) acrescenta que muitos autores incluem o processo de repetição vocálica em sílabas tônicas, conhecida como assonância, na mesma classificação da aliteração. Como exemplo de assonância, a autora traz um verso da poesia de Bilac: “Tíbios Flautins finíssimos gritavam”. (Bilac, Poesias, em obras Reunidas, 1996). Para exemplificar a aliteração, a autora traz exemplos da prosa de Guimarães Rosa, em sua obra Sagarana (p. 321, 2001). O

referido autor usa a estratégia de aliterar duas palavras ligadas sintaticamente (sujeito/verbo), verbo/ advérbio, etc.). vejamos:

“Ferveram faces.”

“...boi berra...”

“E os pretos vendem a vida pela festa do Congado...”

Os exemplos acima reafirmam a posição do escritor em buscar aliterar duas palavras que estão sintaticamente ligadas para sugerir a ideia de estreitamento de relações através das repetições sonoras e da relação sintática entre as palavras. Observamos não só nesses autores supracitados, mas também em outros autores ligados à literatura, o uso frequente das aliterações e assonâncias para se obter através das repetições dos sons, um valor expressivo para os versos e prosas. Vemos que estas análises recortam apenas as funcionalidades estruturais e fonéticas das figuras e não buscam o aprofundamento no que diz respeito ao contexto situacional das produções desses discursos, nem a intencionalidade discursiva do autor. As análises estruturais focam no valor expressivo dos signos linguísticos. Falando sobre os graus expressivos das figuras, veremos adiante qual o tratamento dado às onomatopeias pela estilística da língua.

A onomatopeia é definida como uma reprodução de um ruído por um grupo de sons da linguagem. Para Martins (2000 p. 48), as onomatopeias “têm o seu tanto de convencional e são apreendidas como outros elementos da língua e não recriadas espontaneamente por cada falante.” A autora está fundamentada na noção saussuriana de motivação e arbitrariedade signíca da linguagem. A autora acrescenta que Bühler, ao defender o caráter representativo da linguagem, converge com a noção de arbitrariedade dos signos de Saussure. Bühler afirma que “a linguagem é essencialmente representativa, com signos arbitrários, e a onomatopeia ou pintura sonora é apenas “uma tolerância da linguagem” (Bühler, *apud* Martins, 2000 p. 47).

Seguindo esse posicionamento teórico, Martins (2000) descreve os níveis de onomatopeias defendidas por alguns autores. Aqui ela traz a visão de Herculano de Carvalho (1973), o qual afirma que as onomatopeias passam pelo nível de sons imitativos acidentais, onomatopeias convencionais, onomatopeias convertidas em palavras lexicalizadas. Vejamos:

- a) sons imitativos produzidos acidentalmente pelo homem com caráter momentâneo e individual. Ex: viív..... kikkik! (criadas por Guimaraes Rosa acidentalmente em seus escritos).
- b) onomatopeias propriamente ditas ou convencionais: objeto sonoro de configuração definida e valor significativo constantes. Ex: tic tac, dlim dlão etc.

c) Se o significante onomatopéico passa a desempenhar um papel sintático na frase e recebe uma categoria gramatical, já temos uma forma lexicalizada e não uma onomatopéia propriamente dita.

Ex: Categoria de substantivo: uivo, estalo, ribombo.

Categoria de verbo: tilintar, bimbalar, zumbir etc.

A estilística fônica e as definições de aliteração, assonância e onomatopéia nos mostram um recorte da realidade das figuras de linguagem. Como podemos perceber, essas figuras aqui são analisadas apenas do ponto de vista de sua expressividade sonora, no nível da estrutura linguística. Os efeitos de sentidos aqui são reduzidos ao nível fonético, recortando a importância do contexto social para a interpretação desses elementos da língua. Passaremos agora para a explicitação da estilística da palavra.

De acordo com Martins (2000 p. 71) “a estilística léxica ou da palavra estuda os aspectos expressivos das palavras ligados aos seus componentes semânticos e morfológicos, os quais, entretanto, não podem ser completamente separados dos aspectos sintáticos e contextuais”. A estilística da palavra está pautada nas análises estruturais e semânticas dos elementos estilísticos. Os aspectos expressivos aqui correspondem à estrutura semântica da palavra ligada à sua função sintática e contextual e não tem relação com o nível discursivo.

Para estudar de forma mais específica a estilística das palavras, a autora recorre à definição de léxico que corresponde a um conjunto de palavras de uma língua. Apesar de geral e impreciso, esse conceito, de acordo com a autora, é o mais aceitável entre os estudiosos da área lexical. Após o estabelecimento de uma definição de léxico, a autora divide a estilística da palavra em: palavras gramaticais e palavras lexicais.

As palavras gramaticais, de acordo com Ullmann (1973 *apud* Martins 2000) são palavras sinsemânticas, por serem significativas quando acompanhadas de outras, em oposição às autossemânticas que têm significação por si mesmas. Martins (2000) descreve as funcionalidades das palavras gramaticais, explicitando que estas têm a função de: 1) relacionar o enunciado com a situação da enunciação, indicando os participantes da comunicação, o espaço e o tempo em que ela se dá. Essa funcionalidade corresponde aos dêiticos (eu, tu, e suas variantes, aqui, aí, agora, possessivos e demonstrativos referentes à 1ª e 2ª pessoas, etc.); 2) substituir ou referir algum elemento presente no enunciado – anafóricos ou representantes (ele, demonstrativos não relacionados à 1ª e 2ª pessoas, etc.); 3) atualizar os nomes, transformando-os de elementos do paradigma ou palavras de dicionário em termos da frase. São os

determinantes (artigo, pronomes adjetivos, numerais); 4) indicar quantidade e intensificação (numerais, pronomes indefinidos quantitativos, advérbios quantitativos); 5) relacionar palavras no sintagma (preposições) e orações na frase (conjunções e pronomes relativos); 6) estabelecer coesão textual, seja dentro de uma frase, seja entre frases diversas (anafóricos, conjunções).

A autora parte das funcionalidades das palavras gramaticais para explicitar a fronteira que existe entre o elemento gramatical e estilístico, uma vez que a estilística, nessas palavras, se estabelece quando há possibilidade de uma alteração ou violação das regras para um efeito expressivo. A autora acrescenta que:

Palavras gramaticais podem perder, em certos empregos, esse valor gramatical e tornar-se meros elementos de realce ou ainda receber um valor nocional, aproximando-se das palavras lexicais. Também palavras lexicais podem perder seu valor nocional, gramaticalizando-se (Martins, 2000 p. 73).

Dito isso, a autora traz alguns exemplos do valor expressivo das palavras gramaticais, mostrando a possibilidade dessas alterações e desvios de funcionalidade dentro da língua. O exemplo abaixo demonstra o significado de alguns advérbios como: cá, lá aqui. Esses advérbios podem perder suas funções pronominais, transformando-se numa função substantiva. Vejamos:

Ex: “eu cá sei das minhas dificuldades” / “Eles lá resolveram o caso” / sei lá o que ele quer.

A autora vai chamar esse processo de transformação de determinados vocábulos em substantivo de nominalização que permite a transformação de qualquer vocábulo em substantivo. Aqui percebemos a linha tênue que separa o aspecto gramatical do valor expressivo. A expressividade dos vocábulos na estilística da palavra gramatical é apresentada através do seu desvio ou alteração de funcionalidade.

Diferentemente das palavras gramaticais, as palavras lexicais são definidas por Martins (2000 p. 77) como:

palavras nocionais, reais e plenas que, mesmo isoladas, despertam na mente do leitor uma representação, seja de seres, seja de ações, seja de qualidades de seres ou modos de ações. Essas palavras possuem também um valor semântico extralinguístico, uma vez que remetem a algo que está fora da língua e que faz parte do mundo físico, psíquico ou social.

As palavras lexicais correspondem aos substantivos, adjetivos e advérbios derivados de adjetivos ou substantivos, verbos que exprimem ação e processo mental, exceto os verbos de ligação e os auxiliares que são classificados como palavras gramaticais.

Na esfera discursiva, as palavras lexicais não entram apenas com o seu valor nocional, mas também com uma função sintática acompanhada necessariamente de gramemas, a saber,

as desinências flexionais de número, gênero, pessoa, tempo e modo. No que concerne à significação, a autora cita Tatiana Slama Cazacu, a qual defende a posição de que as palavras possuem um núcleo convencional ou significativo fundamental que é adquirido no quadro da experiência social. Consoante a esse posicionamento, Martins (2000 p. 78) afirma que

Ninguém pode dar às palavras sentidos inteiramente “pessoais”, segundo seu agrado. Os diferentes significados móveis e cambiantes, os significados figurados, por exemplo, se desenvolvem a partir do significado central e fundamental, que é estável, e cimenta por isso outros significados secundários da palavra.

Vimos que a definição de significados figurados na citação acima toca na questão estilística da palavra lexical. Observamos que o elemento estilístico aqui se encontra na fronteira entre o significado convencional da palavra e seus sentidos secundários. Esses sentidos secundários são aqueles que correspondem à funcionalidade discursiva dos enunciados, isto é, o sentido conferido pela palavra a partir do sujeito que a emprega e do contexto situacional. Para ratificar esse posicionamento, trazemos aqui a posição assumida pela autora em relação ao significado real e o sentido das palavras lexicais.

O significado existe na palavra pertencente ao léxico da língua, é a noção da palavra e contém latências para casos particulares; no mecanismo concreto da comunicação, a noção se individualiza, torna-se mais precisa pela indicação do caso particular, se enriquece, se completa, torna-se sentido que a palavra adquire para uma certa pessoa que a emprega de forma específica, sentido que se amplia mais ainda pelos diversos elementos afetivos (Martins, 2000 p. 78).

Aqui a autora mostra que os sentidos são enriquecidos pelos diversos elementos afetivos que a palavra ganha dentro do processo concreto da comunicação, ou seja, na interação verbal. Sendo assim, os elementos afetivos/emotivos que entram na constituição do sentido das palavras são de interesse da estilística. Ela comenta que o valor emotivo das palavras pode ser conferido pelo contexto, pela entoação, por recursos gráficos como: aspas, grifo, maiúsculas/minúsculas etc.

As palavras que correspondem ao valor afetivo consistem naquelas cujo lexema exprime emoção, sentimento, um estado psíquico. Vejamos um exemplo retirado da poesia de Raul de Leoni (1983 p. 83) que mostra o uso de palavras afetivas que ganham valor estilístico no enunciado.

Ex: “Penduro na tristeza dos meus lábios
Coisas alegres que não são minhas.”

Aqui o lexema “tristeza” ganha vida ao ser colocada como complemento do verbo “penduro”. A ordem sintática das palavras, a colocação de um termo abstrato com um verbo de ação cria uma atmosfera mais impressiva e expressiva para o leitor. Nessa atmosfera de expressividade e afetividade dos enunciados é onde se encontra a atuação da estilística.

Após entendermos a delimitação e/ou a fronteira estabelecida pela estilística da língua entre a estrutura gramatical e a estilística, vejamos como são tratadas algumas figuras de linguagem que estão dentro da classificação de figuras de palavras, a exemplo da metáfora.

As figuras de linguagem estão representadas no que a retórica chama de linguagem em sentido figurado ou linguagem figurada. Esta classificação da linguagem consiste na possibilidade de as palavras assumirem um sentido desviante do seu significado real. É o que chamamos de sentido conotativo da palavra. As figuras de palavras que circundam nesse universo da linguagem figurada são metáforas, metonímias e sinédoque; porém, as metáforas são frequentemente mais usadas.

Fontainer (1968 *apud* Genette, 1972), afirma que os tropos (metáfora, metonímia, sinédoque, antonomásia etc.) são figuras por excelência. Para ele, dentre os tropos, o que mais se destaca é a metáfora, a que tem sido dedicada uma vasta bibliografia, com obras de avantajada amplitude como, *Metaphor and thought* de Andrew Ortony et al. (1979), *La metáfora vive*, de Ricoeur (2000), entre outras de grande relevância.

Bally, o precursor da estilística da língua, explicita que “as figuras de linguagem resultam da necessidade expressiva e se devem à incapacidade de nosso espírito de abstrair, de apreender um conceito, de conceber uma ideia fora do contato com a realidade concreta” (Bally 1941 *apud* Martins 2000, p. 92). Para o supracitado autor, a metáfora consiste na comparação em que o espírito induzido pela associação de duas representações confunde num só termo a noção caracterizada e o objeto sensível tomado como ponto de comparação (este homem é uma raposa = este homem é astuto como uma raposa). Buscando desvencilhar das nomenclaturas da antiga retórica, o referido autor parte da ideia de que as metáforas são imagens e propõe três classificações, imagens concretas, imaginativas, Imagens afetivas e imagens mortas.

As imagens concretas, sensíveis e imaginativas consistem naquelas que evocam um quadro que a imaginação individual completa à sua vontade, isto é, são palavras empregadas de forma desviante a seres inanimados a fim de tornar a mensagem mais expressiva. Exemplo: “O vento engrossa sua grande voz”. Já as imagens afetivas correspondem às palavras que

possibilitam uma impressão de um vago sentimento, ainda que não se imagine um quadro; há uma espécie de resíduo afetivo impregnado nelas. Ex: “Uma verde velhice”; “abafar um grito”, “sorriso amarelo”. Por último, as imagens mortas: são as metáforas que não possibilitam ao leitor uma representação imagética, nem afetiva, a não ser do ponto de vista histórico. Esse tipo de metáfora corresponde à abstração pura que só é percebida pela operação intelectual. Ex. “cortar a palavra”, “quebrar o silêncio”, “morrer o assunto”, “os ramos da ciência”.

Para Bally, as imagens mortas correspondem a metáforas que já foram absorvidas no discurso e, que muitas vezes, não nos damos conta de que são usadas em sentido figurado pelo fato de a mesma palavra também ser aceita no campo denotativo. São metáforas que já foram incorporadas no uso da língua e que ganham características de normatização.

Ullmann (1973 *apud* Martins, 2000), também faz uso do termo imagem para se referir as metáforas; porém, por considerar a abrangência do termo “imagem” ligado a figuras que exprimem alguma semelhança ou analogia, ele traz esse termo abrindo espaço, para além da metáfora, incluir a símile e a metonímia. De acordo com Ullmann (1973 *apud* Martins 2000), o tropo símile e metáfora consistem em duas representações, dois elementos relacionados por traços significativos mais ou menos comuns. Na símile essas representações se apresentam com maior independência, pois cada uma das representações preserva sua significação. Já na metáfora, elas aparecem estreitamente relacionadas ou fundidas no enunciado.

A respeito do conceito de metonímia, Ullmann destaca que este tropo corresponde a uma palavra que designa uma realidade A e é substituída por outra palavra que corresponde a uma realidade B, em virtude de uma relação de vizinhança, de coexistência e de interdependência. Vejamos um exemplo dos versos de Victor Hugo na obra Hinos do Equador (1921 p. 585), Obra completa, traduzidos por Castro Alves:

“A nuvem carregada, espanto do marujo,
Que a vela mal abriga,
Para o trabalhador, que vê crestado o campo,
É o saco da espiga.”

Martins (2000) explicita que neste exemplo podemos observar as etapas que medeiam a causa (chuva) e o efeito (boa colheita) suprimidas para transmitir uma grande força expressiva. Outro tropo que é mencionado por Ullmann dentro da estilística da palavra é a sinédoque, a qual possui uma grande semelhança com a metonímia. Para o referido autor, a sinédoque consiste na troca de palavras com significado de diferente extensão, havendo entre elas uma

relação de inclusão. Vejamos um exemplo de Cecília Meireles na obra *Romanceiro*, em *Obra poética* (1953 p. 419)

Ex: “Ai pobre mão de loucura (a mão substitui o assassino /Parte pelo todo)

Que mataste por amar!”

Martins (2000) fecha essa discussão mostrando que as figuras de palavras (metáfora, metonímia e sinédoque) com grande frequência constituem o que conhecemos como personificação, a qual também é considerada como um tipo de metáfora por possuir um traço significativo (sema) inanimado para animado, ou não-humano para humano. Passaremos agora para a explicitação da estilística da frase que engloba as figuras elipse, pleonasma e anacoluto.

De acordo com Martins (2000) a sintaxe é uma atividade criadora, pertencente ao domínio gramatical e estilístico. É na sintaxe que o falante tem a possibilidade de exercer sua criatividade escolhendo os léxicos que estão disponíveis na língua para criar infinitas combinações e formar frases.

As frases são meios pelos quais são veiculados os valores expressivos potenciais das palavras e, por isso, a estilística busca se utilizar dessa ferramenta para constituir seus traços efetivos e expressivos. Como postula Martins (2000, p. 130) “à estilística sintática interessa a consideração dessa norma – dos tipos de frase que se podem formar – e os desvios dela que constituem traços originais e expressivos.”

No que concerne ao conceito de frase, Martins traz a concepção de Bally e Mattoso Câmara Júnior sobre frase. Bally (1941) explicita que a frase é a forma de comunicação do pensamento caracterizada por uma melodia, podendo o pensamento ser: um julgamento de fato (verdadeiro ou falso), um julgamento de valor (bom ou mau) ou uma volição (algo desejável). Já Câmara Júnior (1977) considera a frase como unidade do discurso, marcada por uma entoação ou tom frasal, que lhe assinala o começo, meio e fim. Vejamos agora como são tratadas as figuras elipse, pleonasma e anacoluto que estão classificadas na estilística da frase.

A elipse, de acordo com Bally (1941), é um meio de expressão resultante da ausência de elementos linguísticos que a mente não procura mais restabelecer. Ele acrescenta que os elementos ausentes não são apenas sintáticos, podendo ser fonemas, sílabas, palavras ou orações. Bally destaca algumas causas que podem criar a elipse: uma expressão hesitante, o mínimo esforço ou economia linguística, alguns movimentos afetivos. Vejamos alguns exemplos: “É de uma beleza ...” (hesitação); a palavra cristal no lugar de copos (economia linguística), Fora! (movimento afetivo).

Martins (2000) também cita a visão de Halliday sobre o uso da elipse. Halliday & Hansan (1976)¹³ estudam a elipse como procedimento da função textual, isto é, como fator de coesão entre orações e períodos. Vejamos um exemplo: “Você está escrevendo?” “_ Estava”.

Os autores trazem muitas informações sobre o uso da elipse, porém não nos deteremos em uma análise mais aprofundada, uma vez que o nosso objetivo aqui é traçar os conceitos das figuras e mostrar como elas são tratadas de acordo com a estilística estruturalista.

Como vimos, de acordo com a definição da figura elipse pelos autores supramencionados, essa figura consiste na redução ou na supressão da redundância da frase. A elipse ocorre quando suprimimos algum termo frasal por economia linguística, conseqüentemente, para evitar redundâncias.

A figura pleonasma corresponde ao sentido oposto, isto é, ao aumento da redundância na frase. De acordo com Bally (1941), existe o pleonasma gramatical, cujo uso é obrigatório na língua por corresponder ao emprego correto das marcas de gênero e de número. Ex: “as meninas engraçadinhas (marcação de gênero e número repetido nas três palavras da frase); e o pleonasma vicioso que se manifesta na oralidade ou na escrita devido à ignorância do significado exato ou etimológico da palavra. Ex. “Hemorragia de sangue”. (dois termos com o mesmo significado).

O uso do pleonasma pode transmitir expressividade, vivacidade quando a intenção do autor é enfatizar as ideias transmitidas na oração, mas também podem transmitir um efeito grosseiro ou vulgar, danificando o sentido da frase.

Como vimos no estudo da estilística fônica, as figuras e/ou tropos são mais usadas na literatura devido à força expressiva advindas dos sons dos fonemas e da entonação que o autor/leitor confere a eles. Assim, a poética tende a explorar mais esse recurso para demonstrar expressividade e afetividade no gênero poético. Ao considerar a expressividade e afetividade por meio da estrutura sonora dos fonemas, há um recorte dos elementos contextuais e intencionais e uma preservação das análises puramente estruturais.

¹³ “Michael Halliday e Ruqaiya Hasan atuam numa linha que abrange a estilística e outros aspectos dos estudos textuais, rompendo com a barreira da frase, ou seja, mostrando que as relações além da frase envolvem uma interação complexa da lingüística com outras relações como a retórica, a estética e a pragmática. Nesta direção, fruto do trabalho conjunto desses autores, *Cohesion in English* descreve a língua inglesa e seu uso do ponto de vista da coesão de forma detalhada. Inicialmente, este livro foi concebido como parte de uma série de estudos da língua inglesa e textos modernos em inglês, que tinham como objetivo providenciar uma exposição dos estudos dos aspectos do inglês contemporâneo, sendo baseados em teoria e aplicáveis na prática, ou seja, uma descrição do sistema baseado em evidências de textos de diferentes variedades, incluindo fala e escrita. A coesão era o principal componente desses estudos”. (BORBA,2006 p. 1)

Na estilística da palavra, observamos que a autora toca na questão contextual, porém esse contexto não ultrapassa o limite da estrutura das palavras. O contexto, neste caso, refere-se ao contexto imediato de emprego das palavras dentro da frase e não um contexto social. Ainda em relação a estilística da palavra é interessante retomar a discussão sobre o limite estabelecido entre a gramática e a estilística. As funções das palavras gramaticais em dêitico, anafórico e determinantes são usadas para delimitar essa fronteira. Conforme Martins (2000), essa fronteira é rompida quando há uma violação dessas regras para fins expressivo, assim se estabelece a função estilística.

Por último, vimos que a estilística da frase possibilita a escolha, combinação criativa do autor. É um campo fértil para o estilólogo aplicar suas habilidades. A sintaxe permite que a ordem das palavras exerça funções expressivas, dando um espaço maior para a atuação da estilística. É na estilística da frase que vimos a discussão sobre a metáfora, tropo que tem ganhado destaque nos estudos de grandes autores como George Lakoff e Mark Johnson (1980); Ricouer (2000); Zoltan Kovecses, (2010;2020), entre outros autores.

Em suma, a noção de figuras ou tropos na estilística da língua parte do princípio da ação do signo linguístico herdado por Saussure. Apesar de Bally separar o conteúdo gramatical do conteúdo estilístico, ele ainda preserva o estudo da estrutura linguística, dos valores expressivos das palavras desconsiderando o contexto, o sujeito e a história.

2.4 Estilística Vossleriana – (subjetivismo individualista)

A estilística de Vossler (1872-1949) surge no início do século XX, dedicando-se aos estudos linguísticos voltados para uma perspectiva subjetivista, espiritualista, opondo-se ao determinismo e ao positivismo dominantes praticados pelas teorias estruturalistas.

O referido autor adotou a escola denominada “*Idealistische Neuphilologie*”, a qual foi considerada como uma das orientações mais fecundas do pensamento filosófico-linguístico do século XX. O princípio idealista vossleriano surge como uma negação categórica ao positivismo linguístico representado pela teoria saussuriana e busca instaurar a importância do componente ideológico e a observância do que ele chama de “gosto linguístico” para a vida e a compreensão da dinâmica do processo de comunicação. Como afirma Volochínov:

O motor principal da criação é o “gosto linguístico”, variedade particular do gosto artístico. “O gosto linguístico” é justamente esta verdade linguística absoluta que dá vida à língua e que o linguista se esforça por descobrir em

cada fato de língua, a fim de dar-lhe uma explicação adequada. (Volochínov,2010, p. 77).

O “gosto linguístico” de que fala Vossler (1968 *apud* Volochínov 2010) exprime o valor estético da língua refletida nas escolhas estilísticas do sujeito. O referido autor dá ênfase às enunciações individuais e às escolhas estilísticas do sujeito para a compreensão do estilo no processo de comunicação.

A estilística alemã e seu maior representante, Karl Vossler, segue na esteira do idealismo e subjetivismo, abrindo um espaço para as reflexões acerca da importância das enunciações individuais, dos atos de fala e da questão intersubjetiva do sujeito no processo de produção dos discursos, elementos esses que não eram considerados pelas teorias de cunho estruturalista.

Vossler (1963) retoma os trabalhos de Bally (1941) em *Traité de stylistique française*, tecendo críticas em relação ao tratamento descritivo e funcional dado à língua na referida obra. Para o filósofo alemão, a língua precisa ser estudada considerando sua história, seu passado, uma vez que estudar a língua desvinculada dessa realidade evolutiva esfacela sua natureza social. Para Vossler,

[...]os fatores que determinam de uma forma ou de outra os fatos de língua (físicos, políticos, econômicos, etc.) não possuem significação direta para o linguista; só importa para este o sentido artístico de um dado fato de língua. Eis a concepção que ele tem da língua, uma concepção puramente estética. A própria ideia de língua, diz ele, é por essência uma ideia poética; a verdade da língua é de natureza artística, é o Belo dotado de sentido. (Volochínov, 2010, p 77).

O supracitado autor parte da ideia da língua como uma atividade estética praticada pelas escolhas individuais do sujeito. É a noção de expressividade como algo individualmente produzido e a primazia do fato estilístico sobre o fato gramatical que ganha destaque na perspectiva da estilística idealista alemã. Os estudiosos dessa perspectiva se empenharam com afinco nas descobertas das raízes ideológicas contidas nas escolhas estilísticas.

Contudo, apesar de ser uma teoria que começa a dar ênfase ao componente ideológico, como foi mencionado por Volóchinov (2010), a teoria de Vossler entende que é o ato de criação individual da fala que representa o fenômeno essencial da língua. Nesse sentido, o foco recai apenas nas enunciações individuais e suas escolhas estilísticas, não abrangendo o contexto imediato e o contexto social das enunciações e nem as interações entre sujeitos no processo comunicativo.

Puzzo (2017) discute as relações possíveis entre a estilística vossleriana e o dialogismo bakhtiniano. Ela busca analisar quais os pontos de contato entre os pontos de vista de Bakhtin e Vossler em relação à língua, gramática e estilo. Para estabelecer essa relação, a supracitada autora faz um recorte destacando as teorias com que Bakhtin e o Círculo dialogavam no século XX, a saber, a linguística saussuriana e a estilística de Vossler.

Bakhtin e o Círculo teciam críticas às teorias abstratas, as quais abrigam o estruturalismo saussuriano, a psicologia determinista, o marxismo cultural e a estilística praticada na época (séc. XX) que buscava isolar o sujeito do contexto social. Puzzo (2017), acrescenta que “todas as críticas feitas por Bakhtin e pelo círculo às teorias daquele momento (séc. XX) tinham por objetivo despertar o sentido ético e responsável do sujeito em sociedade.” Nesse sentido, a teoria de Vossler, apesar de suas limitações, é a que mais se aproxima do pensamento do Círculo.

Para a referida autora, Vossler era um pesquisador da evolução histórica das línguas por buscar o estabelecimento de relações contextuais, embora de modo muito generalizado, procurando encontrar na expressividade, estilo de época, evolução das línguas, o estilo do autor.

O cerne do pensamento bakhtiniano, de acordo com Puzzo (2017), está na observação das escolhas ou emprego individualizado de formas gramaticais como recurso expressivo, não apenas por meio de uma natureza psicológica e fora de contexto, mas de um sujeito situado socialmente, uma vez que Bakhtin vê a língua dentro de um processo interativo.

Assim como Bakhtin, Vossler também tecia críticas ao estruturalismo saussuriano, que por buscar se adaptar às ciências positivistas, distanciava a linguagem do caráter dinâmico e comunicativo. A estilística vossleriana se estabelece contradizendo em muitos pontos a estilística de Bally. Ele critica a estilística estruturalista pelo tratamento descritivo e funcional dado à língua, tornando-a abstrata e esvaziando sua natureza social. Na estilística Vossleriana, prevalece a visão histórica da língua, pois defende a ideia da palavra ligada ao passado e não pode ser desligada dessa realidade para se deter a observância da sua realização sincrônica. Assim como aponta Vossler quando afirma que:

a língua é a expressão do espírito e por isso apresenta uma natureza que é geral e específica ao mesmo tempo. É geral porque é partilhada pela comunidade de falantes e específica pela prática individual e subjetiva de cada membro dessa comunidade (Vossler 1968 *apud* Puzzo 2017 p. 137).

Apesar de defender a visão de língua histórica, Vossler foca nas escolhas individuais do sujeito e do caráter subjetivo que essas escolhas representam. O foco da estilística subjetivista

recai no sujeito individual e em suas escolhas, desvinculando assim o contexto social das enunciações.

Puzzo (2017) apresenta os pontos de aproximação entre Bakhtin e Vossler. Para ela, o primeiro ponto a ser abordado é a questão de que ambas as teorias concordam que a língua como sistema é algo abstrato. Outro ponto interessante a ser abordado é o conceito de expressividade que se estabelece como um ponto de aproximação entre as duas teorias, porém, é compreendido de modo diferente. Vossler compreende a expressividade da palavra como algo individualmente produzido, levando em conta a história e a cultura, deixando escapar o contexto. Bakhtin e o Círculo vê a expressividade como uma atividade comunicativa que põe em relação o sujeito enunciador e o contexto social ao qual responde.

Por último, a autora coloca que ambos usam a literatura como campo investigativo, porém, com direcionamentos diferentes. As análises estilísticas de Vossler buscam encontrar na literatura o estilo individual do autor por meio de recursos expressivos da língua. Já Bakhtin usa a literatura como campo investigativo por ser um solo fértil da linguagem de onde consegue extrair categorias de análise numa perspectiva concreta, como veremos mais adiante ao tratarmos das formulações teóricas do Círculo sobre a estilística.

Para Bakhtin o enunciado caracteriza-se pelo posicionamento valorativo do enunciador e não mais como expressão de sua espiritualidade abstrata, como entende Vossler. Bakhtin e o Círculo “deslocam o eixo de observação da estilística centrada no sujeito para uma estilística constituída pelo princípio dialógico, num movimento inverso ao de Vossler”. (Puzzo, 2017 p. 142).

Como podemos observar, a teoria de Vossler surge para cobrir a lacuna deixada pela teoria de Bally no tocante a questão subjetivista. Diferente de Bally, Vossler vai seguir a linha da estilística espiritualista e idealista, dando ênfase às escolhas individuais do sujeito para as enunciações. Contudo, mesmo dando esse enfoque ao subjetivismo e abrindo espaço para a noção que ele chama de “gosto linguístico”, a teoria Vossleriana desvincula o contexto social, a intencionalidade discursiva dos parceiros do discurso que são elementos que para Bakhtin, revelam a natureza enunciativa e preserva a totalidade e plenitude semântica das enunciações.

Após compreendermos os princípios teóricos adotados pela teoria da estilística subjetivista de Vossler, buscaremos mostrar como essa teoria trabalha com os tropos, a fim de compararmos com o tratamento estabelecido pela estilística da língua que vimos no tópico anterior e, também, confrontarmos com o tratamento que Bakhtin e Volóchinov conferem aos tropos no capítulo seguinte.

2.4.1 O tratamento dos tropos na estilística Vossleriana

Na obra *Filosofía del lenguaje* (1963), mais precisamente, no ensaio intitulado *El individuo Y la lengua*, Vossler tece reflexões acerca da relação do indivíduo com a língua e como essas relações lógicas gramaticais que contemplam regras e exceções de uso das estruturas linguísticas são explicitadas através do papel do indivíduo na língua e na comunidade linguística. Nas exceções de uso das estruturas linguísticas, ou expressões idiomáticas, Vossler coloca como exemplos as figuras retóricas: Anacoluto, Pleonasma e Elipse. Ele afirma que a gramática vê essas figuras como deformação, desvio de uso.

No pensamento de Vossler (1963), a expressão idiomática está no nível da expressão individual, enquanto a gramática está no nível da língua das instituições de uma comunidade. O referido autor demonstra essa ideia a partir da análise do emprego de algumas figuras retóricas, a começar pelo anacoluto com veremos a seguir.

El anacoluto, por ejemplo, es una forma de expresión idiomática que en habla del individuo es de uso diario, aunque no está autorizada en absoluto por la comunidad lingüística en que ese individuo vive. Es una figura estilística a retórica, y no una forma gramatical. La gramática no puede catalogar el anacoluto sino como lo informe o lo deforme. [...] Aquí debemos incluir también aquellas interrupciones de la construcción sintáctica que ocurren en el dialogar y el replicar entre los individuos y que pueden llegar a tener la mayor eficacia de expresión [...] (Vossler p. 176).

O autor se refere ao anacoluto como uma expressão idiomática que o indivíduo usa na linguagem cotidiana e que não é convencional na comunidade linguística em que este indivíduo vive. O anacoluto é uma figura estilística ou retórica e não representa uma forma gramatical. Vossler ainda acrescenta que a gramática não pode classificar o anacoluto, a não ser como desforme, desvio de uso. Isto é, as expressões idiomáticas não logram um espaço de prestígio na gramática. Diante disso, vejamos o conceito de anacoluto na gramática de Said ali (1951 p. 38):

Expressão anacolútica é a oração que começa de um modo e em vez de ter o seguimento pedido pela sintaxe, termina por uma construção nova. Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as ideias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma coisa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo voltar atrás, procura-se saída em outra direção.

Na definição gramatical acima, o anacoluto é considerado uma anomalia, um descuido, uma precipitação do pensamento em discordância com a linguagem. Este conceito ratifica a ideia expressa por Vossler em relação ao não prestígio das expressões idiomáticas na gramática.

Vossler (1963) sugere que tanto o anacoluto como as interrupções que ocorrem nas construções sintáticas são elementos que promovem uma maior eficácia de expressão na linguagem. Ele ainda acrescenta que quem buscar explicação para o uso de tais figuras devem buscar em qualquer outro lugar, menos na linguística pura. Para ele, as figuras de retórica provêm da interioridade do falante, dos sentimentos, das paixões.

Assim, compreendemos que para Vossler (1963), o anacoluto não pode ser visto como um desvio ou um descuido porque ele não está em relação de alinhamento com a gramática. O supracitado autor, argumenta que tais formas de expressão estão no nível da subjetividade da língua; segundo ele, as causas que explicam a possibilidade de uso de tais expressões estão intimamente ligadas ao sentimento, à afetividade, às formas como a língua consiste na mediação da língua do indivíduo com a sua comunidade.

Em suma, de acordo com Vossler (1963) o anacoluto e toda espécie de interrupções do discurso podem ser compreendidos desde o ponto de vista da estilística, da psicologia, da sociologia, da história dos costumes, mas não gramaticalmente.

Seguindo a análise das figuras retóricas presentes na obra de Vossler, encontramos a menção que ele faz a elipse e ao pleonasma como figuras de discurso que estão no nível da expressão idiomática. O referido autor cita Herman Paul no tocante ao seu trabalho de reduzir ao mínimo o conceito de elipse.

De acordo com Paul (1920 *apud* Vossler 1963), a elipse pode ser considerada como a omissão de uma palavra ou de um membro oracional. O supracitado autor segue mostrando exemplos de elipses com as expressões *direita* e *esquerda*, com supressão de alguma forma nominal que as acompanhe, ou ainda a referência ao vinho somente pela definição de seu tipo ou variedade, como seco, novo ou doce, ou como menção à sua região de produção, como Borgonha ou Champagne.

Vossler não concorda com estes exemplos, pois, para ele, tais expressões se encontram no nível do uso idiomático histórico, uso já cristalizado por uma comunidade linguística de fala e não estão no nível de recurso estilísticos individuais. Nesse sentido o autor afirma que:

Pero, o es que se comprenden tales expresiones desde la singularidad de la cohesión psicológica y estilística, desde la “situación” en que ocurren, y se las explica con esas razones como recursos estilísticos o retóricos individuales o bien se explican partiendo de un uso idiomático históricamente afianzado; y entonces *el Champaña*, [...] *la derecha* [la mano derecha] ya no son expresiones elípticas, sino formas idiomáticas con carta de ciudadanía, con vida propia, con historia propia y con nuevas posibilidades de significación. Así, pues, el que habla de *champaña* no necesita pensar sólo en el vino de esa región; puede perfectamente “mentar” lo espumoso o el color o cualquier otra cualidad.¹⁸² (Vossler, 1963, p. 182).

Para Vossler, a elipse não se reduz à supressão de um termo na estrutura linguística como aponta Paul (1920), mas essas supressões podem ser consideradas no nível de expressões idiomáticas consagradas. Elas representam a completude de um pensamento compartilhado por uma comunidade linguística. Assim, a comunidade não só permite a supressão do termo, como também as incorpora como parte de sua identidade linguística.

Em relação ao pleonasma, o oposto da figura de discurso elipse, Vossler explica que o indivíduo usa da mesma forma que a elipse. Entende-se por pleonasma um realce ou um acúmulo de meios expressivos. Vossler, cita o exemplo de Rabelais que usa o pleonasma como recurso estilístico para expressar a intensidade de seus pensamentos. Em Rabelais, o pleonasma é um recurso estilístico que identifica o estilo do sujeito autor, satisfazendo as necessidades de expansões de seus pensamentos exteriorizados na estrutura linguística em formas pleonásticas.

Não é objetivo desta pesquisa o aprofundamento dessas questões teóricas em relação à visão vossleriana da língua e seus elementos expressivos, mas buscamos trazer aqui, de forma geral, como os elementos estilísticos, ou seja, como os tropos anacoluto, elipse e pleonasma são tratados de acordo como a abordagem da estilística subjetivista de Karl Vossler.

Vossler (1963) traz muitas informações acerca da questão das figuras anacoluto, as interrupções que ocorrem na língua por meio de pleonasma e elipse em relação ao marco temporal, isto é, as evoluções das línguas. O autor vincula a ideia das expressões idiomáticas ligadas a uma comunidade linguística em um determinado marco temporal, isto é, ele parte da ideia de subjetividade e expressividade das expressões idiomáticas presas a evolução histórica da língua. A exemplo disso, ele cita a questão do italiano com menos interrupções do que o alemão e o inglês que seria uma possível explicação para o uso das expressões idiomáticas ligadas a evolução histórica das línguas. Em suma, compreendemos que Vossler trata as figuras como elementos estilísticos como pertencentes ao campo das expressões idiomáticas que não podem ser classificadas pela gramática por estas estarem em dissonância com as regras

gramaticais, mas ganham prestígio como expressões idiomáticas ligadas a evolução histórica e interpretada por uma comunidade de fala que compartilha esse conhecimento histórico-cultural.

3 A CONCEPÇÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM

Antes de adentrarmos na concepção de dialogismo, consoantes ao pensamento bakhtiniano sobre a importância de conhecermos o pano de fundo, ou seja, o contexto histórico-discursivo das interações verbais, buscaremos nesse capítulo trazer algumas considerações sobre o contexto de produção e o diálogo que Bakhtin travava com outros pensadores da sua época sobre o fenômeno da linguagem e sua dinamicidade constitutiva. Diálogos esses que influenciaram diretamente seus escritos e o estabelecimento de seus projetos discursivos sobre a noção dialógica da linguagem.

Após o conhecimento do contexto de produção do Círculo, buscaremos trazer algumas considerações sobre a noção de dialogismo e seus desdobramentos materializados nas categorias de enunciado, gêneros do discurso, estilo e entonação expressiva.

3.1 Bakhtin e seus interlocutores: Kant, Cohen, Buber e a construção de uma *prima filosofia*

Neste tópico, buscaremos trazer algumas informações acerca do diálogo de Bakhtin com alguns autores que compreendemos que foram influenciadores dos seus escritos, bem como buscaremos também trazer quais foram as contribuições fundamentais que os pensadores Volóchinov e Medvedev legaram para o Círculo no tocante ao estudo da linguagem. Primeiramente, começaremos com o diálogo de Bakhtin e seus interlocutores: Kant, Cohen e Martin Buber. Em seguida, passaremos a destacar os diálogos entre Volóchinov, Medvedev e Bakhtin no que concerne aos estudos sobre a linguagem.

Bakhtin e o Círculo desenvolveram conceitos e princípios que nortearam e ainda norteiam os estudos de muitos filósofos, professores, linguistas, sociólogos, entre outros profissionais que se interessam em estudar a linguagem que desemboca nas relações sociais e no princípio da alteridade, termos caros para eles.

Imerso num cenário inóspito de guerras e revoluções ocorridas na Rússia do século XX¹⁴, Bakhtin busca aprofundar seus conhecimentos filosóficos e se debruça nas leituras de

¹⁴ O final do século XIX e início do século XX na Rússia foi marcado por grandes acontecimentos histórico-cultural. As duas primeiras décadas do século XX foram marcadas por épocas turbulentas e de grande tensão no cenário político-cultural e que se enraizavam em outras esferas ideológicas como a religiosa, científica e artística. No contexto russo, a corrente ideológica que estava em voga e que sustentava a esfera política era o

alguns filósofos, a exemplo de Martin Buber e Immanuel Kant. Buscando compreender de forma mais detalhada o pensamento de Kant, no ano de 1918, Bakhtin participa de um seminário kantiano juntamente com alguns estudiosos, a saber: o filósofo Matvei Kagan, o professor de literatura Lev Pumpiaski, a pianista Maria Yudina, professor de música Valentin Volóchinov, Boris Micaïlovitch Zubákin, Michail Tubianski, Ana Sergueiévna. O seminário Kantiano, ou como também foi conhecido Círculo de Nevel, registra o primeiro encontro do Círculo de Bakhtin. O jornalista e professor Medvedev só se junta ao Círculo no ano de 1920 na cidade de Vitebsk. (Brait & Campos, 2006).

Como o próprio Bakhtin afirma que não há neutralidade discursiva, buscamos aqui compreender quais campos epistemológicos, bem como, quais eram os autores que Bakhtin e o Círculo liam e amadureciam suas ideias para o desenvolvimento dos seus projetos discursivos, a saber o projeto de Bakhtin para a construção de uma *prima philosophia* e o segundo projeto de construção de uma teoria marxista da chamada criação ideológica. Esse segundo projeto, conforme nos aponta Faraco (2009) ficou a cargo dos autores Volóchinov e Medvedev, pois ao analisar as obras assinadas por eles, o referido autor percebe uma tendência mais marxista em seus escritos.

Em relação às leituras de Kant em 1919 na cidade de Nevel, Bakhtin promove um grupo de estudos sobre a Crítica à Razão Pura, obra de Immanuel Kant. O pensamento kantiano representava uma posição idealista contrária ao marxismo. Bakhtin não se encaixava nas ideias marxistas; na verdade, não se sabe ao certo sua posição ideológica, há alguns indícios nos seus escritos acerca da fenomenologia, a ideia de alteridade de Buber e algumas convergências com o pensamento kantiano, porém, o dialogismo toma conta das suas obras, afinal de contas, como tentar encaixar ou “enformar” os escritos de quem cultivava a essência do diálogo, do que é dialógico.

Bakhtin sofre influências da Escola neokantiana de Marburgo. Essa escola representava o pensamento neokantiano advindo da Alemanha entre os anos de 1870 e 1920. Não só na Alemanha, como também na Rússia, o neokantismo tinha grande influência e abrangência no pensamento da intelectualidade da época, pois abrigava diversas filosofias e, principalmente,

absolutismo. O poder centrava nas mãos da dinastia Romanov que perdurou até a Revolução de 1917 com a queda do último Czar, Nicolau II. O poder centralizador da família Romanov é derrubado e cede lugar aos ideais socialistas representados pela figura de Lenin que, imbuído pelo materialismo dialético de Karl Marx, irrompe a revolução.

disseminava diversos posicionamentos. Os principais representantes dessa Escola foram: Cohen, Paul Natorp e Ernst Cassirer.

As preocupações de Bakhtin giravam em torno de compreender as interações entre linguagem, sociedade e a ética humana. A arte também estava entre as preocupações do autor. Em relação à arte, Bakhtin buscava compreender como ela está relacionada com as outras esferas da vida cotidiana

O âmago do pensamento kantiano que atraía Bakhtin era a ideia sobre a relação da mente com o mundo. Kant entendia que o pensamento era produto da interação entre as duas fontes de conhecimento, a sensibilidade e o entendimento. Enquanto os empiricistas, a exemplo de Locke e Hume, localizavam o conhecimento apenas na sensibilidade e os racionalistas afirmavam que a fonte única do conhecimento era o entendimento, Kant permanecia nesse entremeio.

Cohen, uma das principais figuras da escola de Marburgo, também influencia o pensamento bakhtiniano. Cohen, ao explicitar que o processo de assimilação dentro da mente sempre é aproximado e nunca chega a ser terminado, atrai Bakhtin que desenvolve a concepção de inacabamento. Contudo, não foram todas as concepções de Cohen que atraíram Bakhtin, pois existiam algumas ideias coheanas que Bakhtin não comungava.

O aprofundamento teológico e filosófico que Bakhtin buscava era fazer uma ligação entre fé e conhecimento. Ele não estava só nesse propósito, Kant e Cohen também buscavam relacionar a fé e o conhecimento, partindo dos estudos filosóficos da metafísica.

A carreira de Bakhtin dava seus passos quando se evidenciou que nem Kant nem seus seguidores da escola de Marburgo haviam conseguido resolver a tensão entre Deus como ideia e Deus como experiência. Uns e outros tinham ido longe demais no sentido da intelectualização. Bakhtin prosseguiu nessa tentativa de tornar a filosofia de alguma maneira congruente com a teologia. (Holquist & Clark, 2019 p. 87).

Além de Kant e Cohen, Bakhtin também travou diálogos com outros filósofos que partilhavam da mesma preocupação em unir a filosofia e a teologia. Um desses filósofos que mais se destacou nas leituras bakhtinianas e que também influenciou diretamente no princípio dialógico desenvolvido em suas obras foi o filósofo austríaco Martin Buber (1878-1965). O âmago do pensamento buberiano gira em torno do diálogo entre o Eu-Tu, Eu-Isso e Eu-Tu Eterno, palavras-princípio criadas por ele para referenciar a intrínseca relação do homem com o outro, com o mundo em que vive e com a divindade.

O Eu-Tu representa o diálogo do homem e sua relação com o outro; Eu-Isso se refere à relação do ser com o mundo e o Eu-Tu Eterno (Deus) representa a relação do homem com a divindade, isto é, a divindade (Deus) se relaciona com o universo e com o homem sem deixar de ocupar o lugar de divino.

Em sua tese de doutoramento¹⁵, mais especificamente no capítulo quatro, Silva (2015) explicita o diálogo entre Bakhtin e Buber. Usando a teoria da heterogeneidade constitutiva de Althieur Revuz, ela busca analisar excertos das obras de Bakhtin e Buber trazendo os pontos convergentes entre eles. A autora parte da hipótese de que em *Para uma filosofia do ato Responsável*, obra atribuída a Bakhtin, doravante PFAR, existem posicionamentos que coadunam com a teoria do diálogo de Buber, com a palavra-princípio: Eu-tu, isto é, o princípio da relação entre o homem e o outro, um indicativo do princípio da alteridade.

Silva (2015) afirma que o filósofo austríaco Martin Buber é um dos principais representantes da teoria do diálogo e pode ser considerado também como um filósofo do encontro, haja vista que o princípio do diálogo que ele formula corrobora para uma filosofia do encontro o qual também é um dos temas tratados por Bakhtin em suas obras.

Nos textos: *Para uma filosofia do ato* e o *Autor e o herói na atividade estética*, Bakhtin esboça alguns princípios que irão nortear seus escritos, a saber: - a questão da unicidade e eventicidade do Ser; o tema da contraposição eu/outro; - componente axiológico intrínseco ao existir humano. Em PFAR, Bakhtin discute sobre o dualismo entre o mundo da vida e o mundo da teoria, princípio este que converge com a filosofia buberiana, como veremos a seguir.

Buber (2001, p.51) afirma que “o mundo é duplo para o homem, segundo a dualidade de sua atitude. A atitude do homem é dupla segundo a dualidade das palavras-princípio que ele pode proferir”. Bakhtin, desenvolvendo esse mesmo pensamento da coexistência de dois mundos para o homem, traz à tona a discussão sobre o mundo da vida e o mundo da teoria. Ele afirma que

[...] dois mundos se confrontam, dois mundos absolutamente incomunicáveis e mutuamente impenetráveis: o mundo da cultura e o mundo da vida (este é o único mundo em que cada um de nós cria, conhece, contempla, vive e morre) – o mundo no qual se objetiva o ato da atividade de cada um e o mundo em que cada atividade realmente, irrepetivelmente, ocorre, tem lugar. (Bakhtin [1919-1924] 2010, p. 43).

¹⁵ Tese intitulada: Diálogo e ética: marcas da heterogeneidade constitutiva para uma filosofia do ato responsável em Bakhtin.

Observamos nessas duas citações a convergência entre os autores no que concerne ao princípio da dualidade dos mundos. Buber (2001) defende que o homem está inserido em um mundo que é duplo de acordo com seus posicionamentos. Bakhtin (2010) reafirma a coexistência desse mundo e o conceitua como o mundo da cultura, isto é, o mundo da razão teórica e o mundo da vida, ou seja, o mundo da realidade cotidiana, da concretude do ser e do evento. As influências da filosofia do diálogo de Buber impulsionaram Bakhtin a buscar construir seu grande projeto intelectual, a saber, o estabelecimento de uma *prima filosofia*.

Bakhtin buscava diferentes respostas para o mesmo conjunto de questões, isto é, ele buscava a dialogicidade em meio a prevalência da unicidade, o que podemos chamar de pontos de vistas distintos sobre o mesmo objeto. Entre 1918 e 1924, Bakhtin escreve uma série de textos incompletos que, de acordo com Clark e Holquist (2019), parecem fragmentos de um mesmo tema, ao qual Bakhtin nunca atribuiu um título. A essa série de textos incompletos, os autores supracitados atribuem o título de a arquitetônica da responsabilidade. Clark & Holquist (2019) descrevem esses textos como visivelmente filosóficos, como um tratado sobre ética no mundo da experiência cotidiana, uma espécie de axiologia pragmática.

Em PFAR, Bakhtin traz à tona o estudo sobre o processo de criar ou autorar um evento que pode ser denominado de ato. Esse ato, segundo Clark & Holquist (2019), pode ser entendido como uma ação física, os pensamentos, o texto escrito, todos eles considerados como ato concreto do sujeito no mundo. A respeito de PFAR e o texto *o autor e o herói na atividade estética*, textos que representaram as primeiras produções bakhtinianas datadas entre 1918 a 1924, Faraco (2009) afirma que o primeiro projeto intelectual de Bakhtin é a intenção de construir uma “*prima filosofia*” que vai de encontro às objetificações da historicidade vivida obtidas pelo processo de abstração que é uma característica principal da razão teórica. Bakhtin vai chamar essas objetificações da realidade de teoreticismo.

A filosofia primeira, a qual Bakhtin busca estabelecer, corresponde exatamente ao que ele traz em PFAR sobre a coexistência dos dois mundos: mundo da cultura e mundo da vida que mencionamos anteriormente. Faraco (2009) reafirma que para Bakhtin (2010) não há a apreensão do mundo da vida pela teoria, pois a unicidade e eventicidade do cotidiano não podem ser integralmente apreensíveis pela razão teórica.

É nos primeiros textos que o germe do pensamento bakhtiniano é apresentado. A questão da eventicidade do Ser, o evento único e irrepitível é considerado a essência do pensamento de Bakhtin que vai nortear todos os seus escritos. O que Clark e Holquist (2019) chamam de “A arquitetônica da responsabilidade”, Faraco (2009) nomeia de grande projeto de

uma *prima philosophia*, termos convergentes que apontam para a ideia central de Bakhtin acerca da ética e da responsabilidade.

Ao afirmar que o sujeito “não tem álibi na existência”, Bakhtin (2010) nos mostra que nós, enquanto sujeitos únicos e insubstituíveis, precisamos ser responsáveis e responsáveis por nós mesmos, pois viver é agir no mundo, uma vez que a ética não se constitui em valores abstratos, mas em atos concretos da vida cotidiana.

O eu e o outro são, cada um, um universo de valores. O mesmo mundo, quando correlacionado comigo ou com o outro, recebe valorações diferentes, é determinado por diferentes quadros axiológicos. E essas diferenças são arquitetonicamente ativas, no sentido de que são constitutivas dos nossos atos (inclusive de nossos enunciados): é na contraposição de valores que os atos concretos se realizam; é no plano dessa contraposição axiológica (é no plano da alteridade, portanto) que cada um orienta seus atos (Faraco, 2009 p. 21-22).

A unicidade a que Bakhtin se refere não corresponde ao individualismo, mas à relação de responsabilidade que o sujeito possui de realização de seus próprios atos, pois “aquilo que pode ser feito por mim não pode ser jamais feito por outro alguém” (Bakhtin, 1920 p. 40). Portanto, é válido dizer que, eu não posso ocupar o lugar do outro no mundo, pois cada sujeito representa uma posição axiológica nele. Isto é, “vivemos e agimos, portanto, num mundo saturado de valores, no interior do qual cada um dos nossos atos é um gesto axiologicamente responsivo num processo incessante e contínuo” (Faraco, 2009 p. 22)

A partir do exposto, buscamos compreender quais eram os interlocutores com os quais Bakhtin travava diálogos e reteve princípios que foram aprofundados e aperfeiçoados mais tarde em seus escritos. Vimos a relação de Bakhtin com Kant, Cohen e, por último, com Martin Buber, o qual influenciou de forma mais intensa os pensamentos de Bakhtin no que diz respeito ao princípio que seria considerado a mola mestra de seus escritos: o princípio do dialogismo. Passaremos agora para a explicitação dos papéis desempenhados por Volóchinov e Medvedev para o Círculo de Bakhtin e quais suas contribuições para as reflexões filosóficas da linguagem.

3.2 Volóchinov e Medvedev: influências da teoria marxista da superestrutura e infraestrutura - criação ideológica da linguagem

Bakhtin teve uma vida intelectual de intensos diálogos com vários contextos e também com vários intelectuais de diferentes áreas do conhecimento. Um dos companheiros de diálogo de Bakhtin foi Valentin Nikolaiévitch Volóchinov que, de acordo com informações trazidas por

Clark e Holquist (2019), nasceu provavelmente entre os anos de 1895 ou 1896, frequentou a faculdade de Direito em São Petesburgo e tinha uma paixão pela filosofia e história da música. Volóchinov também foi professor e formou-se em estudos linguísticos, bem como, foi um dos integrantes do Círculo de Nevel formado em 1918.

Outro companheiro que se junta a Bakhtin é o professor Pável Nikolaiévitch Medvedev, um dos integrantes do grupo de Bakhtin na cidade de Vitebsk. Ele nasceu em 1891 em Petesburgo e se formou em Direito na Universidade de Petrogrado antes de alistar-se como voluntário no exército russo, a fim de lutar na Primeira Guerra Mundial. Após à Revolução, em 1917, Medvedev foi para Vitebsk e foi nomeado reitor da Universidade Proletária e também exercia o cargo de professor no Instituto pedagógico e em escolas militares.

Medvedev teve uma vida cheia de influências políticas, trabalhava abertamente para os bolcheviques e exercia importantes cargos na área cultural. Como exemplo desses importantes cargos exercidos por ele, Clark e Holquist (2019) comenta a sua atuação como reitor na universidade Proletária e também a sua atuação como redator da revista local *Iskusstvo* (Arte). Medvedev teve fortes influências políticas, pois sua carreira foi dedicada ao serviço dos ideais revolucionários na esfera cultural. Tanto ele quanto Volóchinov eram mais voltados para as ideias marxistas. A vida e o contexto político de ambos os autores nos levam a compreender o viés marxista presente em seus escritos.

De acordo com Faraco (2009), Volóchinov e Medvedev visavam desenvolver uma teoria de base marxista da criação ideológica, ou seja, da produção e dos produtos do “espírito” humano, usando um discurso mais marxista, uma teoria das manifestações da superestrutura. Volóchinov, para o desenvolvimento do seu projeto intelectual, concentrou-se na linguagem, partindo de dois pontos básicos: 1. A tese de que “os enunciados cotidianos e artístico possuem um chão comum”; 2. E um estudo crítico sobre a forma como as teorias linguísticas da época estavam tratando a linguagem.

Em relação ao primeiro projeto, Volóchinov discute em *A palavra na vida e a palavra na poesia* o tema sobre o enunciado artístico e tece críticas a maioria dos teóricos da arte europeia que buscavam estudar a arte pela arte em sua imanência. Para Volóchinov, os enunciados artísticos precisam ser compreendidos enquanto forma de uma comunicação estética específica, realizada no material da palavra. Para isso, ele analisa o enunciado verbal no discurso cotidiano por acreditar que este possui potencialidades para as futuras formas literárias. Isto é, o discurso cotidiano é a base para os enunciados artísticos. Como o próprio

Volóchinov (2019 p. 117) afirma “... a palavra é completada diretamente pela própria vida e não pode ser separada dela sem que seu sentido seja perdido”.

Em relação ao segundo projeto intelectual de Volóchinov sobre as críticas às teorias linguísticas da época, encontramos essa discussão no livro *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, mais precisamente no capítulo 04 (quatro) quando ele vai falar sobre as duas orientações do pensamento filosófico-linguístico, a saber: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato.

Concernente ao objetivismo abstrato, o autor situa como principal representante Saussure e seus estudos estruturais da língua como sistema de normas fixas. Já o subjetivismo idealista tem como seu principal representante Vossler e seus estudos sobre o caráter subjetivo e expressivo da língua, como detalhado no capítulo anterior sobre as estilísticas do século XX.

Medvedev, por sua vez, aposta nos estudos literários, tecendo críticas aos formalistas e buscando desenvolver, em seu livro, *O método Formal dos estudos literários, introdução crítica a uma poética sociológica*, a temática dos estudos das ideologias e da criação ideológica. Esse estudo é desenvolvido tendo por base o caráter materialista e sócio-histórico do universo da criação ideológica. O termo ideologia abarca diferentes concepções quando visto de diferentes lugares teóricos; portanto, para desfazer uma possível confusão de sentido, vamos trazer aqui uma explicitação de como Volóchinov, Medvedev e Bakhtin concebiam a noção de ideologia em seus escritos.

Em MFL, Volóchinov se dedica ao estudo das ideologias e filosofia da linguagem. Ele inicia o capítulo, afirmando que as bases para uma teoria marxista da criação ideológica (estudos científicos, literatura, religião, moral etc.) estão estreitamente ligadas aos problemas da filosofia da linguagem. O autor discute o conceito de ideologia partindo da noção de criação ideológica como: a ciência, a religião, a moral, a literatura etc. Essas são consideradas por ele, tomando por base a ideia de classe do marxismo, como as esferas ideológicas da superestrutura, isto é, pertencente à ideologia oficial.

O termo ideologia, de acordo com Volóchinov e Medvedev corresponde ao universo dos produtos do “espírito” ou como é chamado por autores de cunho mais idealista, a cultura imaterial. Nesse sentido, os referidos autores, adotando uma postura mais marxista, compreendem que o pensamento humano está ligado ao domínio das esferas ideológicas da superestrutura. Assim, compreendemos que a ideologia condiz com a visão de mundo presente em cada domínio do pensamento humano são os pontos de vista que o sujeito assume diante de

diferentes objetos, no caso da linguagem, em diferentes situações comunicativas, engendrados por diferentes campos da atuação humana.

Além de o termo ideologia se referir ao domínio do campo de atuação humana, em outras palavras, a ciência, a literatura, a religião, a política, a moral etc., este termo também é ligado à axiologia, mais presentes nos escritos do próprio Bakhtin que veremos mais adiante. Em MFL, a discussão sobre ideologia está intrinsecamente relacionada com o conceito de signo. Para Volóchinov, “tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia”.

Para melhor compreensão do conceito de signo, Volóchinov (2010) traz um exemplo de instrumentos de produções, como a foice e o martelo. Enquanto instrumentos, eles desempenham uma determinada função na produção, portanto, refletem a significação de sua realidade natural. Enquanto o martelo reflete a sua função de fixar pregos em madeiras, a foice tem a função de escavar a terra. Porém, esses mesmos instrumentos podem ser convertidos em signos ideológicos: é o caso, por exemplo, da presença da foice e do martelo como emblema da união soviética.

Quando o autor afirma que sem signos não existe ideologia, ele queria mostrar que a realidade objetiva de um determinado instrumento indicaria apenas as suas funções naturais, objetais, sem permitir que houvesse refrações de sentidos, ou melhor, sem a possibilidade de buscar outras realidades para explicitação do referido objeto. No caso da foice e do martelo, ao serem usados como símbolos da União Soviética, esses instrumentos transcenderam a sua significação natural e passaram a refratar outras realidades, isto é, acumularam a função sógnica. Contudo, precisamos discernir uma linha demarcatória conceitual entre um determinado objeto e o signo. Volóchinov nos alerta que “o instrumento enquanto tal não se torna signo e o signo, enquanto tal, não se torna instrumento de produção” (Volóchinov 2010, p.32)

Portanto, compreendemos que o ideológico está intrinsecamente ligado à ideia de signo na obra de MFL. Na concepção de signo está contido o valor e/ou valores que determinados objetos possuem dentro das esferas de atuação humana. Sendo assim, como afirma Volóchinov (2010, p. 32), “o signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico.” Essas especificidades de que fala o referido autor correspondem ao ponto de vista delineado pelos campos de criação ideológica (jurídico, científico, literário, político etc.), pois cada um deste campo tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a sua própria maneira.

Ao delinear a noção de signo, Volóchinov (2010) aponta para uma concepção sociológica da linguagem, buscando explicitar que os elementos linguísticos em sua forma abstrata não refletem uma realidade sígnica, mas ao ecoar múltiplos sentidos são considerados signos, pois passam a refletir sua significação natural e também passam a refratar outros sentidos.

Em MFL, o autor traça um percurso bastante interessante, iniciando da delimitação da noção de ideologia, passando para o conceito de signo e transitando pela discussão sobre a natureza da consciência individual até chegar à discussão sobre a palavra que é seu objeto de estudo. A palavra tem um papel central nos estudos de Volóchinov (2010), pois ele a considera como o signo ideológico por excelência. Voltaremos ao estudo sobre a palavra mais adiante. Por ora, buscamos aqui trazer a noção de ideologia que permeia os escritos de Volóchinov (2010).

Tomando por base as discussões sobre ideologias já realizados, Medvedev (2012) buscou estudar a literatura como um dos ramos da criação ideológica e, para tanto, entende como ideologia a forma de designar o universo que “engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética, a política, ou seja, todas as manifestações superestruturais (para usar certa terminologia de tradição marxista)” (Faraco, 2009, p. 46)

Partindo desse conceito de criação ideológica, Medvedev (2012) defende que todos os produtos da criação ideológica são objetos dotados de materialidade, ou seja, são parte real, concreta, objetiva da realidade prática humana. Esses produtos, acrescenta ele, existem como tal corporificados em algum material semiótico definido. Nesse sentido, convergindo com a noção de signo mencionada na obra de Volóchinov, Medvedev afirma que um produto da criação ideológica é sempre um signo. A ideia de signo também está presente na obra de Medvedev (2012). Os signos são os instrumentos de mediação das relações humanas, podendo ser corporificados ou materializados de diferentes formas como: som, imagem, corpo físico, palavras etc. Para Medvedev (2012), ou melhor dizendo, para o Círculo de Bakhtin, os signos são constitutivamente sociais, pois refletem, isto é, descrevem uma determinada realidade material e também refratam, ou seja, interpretam outras materialidades.

Os signos emergem e significam no interior de relações sociais, estão entre (grifo do autor) seres socialmente organizados; não podem, assim, ser concebidos como resultantes de processos apenas fisiológicos e psicológicos de um indivíduo isolado; ou determinados apenas por um sistema formal abstrato. Para estudá-los, é indispensável situá-los nos processos sociais globais que lhes dão significação (Faraco, 2009, p. 49).

Os conceitos de ideologia e signos são adotados por todos os membros do Círculo, uma vez que encontramos nos escritos atribuídos a Volóchinov, como é o caso, por exemplo, da menção que ele faz na obra MFL, como também a Medvedev. Vejamos agora como Bakhtin aborda a questão da ideologia.

Bakhtin (2010), em *Problemas da Poética de Dostoievski*, refletindo sobre o pensamento humano, busca explicitar que Dostoievski sabia representar a ideia do outro, conservando-lhe toda a plenivalência enquanto ideia, ou seja, enquanto ponto de vista, pois ele não fundia a ideia do herói com sua própria ideologia. Para o autor, o personagem dostoiévskiano é considerado o homem de ideias, pois são conservadas não apenas a sua imagem exteriorizada, mas seus pontos de vistas, seus valores.

Nesse sentido, Bakhtin afirma que Dostoievski delinea duas condições para a imagem da ideia: a primeira corresponde ao inacabamento do homem, o homem só é homem de ideia quando se coloca diante de outros homens, diante de outras vozes, outras ideias ou pontos de vista. A segunda condição corresponde à consciência do sujeito no que concerne à natureza dialógica da linguagem. Como afirma Bakhtin (2010, p. 98):

[...] a ideia não vive na consciência individual isolada de um homem: ela degenera e morre. Somente quando contrai relações dialógicas essenciais com as ideias dos outros é que a ideia começa a ter vida, isto é, a formar-se, desenvolver-se, encontrar e renovar sua expressão verbal, gerar novas ideias. O pensamento humano só se torna pensamento autêntico, isto é, ideia, sob as condições de um contato vivo com o pensamento dos outros, materializado na voz dos outros, ou seja, na consciência dos outros expressa na palavra. É no ponto de contato entre vozes-consciências que nasce e vive a ideia.

Bakhtin (2010) busca reafirmar que o homem é um ser social e constitutivamente dialógico-ideológico. Para ele, só o encontro de duas ou mais consciências é que permite a tensão entre as palavras, o encontro das vozes, ou seja, as relações dialógicas que refratam os encontros e confrontos ideológicos, os posicionamentos valorativos dos sujeitos. Para o autor, o conceito de ideologia está intimamente ligado ao de axiologia, a ponto de vista do sujeito. A interação humana possibilita a vivência da ideologia que está presente na consciência de um sujeito e só pode ser vislumbrada a partir do contato com a consciência do outro.

A noção de relações dialógicas é um desdobramento da noção de ideologia. Como vimos acima, o ideológico está intimamente ligado à natureza sígnica da linguagem, pois é apenas a partir das refrações, isto é, das multiplicidades de sentidos, da convivência simultânea de pontos de vistas, que a linguagem se encontra. O caráter dialógico da linguagem é a condição *sine qua non* para o surgimento do signo ideológico de que fala Volóchinov e é ratificado por todo o Círculo.

Portanto, concluímos que Volochínov (2010), Medvedev (2012) e Bakhtin (2010) convergem no que concerne ao conceito de ideologia. Apesar de trazer os conceitos de ideologia e criação ideológica ligado às bases da teoria marxista, os autores não concordam com o chamado marxismo vulgar, aquele que tenta dar conta dos processos e produtos da criação ideológica por meio de uma lógica determinista e mecanicista, segundo a qual uma relação de causalidade simples, direta, unilinear e unidirecional entre a base econômica e as manifestações superestruturais resolveria tudo, simplória e dogmaticamente.

O Círculo busca trazer para a discussão filosófica a importância do estudo da palavra cotidiana, ou seja, do discurso localizado na infraestrutura e compreender a relação que o discurso cotidiano tem com a superestrutura, com os sistemas ideológicos constituídos. Como afirma Faraco (2009, p. 63):

Para Bakhtin e o Círculo, ao contrário do que pensam as teorias formalistas a linguagem cotidiana e a linguagem poética, no fundo, estão em funcionamento as mesmas forças: estão ambas situadas na grande corrente da comunicação sociocultural e nas duas se materializam tomadas de posição axiológicas e relações dialógicas.

Portanto, Bakhtin, Volóchinov e Medvedev compreendem o fenômeno de linguagem e suas esferas, a saber: a esfera cotidiana e poética, ambas funcionando na mesma corrente comunicativa e participantes de relações dialógicas materializadas em tomadas de posições valorativas dos sujeitos participantes do processo ininterrupto da interação verbal.

3.3 O princípio dialógico da linguagem

Bakhtin, desde seus primeiros passos como estudioso da linguagem, buscou focar nos estudos das relações e interações humanas. O discurso cotidiano e as relações dialógicas que se davam nele eram palco para suas reflexões e percepções sobre o processo dialógico e dinâmico da linguagem.

Clark & Holquist (2009) comentam que Bakhtin buscava resistir ao pensamento dialético para ceder lugar ao pensamento dialógico. No pensamento dialético as questões são analisadas a partir de um ponto de vista ou de outro, já no pensamento dialógico existem possibilidades de convivências de diferentes pontos de vista. Em Bakhtin, diferente do que ocorre no pensamento dialético, o dialogismo corresponde à coexistência da multiplicidade de pontos de vista, sem que nenhum se sobreponha ao outro, coexistindo no mesmo espaço, convergindo e divergindo. Ademais, a ideia de relações dialógicas converge com a ideia do

herói de que fala Bakhtin em seus escritos sobre o problema da poética de Dostoievski. Dessa forma, o dialogismo é para Bakhtin a forma de contemplar a essência da linguagem e de observar a atividade comunicativa em seu funcionamento, pois assim vislumbramos o encontro das consciências, das vozes.

Bakhtin converge com a noção de diálogo trazido por Buber e busca aprofundar esse conceito trazendo-o para o campo das relações de interação verbal, uma vez que para Bakhtin e o círculo a linguagem é essencialmente dialógica. Faraco (2009) afirma que há uma grande identificação do pensamento do Círculo com a metáfora do diálogo. Essa identificação é tão saliente que se tornou comum designar o pensamento de Bakhtin como dialogismo. O referido autor acrescenta que é importante destacar que o Círculo não vai concentrar seus interesses nas formas composicionais do diálogo e suas formas de semiotização (oral, escrita), mas como o próprio Bakhtin (2010, p. 180) afirma, o diálogo é um “documento sociológico altamente interessante”, isto é, para ele o diálogo é um meio ou um espaço onde ocorre a dinamicidade das relações sociais.

Bakhtin (2010) traz à tona o que ele entende por discurso. Para ele o discurso corresponde “a língua em sua integridade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso” (BAKHTIN, 2010, p. 207). Percebamos que Bakhtin (2010) situa a noção de discurso intimamente ligado ao funcionamento da língua, isto é, a língua em uso se torna discurso. Contudo, o autor não despreza a importância dos estudos da linguística no tocante à análise das abstrações da língua, pois para ele essas abstrações são absolutamente legítimas e são aspectos da língua que merecem ser estudados. Nesse sentido, Bakhtin (2010) acrescenta que existem duas facetas da língua, a saber: o discurso (a língua em funcionamento) e a língua enquanto estrutura, sendo ela é um objeto comum de estudo da Linguística e da Metalinguística¹⁶.

Desse modo, a linguística se ocupa do caráter estrutural da língua e a Metalinguística busca focar no caráter interacional, no processo que ocorre no momento da interação, isto é, das relações dialógicas. Portanto, as relações dialógicas são o objeto de estudo da Metalinguística, campo de estudo o qual Bakhtin não definiu e nem localizou em teorias, mas que foi considerado o seu lugar teórico para analisar a língua. Bakhtin (2010) explicita as características dessas relações, diferenciando as das relações objetivas que ocorrem na linguística.

¹⁶ termo que Bakhtin utiliza em Problemas da Poética de Dostoievski para se referir ao estudo dos aspectos da vida do discurso que ultrapassam o domínio da Linguística. (c.f. Bakhtin, 2010 p. 207)

As relações dialógicas não acontecem entre os elementos linguísticos ou entre os elementos do texto num enfoque puramente linguístico deste. Para o filósofo russo (2010), o confronto linguístico ou agrupamento de qualquer texto abstrai todas as relações dialógicas, uma vez que essas relações só ocorrem no processo dinâmico das relações comunicativas entre sujeitos.

As relações dialógicas vão para além da linguística; elas são extralinguísticas no sentido de buscar considerar os aspectos contextuais e as réplicas, o discurso do outro, por assim dizer. As relações estruturais que ocorrem entre os elementos da língua são definidas para Bakhtin (2010) como relações lógicas ou concreto-semânticas adotadas pela linguística.

O Círculo de Bakhtin, portanto, não se ocupa do diálogo no seu sentido estrito do termo, isto é, como a forma do diálogo face a face, pois esta é apenas uma das formas pelas quais se manifestam as relações dialógicas, mas ele vai se ocupar do “complexo de forças que nele atua e condiciona a forma e as significações do que é dito ali.” (Faraco, 2009, p. 61). O interesse do Círculo é no “simpósio universal”, isto é, o sentido amplo das interações discursivas. Faraco (2009) afirma que assim como o diálogo face a face, uma obra literária, um texto religioso, um tratado filosófico, também são para o Círculo, espaços de vida da consciência socioideológica.

A consciência socioideológica corresponde também às relações que ocorrem entre as esferas discursivas, como por exemplo, o discurso cotidiano e o discurso artístico. Esse tipo de análise discursiva é encontrado nos escritos de Medvedev (2012), nos quais ele discute a questão das especificidades da linguagem poética e linguagem do cotidiano e em Volóchinov (2010), encontramos o estudo das ideologias e da esfera da criação ideológica: ideologia do cotidiano e ideologia dos sistemas constituídos.

O Círculo estuda as relações dialógicas e explicitam que nas esferas discursivas citadas acima, desenvolvem-se enunciados específicos, isto é, gêneros do discurso. Voltaremos a tratar mais detalhadamente sobre a temática do gênero *a posteriori*, no momento discutiremos apenas a temática do dialogismo de forma geral para depois trazermos à tona as especificidades e as manifestações do dialogismo na linguagem e como essas manifestações são representadas.

Brait (2006) expõe resultados de suas leituras das obras de Bakhtin e o Círculo que resultaram na criação do termo Análise Dialógica do Discurso, doravante ADD. A partir das reflexões em torno das obras do Círculo, a supracitada autora afirma que mesmo consciente de que Bakhtin e os outros integrantes não objetivaram criar um conjunto de preceitos para servir como categorias-teóricas, os seus escritos permitem a proposição de uma teoria Dialógica do

Discurso com vistas a demarcar o lugar do Círculo para a configuração dos estudos da linguagem no campo da Análise do Discurso.

A referida autora assevera que a ADD surge de forma diferenciada das demais tendências das chamadas ADs (Análises de Discurso), pois não foi proposta formalmente pelo fato de que as obras de Bakhtin e o Círculo chegaram de forma dispersa, sem uma ordem cronológica e, por isso, não goza de historicidade consagrada, como por exemplo, a AD francesa ou anglo-saxã.

A pesquisadora define a ADD como “uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiada nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados” (Brait, 2006, p. 10). Isto é, o estudo dos escritos bakhtinianos, de acordo com Brait (2006), aponta para o surgimento de uma concepção de linguagem voltada para a relação constitutiva entre sujeito, história, linguagens e cultura, incorporando o extraverbal e a alteridade como elementos constitutivos das relações dialógicas.

Uma das principais finalidades da ADD não é simplesmente aplicar conceitos a fim de compreender um discurso, mas deixar que os discursos revelem sua forma de produzir sentidos, a partir de pontos de vista diferentes.

A língua para Volóchinov (2019) é concebida como algo dinâmico e flexível, sendo resultado das relações sociais. A esse respeito, o autor afirma que a:

[...] a língua não é algo imóvel, dado de uma vez por todas e determinado de modo rigoroso em suas “regras” e “exceções” gramaticais. A língua não é, de modo algum, um produto morto e petrificado da vida social: ela movimentase ininterruptamente, seguindo em seu desenvolvimento a vida social. Esse movimento progressivo da língua realiza-se no processo da comunicação do homem com o homem, comunicação esta que não é só produtiva, mas também discursiva (Volóchinov, p.267, 2019).

O Círculo busca trazer à tona a importância da língua em funcionamento, ou seja, focaliza nas manifestações de sentidos que se vislumbram durante o momento de interação verbal, abarcando tanto a sua estrutura linguística como também as relações estabelecidas entre sujeitos, contextos de produção, história, cultura e axiologias.

Partindo da premissa da bivalência do discurso humano, Volóchinov reconfigura o conceito de linguagem a partir da ótica da indissolubilidade da relação social com a dinamicidade das práticas discursivas. À medida que a sociedade sofre mudanças, a linguagem também reflete essas mudanças, pois a interação entre sujeitos socialmente organizados é que possibilita a construção e produção de sentidos dos discursos.

Quando nos comunicamos, não pronunciamos apenas palavras puras retiradas de um grande acervo ou sistema, mas exprimimos sentimentos, emoções, avaliações, acordos, desacordos, intenções etc. Ao contrário do que defendem os estruturalistas, o processo comunicativo é um evento complexo e multifacetado, no qual são produzidos enunciados que refletem e refratam as posições valorativas dos sujeitos envolvidos no processo de comunicação. Para ratificar esse posicionamento, Volóchinov (2010, p. 117) afirma que: “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor”.

O princípio dialógico da linguagem e as suas manifestações discursivas são apresentadas e esboçadas nas obras do Círculo a partir da constituição de conceitos e categorias teóricas como: enunciado, palavra, gêneros do discurso, estilo, signo ideológico, entonação expressiva, responsividade, responsabilidade entre outros. Esses conceitos se configuram como as manifestações ou desdobramentos do dialogismo intrínseco da linguagem que Bakhtin e o Círculo trazem em seus escritos.

Nesta pesquisa, destacaremos apenas alguns conceitos e noções, tais como: enunciado, gêneros do discurso, estilo e entonação expressiva, buscando mostrar como essas noções são delineadas na obra de Bakhtin. A seleção das noções supramencionadas se dá pelo fato de entendermos que a partir delas é delineado um percurso estilístico, isto é, a explicitação da noção de enunciado como unidade da comunicação discursiva, bem como a noção da dinamicidade dos gêneros do discurso e a intrínseca ligação do estilo com a natureza verbal dos enunciados e tipos de enunciados que o Círculo delineia em seus escritos.

A noção de enunciado também ocupa destaque nas discussões linguísticas e derivam de sentidos à medida que é tratado por diferentes campos epistemológicos. Não é foco desta pesquisa destacar o tratamento do enunciado em diferentes epistemologias; portanto, buscaremos aqui trazê-lo especificamente a partir da concepção dialógica de Bakhtin e o Círculo com vistas a mostrar a contribuição que o princípio dialógico traz para a compreensão do funcionamento da língua.

3.3.1 Enunciado

O enunciado é reconhecido nas obras do Círculo como unidade da comunicação discursiva que ultrapassa os limites das relações lógico-concreto semânticas, uma vez que o

enunciado engloba todo o pano de fundo que envolve o processo comunicativo, a saber: os sujeitos, seus posicionamentos valorativos, o contexto de produção e o momento histórico.

Ao identificar o conceito de enunciado ligado às avaliações sociais que são percebidas dentro do processo real de comunicação, Bakhtin e o Círculo partem da ideia de que o enunciado corresponde à totalidade semântica estabelecida entre a construção oracional e os elementos extralinguísticos que fazem parte do todo da comunicação, isto é, a situação comunicativa, os sujeitos envolvidos, o contexto de produção, a cultura e a história.

A noção de enunciado perpassa por todos os escritos do Círculo, porém, observamos que em alguns escritos essa noção ganha maior destaque, como é o caso do ensaio intitulado *Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado*, no qual Volochínov, ao delinear o conceito de linguagem de um ponto de vista social, mostra que a linguagem é um produto social que se materializa em enunciados, o que ele vai chamar de “unidade da comunicação discursiva, uma vez que a noção de enunciado vista pelo prisma social engloba o todo semântico do processo de comunicação entre sujeitos socialmente organizados. Volóchinov (2019) também foca na noção de enunciado trazendo as especificidades das esferas do discurso cotidiano e discurso poético. Ele dá destaque a ideia de que o enunciado cotidiano possui potencialidades para as construções enunciativas literárias.

Nesta pesquisa, buscaremos detalhar a noção de enunciado presente no ensaio *Gêneros do discurso*, contido na coletânea *Estética da Criação verbal*, assinado por Bakhtin, pois acreditamos que nele foi traçado uma abordagem mais ampla e didática da noção do enunciado, mostrando desde sua conceptualização, características como também as diferenças entre as unidades da língua.

Bakhtin (2010) trata do problema que envolve a definição dos gêneros do discurso. Ele aponta que antes o foco eram os estudos dos gêneros literários e não se abordava as diferenças de tipos de enunciados. Dito isso, o referido autor mostra a importância de se observar a natureza verbal do enunciado e da diversidade de formas de gênero do enunciado nos mais diversos campos de atividade humana. Em seguida, Bakhtin busca focar na explicitação da noção de enunciado, diferenciando-o das unidades linguísticas (oração, palavra).

O referido autor, inicia trazendo à baila as discussões acerca de teorias linguísticas do séc. XIX, a exemplo de Humboldt e Vossler, os quais tratavam da questão da língua sob o ponto de vista de um falante que não necessitava da relação com outros participantes da comunicação discursiva. Estas abordagens ou colocavam o foco na estrutura linguística como resultante da

expressão do pensamento humano, ou a exemplo da teoria de Vossler, a língua correspondia, a priori, à função expressiva do mundo individual do falante.

Bakhtin (2010) imbuído da ideia de dinamicidade da língua, não concorda com o reducionismo com que as questões linguísticas eram tratadas pelas abordagens supramencionadas, para tanto, ele traz à tona a definição de enunciado e coloca em posição de destaque o processo vivo e concreto das relações de comunicação humana.

Diferentemente dos esquemas de comunicação defendidos por algumas abordagens estruturalistas, as quais delimitam e isolam a função do falante e ouvinte, Bakhtin (2010) busca trazer a importância e a essência da posição responsiva do sujeito interlocutor no processo de comunicação. Para ele, “Toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante.” (Bakhtin, 2010, p.271).

Na relação de comunicação existem trocas de papéis, os sujeitos ou parceiros do discurso se alternam durante o processo comunicativo. O enunciado se encontra exatamente nesse momento de vivacidade do discurso. Como mencionamos anteriormente, o enunciado transcende as estruturas linguísticas e abarca os elementos extraverbais da interação discursiva.

Bakhtin (2010) conceitua enunciado como “unidade de comunicação discursiva”, isto é, as relações que se estabelecem no processo de comunicação entre sujeitos socialmente organizados. O enunciado abrange todo os elementos contidos no processo de interação verbal, tanto ele é o ato de produzir o discurso como também o resultado das relações dialógicas intrínsecas no processo real de comunicação. Isto é, a noção de enunciado abarca a importância dos sujeitos e seus posicionamentos axiológicos, o contexto de produção e circulação dos discursos.

Após clarificar o que seria o enunciado, o autor traz as diferenças estabelecidas entre as unidades da língua (orações, palavras) e o enunciado, uma vez que para ele o enunciado reflete a posição valorativa do sujeito, permitindo a alternância dos parceiros do discurso. Bakhtin (2010, p. 261) assevera que “[...] o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”. O enunciado é produzido a partir da necessidade do sujeito alocado em uma dada esfera de comunicação e através de enunciações concretas. Para tanto, um enunciado não pode ser considerado como tal se não integrar a estrutura linguística com a situação comunicativa e todos os elementos extraverbais imbricados no processo de comunicação realizado entre sujeitos.

Partindo dessa ideia, o filósofo russo (2010) destaca três características intrínsecas do enunciado:

a) alternância entre sujeitos – configura-se no momento em que o enunciador conclui seu discurso e aguarda a réplica do outro, ou seja, espera a compreensão responsiva do ouvinte ou parceiro do discurso. O sujeito interlocutor pode responder ao enunciado concordando, discordando, através de gestos ou até mesmo através do silêncio;

b) conclusibilidade – é quando a interação discursiva se dá e o sujeito locutor percebe quando o interlocutor consegue expressar a totalidade de seu projeto discursivo para aquela determinada enunciação. Bakhtin (2010 p.280) afirma que “quando ouvimos ou vemos, percebemos nitidamente o fim do enunciado como se ouvíssemos o “dixi” conclusivo do falante”;

c) relação do enunciado com o falante e com outros parceiros do discurso – diferentemente das unidades da língua, o enunciado exige que o falante projete o seu discurso em relação ao seu ouvinte potencial. Os enunciados exprimem o estilo individual do falante e são compreensíveis para o outro, haja vista que o enunciado é produzido levando em conta a posição social do interlocutor.

Contrariamente, as unidades da língua, quando são destacadas do seu contexto comunicacional, são desprovidas dessas características, pois são elementos linguísticos analisados do ponto de vista da abstração linguística, apenas no nível da estrutura e, portanto, não promovem sentidos.

Ao apresentar as unidades da língua, Bakhtin (2010) as considera como elementos que não permitem a alternância dos sujeitos pelo fato de o contexto da oração não se relacionar com o contexto extraverbal da realidade nem com as enunciações de outros falantes, além de não dispor de plenitude semântica, pois a oração só adquire um sentido definitivo no conjunto do enunciado.

Fiorin (2008), fazendo a releitura do ensaio “*Os gêneros do discurso*” sobre a explicitação dos enunciados, afirma que o dialogismo está ligado à relação de sentido estabelecido entre os enunciados. Ele acrescenta que não são as unidades da língua que são dialógicas, mas os enunciados. As unidades da língua são os sons, as palavras e as orações, enquanto os enunciados são as unidades reais de comunicação. As primeiras são repetíveis, enquanto os enunciados são irrepetíveis, uma vez que são acontecimentos únicos, cada vez tendo um acento, uma apreciação, uma entonação própria.

Bakhtin (2010) traz de forma mais detalhada a ideia traçada em PPD acerca do conceito de discurso, ou seja, o enunciado como produto das relações dialógicas e as orações como produto das relações lógico concreto-semântica da língua.

Bakhtin (2010) não nega o estudo da língua, pelo contrário, ele compreende a necessidade de se compreender as unidades linguísticas e suas estruturas. O que ele busca demonstrar é que a fonologia, morfologia e sintaxe não dão conta da explicitação do funcionamento real da linguagem. Por isso, ele propõe uma translinguística que toma como objeto de estudo as relações dialógicas dos enunciados, como já mencionamos anteriormente ao tratarmos da obra *Problema da poética de Dostoievski*.

De acordo com Brait (2012) as noções de enunciado/ enunciação exercem papel central no pensamento bakhtiniano pelo fato do estabelecimento de sentidos vislumbrados dentro do processo de interação discursiva.

As noções de enunciado/ enunciação tem papel central na concepção de linguagem que rege o pensamento bakhtiniano justamente porque a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos (Brait, 2012, p. 65).

As noções de enunciado e enunciação não se encontram acabadas na obra do círculo, mas vão sendo construídas e articuladas com outras noções encontradas no conjunto da obra de Bakhtin. Os termos enunciado e enunciação estão articulados com outros termos, a saber: signo ideológico, discurso verbal, ato, atividade, polifonia, dialogismo etc.

Portanto, entendemos que o enunciado, diferentemente das unidades da língua, reflete a necessidade do falante em uma dada situação e em um dado momento histórico, considerando o interlocutor no processo comunicativo por ser constitutivamente dialógico. Já as unidades da língua são desprovidas de sentidos por serem desconectadas do contexto e por dispensarem a importância do sujeito interlocutor no processo de produção de sentido.

O conhecimento da natureza do enunciado desmistifica as abstrações exacerbadas dos estudos linguísticos estruturais. Quando o pesquisador toma conhecimento da verdadeira natureza do enunciado, ele consegue ver a intrínseca ligação que a língua guarda com as relações sociais e a respectiva importância da historicidade para as investigações linguísticas. Passaremos agora para a explicitação dos gêneros do discurso e sua importância para os estudos das práticas discursivas.

3.3.2 Gênero discursivo

Bakhtin (2010) desenvolve a ideia de gênero do discurso ao observar as diversas formas de uso da linguagem ligado com a diversidade de campos de atuação humana. Mesmo com sua

grande variedade, os campos e os usos da linguagem obedecem a uma certa unidade ou uma relativa estabilidade, como afirma Bakhtin (2010) ao se referir à definição de gênero. É dentro da dinamicidade do processo de comunicação entre sujeitos que o supracitado autor observa a unidade, a relativa estabilidade dentro da diversidade. Parece paradoxal, mas é nesse complexo e emaranhado processo que se desenvolvem os gêneros do discurso. Vamos esclarecer melhor.

Vimos que o enunciado é a unidade da comunicação discursiva e, para tanto, nasce e vive dentro do processo real de comunicação entre parceiros do discurso socialmente organizados. A organização social, as esferas de atividade humana, seja ela política, jurídica, religiosa ou cotidiana e o contexto situacional exigem certas especificidades na construção dos enunciados. Assim, quando estamos em uma situação de comunicação na esfera científica, por exemplo, buscamos fazer algumas escolhas estilísticas que atendam às especificidades exigidas dentro do processo de comunicação que ocorrem dentro dessa referida esfera, seja na forma de comunicação oral ou escrita. É o caso da construção de um artigo científico em que precisamos observar as formas estilísticas dele para poder adequar a nossa produção escrita.

Nessa perspectiva, Bakhtin (2010) assevera que os enunciados produzidos em determinados campos são caracterizados por possuírem um estilo, um conteúdo temático e uma construção composicional, características essas que são intrínsecas ao conjunto de enunciados que acabam por distingui-los dos outros enunciados produzidos em diferentes esferas de atuação da comunicação verbal.

O estilo, o conteúdo temático e a construção composicional estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de cada campo de comunicação. Mesmo os enunciados particulares tendo o caráter individual; contudo, cada campo de utilização, ou seja, cada esfera de atuação da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados. Esses “tipos relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin, 2010 p. 262) são os gêneros do discurso, os quais não se apresentam como modelos estáticos ou padronizados, haja vista as diversas formas de atividade discursiva. Com isso, os gêneros podem variar conforme a situação comunicativa à qual o sujeito é exposto. Como afirma o filósofo russo:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (Bakhtin, 2010, p. 262).

Entendendo o gênero por esse prisma, acreditamos que a nossa comunicação é engendrada por gêneros. A comunicação humana é constituída por meio de gêneros discursivos, os quais são flexíveis e dinâmicos e que se renovam e se modificam de acordo com as exigências e especificidades das esferas e /ou campos de atuação da comunicação.

Bakhtin (2010) traz exemplos de gêneros para mostrar a diversidade e heterogeneidade deles na linguagem. Um desses exemplos citados por ele são os enunciados elaborados na esfera de atuação do discurso cotidiano, mostrando que só nessa esfera podemos ter o relato do dia a dia apresentado de diversas formas como a conversa informal, a carta, o bilhete etc. No campo de atuação da literatura, podemos ter desde um provérbio ao romance de muitos volumes.

Bakhtin classifica os gêneros do discurso em gênero primário e secundário. Os gêneros primários correspondem às diversas formas de manifestação discursiva cotidiana, espontânea. Já o gênero secundário nasce na condição de um convívio cultural mais complexo.

A noção de infraestrutura e superestrutura da palavra vista em *Marxismo e filosofia da linguagem* é restruturada aqui dentro do processo da relativa estabilidade de determinados enunciados como gêneros primários (enunciados elaborados na esfera cotidiana) e gêneros secundários (enunciados elaborados na esfera cultural). Logo, Bakhtin e o Círculo acreditam que essas esferas se retroalimentam e incorporam discursos que transitam em ambas as esferas.

Ao conceber essa classificação, Bakhtin deixa claro que não se trata de uma classificação funcional, haja vista que os gêneros secundários, muitas vezes, surgem da reelaboração ou da incorporação de determinados gêneros primários. Após à classificação dos gêneros em primário e secundário, Bakhtin (2010) adentra nas questões estilísticas presentes no enunciado e tipos de enunciados (gêneros do discurso). Ele parte da ideia da indissolúvel ligação entre o estilo, enunciado e as formas típicas do enunciado.

Ao tratar da estilística, aqui em especial, a questão do estilo individual, Bakhtin (2010) afirma que existem gêneros mais propícios para refletir a individualidade do falante, como os poemas, os quais são gêneros produzidos na esfera literária e de certa forma carrega o estilo individual do autor.

Contudo, mesmo diante desses tipos de enunciados, o supramencionado autor defende a ideia da relação social e dinâmica do estilo, isto é, mesmo em gêneros que são próprios para se destacar a individualidade do sujeito, o estilo ainda se mantém integralmente social, pois ao selecionar os recursos lexicais para uma determinada enunciação, a palavra fica carregada da marca do sujeito que a enuncia. Entretanto, esse sujeito também carrega em seu discurso os

enunciados que já estão sobrecarregados do estilo de outrem. Daí se justifica a afirmação de Bakhtin quando assevera que o estilo só pode ser considerado em um terreno interindividual.

O referido autor também traz a discussão sobre os gêneros que demandam uma certa estabilidade, isto é, um certo padrão de uso, como é o caso de gêneros produzidos em situações mais formais, como documentos de expediente de estabelecimentos públicos, a exemplo da portaria, requerimento, declaração. Esses tipos de enunciados não refletem tanto a individualidade do falante. Esses gêneros possuem o estilo como uma marca caracterizadora, facilitando a sua identificação.

O estilo, neste caso, se torna um elemento indispensável, podendo renovar ou modificar o próprio gênero, pois como Bakhtin (2003, p. 268) postula, “onde há estilo há gênero. A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero”. A questão da complexidade da definição de estilo em geral e estilo individual requerem um aprofundamento acerca da natureza do enunciado e da diversidade do gênero, haja vista que o estilo é um elemento que compõe o gênero. O que são reconhecidos na estilística da língua ou na sociolinguística como estilo de linguagem não são senão estilo do próprio gênero pela sua indissolúvel ligação entre si.

A estilística, de acordo com Bakhtin (2010), precisa levar em consideração o estudo acerca da natureza do gênero dos estilos linguísticos. A fraqueza da estilística da língua está no fato de desconsiderar o estudo dos gêneros do discurso. Lembrando que esses elementos, a saber, o enunciado, gênero e o estilo, que estão indissolúvelmente ligados no projeto discursivo do sujeito, como mencionamos anteriormente, são noções que representam o desdobramento da noção de dialogismo, termo chave para a compreensão das ideias de Bakhtin e o Círculo. A forma de apresentação fragmentada desses elementos é apenas para demonstrar, de forma didática, a complexidade em perceber o dialogismo presente nas estruturas linguísticas dos enunciados e tipos de enunciados (os gêneros do discurso) nas mais diversificadas esferas de conhecimento humano.

Sem dúvida, Bakhtin e o Círculo deram uma grande contribuição para os estudos sobre o gênero do discurso por considerar a importância da natureza verbal do enunciado e da diversidade de formas de gênero do enunciado nos mais diversos campos da atividade humana. Os gêneros do discurso representam, por assim dizer, o produto das interações verbais engendradas por sujeitos organizados socialmente dentro de uma dada esfera de atuação e num dado momento histórico.

4 ESTILÍSTICA DIALÓGICA: CONSTRUINDO UM ARCABOUÇO TEÓRICO DE BASE BAKHTINIANA

Após a compreensão do que entendemos por enunciado e gêneros do discurso, passaremos agora a focar na questão do estilo como elemento das relações sociais. No capítulo anterior, abordamos a concepção dialógica da linguagem como uma trilha para se chegar à compreensão real da estilística, uma vez que as teorias de cunho estruturalista e subjetivistas não deram conta da realidade fundamental da língua e pautaram suas análises na questão do estilo destacado do contexto de produção das enunciações e da importância da posição dos sujeitos envolvidos no processo discursivo.

Bakhtin defende a ideia da indissolubilidade do estilo com os elementos do enunciado e dos tipos de enunciados (gêneros do discurso), uma vez que o estilo é um dos elementos que compõe o gênero do discurso e está diretamente ligado às escolhas intencionais dos sujeitos envolvidos no processo de comunicação verbal, considerando todos os outros elementos extraverbais que compõem esse processo: posicionamentos axiológicos dos sujeitos, contexto social, contexto de circulação e produção da interação verbal.

De forma geral, a noção de estilo tem se apresentado de forma multifacetada, produzindo múltiplos efeitos de sentido advindos de diferentes concepções teóricas. Grosso modo, o estilo se apresenta como a peculiaridade de um sujeito no que se refere à escrita, à fala e ao seu comportamento diante da sociedade.

Os estudos acerca de estilo são mais perceptíveis na crítica literária, baseado na abordagem idealista de Spitzer, B. Croce e Vossler, a qual defende a importância das escolhas individuais do sujeito enunciatador. Neste caso, o estilo se reduz à expressão da individualidade de um sujeito, perdendo assim suas múltiplas funcionalidades na linguagem.

Em relação às pesquisas no âmbito da Sociolinguística, também pautada na estilística de Bally, no que concerne ao estilo, os estudos são pautados na concepção de “desvio” e violação das regras gramaticais, fronteiras estabelecidas pela estilística estruturalista para definir o conteúdo estilístico do conteúdo gramatical. A ideia de estilo aqui é apresentada como um desvio das normas da língua.

Possenti (1993) traz uma concepção de estilo pautada na ideia de escolha e atenção. A escolha corresponde ao elemento constitutivo do estilo, ou seja, o estilo é essencialmente determinado através de escolhas e a atenção está intrinsecamente relacionada à intenção do falante ao selecionar determinados léxicos para compor o seu discurso.

Para o referido autor (1993, p.197), o estilo resulta do agenciamento que o locutor faz dos elementos disponíveis na língua, da forma de individuação do locutor no que concerne a termos de classe, região, nível de educação etc. Com esse conceito, o autor ainda preserva o tratamento do estilo dado pela Sociolinguística e não menciona a importância do contexto social e dos parceiros do discurso para a compreensão do processo dinâmico da comunicação discursiva.

As concepções de estilo trazidas pela estilística estruturalista preservam a ideia de língua como sistema de expressões que são descritas e estudadas nos limites da estrutura linguística. Já a estilística idealista ou vossleriana, ao se opor ao estruturalismo, foca na posição subjetiva do sujeito enunciador e em suas escolhas individuais para produção do discurso. Em Bakhtin e o Círculo, a essência dialógica e a indissolúvel relação do estilo com a posição axiológica dos sujeitos envolvidos no discurso são as bases que fundamentam a concepção dialógica do estilo.

Para Bakhtin e o Círculo, o estilo está presente em todas as esferas por meio das quais a arte está engendrada. Assim, o estilo condiz com a própria visão que o sujeito possui em relação ao mundo, ao agir desse sujeito diante da linguagem. Bakhtin afirma que “O grande estilo abarca todos os campos da arte ou não existe, pois ele é, acima de tudo, o estilo da própria visão de mundo e só depois é o estilo da elaboração do material.” (Bakhtin 2010, p.187).

Bakhtin traz o estilo como uma cosmovisão do autor e sustenta a ideia de que este elemento está presente em todas as esferas artísticas e cotidianas. Em Volóchinov (2019) o estilo é considerado como produto da inter-relação de sujeitos no discurso, pois “[...] o estilo é pelo menos duas pessoas ou, mais precisamente, uma pessoa mais seu grupo social na forma do seu representante autorizado, o ouvinte – o participante constante na fala interior e exterior de uma pessoa” (Volóchinov, 2019 p. 143).

Assim, compreendemos que o Círculo trata o estilo como elemento constitutivo da relação social. Na máxima mencionada acima (o estilo é pelo menos duas pessoas) está presente a ideia de que o estilo é interindividual, sendo tratado nas obras do Círculo não como um estudo da marca subjetiva de um autor, mas visto na perspectiva dialógica, através do estudo da intersubjetividade. Ademais, a noção de estilo para Bakhtin parte da análise da relação interindividual, da presença de múltiplas vozes, da ação responsiva do locutor e interlocutor que permite o desvelamento do estilo de um enunciado, de um texto, de um autor etc. Para o supracitado autor, o estilo não condiz com a causalidade, mas está intrinsecamente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados (gêneros do discurso). A posição do sujeito, a esfera

comunicativa e o momento histórico determinam o estilo. Brait (2012 p. 98), trazendo a discussão sobre estilo em Bakhtin, afirma que

[...] a concepção de estilo, no sentido bakhtiniano, pode dar margens a muito mais do que a simples busca de traços que indiciem a expressividade de um indivíduo. Essa concepção implica sujeitos que instauram discursos a partir de seus enunciados concretos, de suas formas de enunciação, que fazem história e são a ela submetidos. Assim, a singularidade estará necessariamente em diálogo com o coletivo em que textos, verbais, visuais ou verbo-visuais, deixam ver, em seu conjunto, os demais participantes da interação em que se inserem e que, por força da dialogicidade, incide sobre o passado e sobre o futuro.

A autora ratifica a ideia de que o estilo para Bakhtin transcende as estruturas linguísticas e as marcas subjetivas do autor, pois está pautado no princípio fundante do dialogismo que possibilita o desvelamento de sentidos dos enunciados levando em conta o diálogo entre os sujeitos, seus posicionamentos ideológicos, sua história e cultura.

Agora passaremos à explicitação detalhada das formulações estilística nas obras: *Teoria do Romance I: a estilística* (2015), *Questão de estilística no ensino da Língua* (2013) e a *Palavra na vida e a palavra na poesia* (2019).

4.1 A estilística em *Teoria do Romance I: a estilística*

Nosso objetivo central nesse tópico é agrupar as formulações teóricas sobre a estilística presente na obra supracitada a fim de demonstrar como Bakhtin compreende a noção de estilo e estilística e quais as suas propostas de análises pautadas no princípio dialógico.

O livro *Teoria do Romance*, escrito provavelmente entre os anos de 1930-1936, é uma tentativa de explicitar algumas noções teóricas e de princípios dos estudos concretos da estilística do romance soviético praticado no século XX. Na obra supracitada, Bakhtin destaca o romance soviético como seu objeto de estudo para demonstrar a proposta da estilística sociológica delineada na obra, uma vez que o referido autor trabalha com a linguagem do ponto de vista do princípio dialógico, considerando o estudo da linguagem no processo real, vivo e dinâmico das relações sociais.

O princípio dialógico vem acompanhando Bakhtin desde os seus primeiros escritos e todas as análises realizadas por ele tem o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem. Ao analisar o romance, o autor traz alguns princípios que são essenciais para compreensão da

linguagem e que podemos aplicar em outros gêneros de acordo com suas especificidades. Aqui não focaremos nas especificidades do gênero romanesco, pois não é o objetivo desta pesquisa, contudo, buscaremos trazer as noções sobre estilística delineadas por Bakhtin em torno da referida obra.

Como mencionamos no capítulo anterior, as duas linhas de pensamento linguístico-filosófico que predominavam no século XX eram o objetivismo abstrato e o subjetivismo idealista, as quais eram criticados por Bakhtin e o Círculo pela sua forma abstrata e estática com que tratavam as questões da linguagem. Em *Teoria do Romance I: a estilística*, vemos ratificada a ideia de Bakhtin de evidenciar que essas linhas de pensamento erram por deixar escapar a essência dialógica da linguagem.

O fio condutor do livro é a superação do divórcio entre formalismo abstrato e o igualmente abstrato ideologismo, no estudo do discurso literário, e uma superação baseada numa estilística sociológica, para a qual a forma e o conteúdo são indivisíveis no discurso concebido com fenômeno social – social em todos os campos de sua vida e em todos os seus elementos, da imagem sonora às camadas semânticas abstratas (Bakhtin, 2015 p. 21).

A citação acima evidencia o posicionamento de Bakhtin no que diz respeito à abstração linguística presente tanto nas teorias de cunho formalistas (estruturalismo saussuriano), quanto nas ideias subjetivistas contidas na abordagem estilística de Vossler. Para superar essas questões que ele chama de divórcio, Bakhtin se apoia na concepção da estilística do gênero. Ele afirma que “o fato de o estilo e a linguagem terem se separado do gênero acabou redundando consideravelmente num estudo que privilegiava os tons harmônicos individuais e tendências do estilo, ignorando, porém, seu **tom social de base.**” (Bakhtin, 2015, p. 21, grifo do autor).

Ao mencionar que o estilo possui um tom social de base, Bakhtin ratifica a ideia da integridade social do estilo e da indissolubilidade do estilo com as esferas de atuação da linguagem. Dito isso, em consonância com Bakhtin, sustentamos a tese de que os estudos estilísticos estão permeados pelo princípio dialógico da linguagem. Ademais, para se ter uma compreensão geral sobre estilística, se faz necessário observar a linguagem no processo concreto e dinâmico da comunicação social e considerar o imbricamento do estilo com o gênero do discurso.

No capítulo I, Bakhtin critica a ausência de teorias estilísticas do século XIX que realmente se debruçassem sobre as questões da originalidade do discurso romanesco. Ele afirma que a retórica, que nesse período abrigava o discurso da prosa literária, havia desaparecido e, por falta de um abrigo teórico adequado, a prosa recebia o mesmo tratamento do discurso

poético. A ausência de teorias que abrigassem e dessem conta das especificidades do gênero romanesco fez da estilística tradicional a única fonte teórica de que os estudiosos se valiam para a explicitação do discurso romanesco.

No que concerne à questão da estilística tradicional, Bakhtin afirma que esta se limitava à doutrina dos tropos como fundamento, trabalhando conceitos como expressividade, figuralidade, força, clareza, de forma isolada, sem uma interligação com o contexto de uso. Ademais, não se via um tratamento contextual, dinâmico e social das análises estilísticas realizadas na época, o que se via eram aplicações de categorias puramente linguística, pautadas na palavra e desvinculada das relações sociais do processo de comunicação verbal, semelhante ao que percebemos com o estudo acerca da estilística de Bally e a estilística Vossleriana.

Para buscar resolver essa deficiência estilística, Bakhtin busca trazer alguns princípios básicos que são indispensáveis para uma análise estilística que atente para a dinamicidade e dialogicidade da linguagem. Primeiramente, ele traz o conceito do gênero discursivo em análise, no caso da obra, o gênero romanesco, para demonstrar as especificidades do gênero com vistas a não desvincular o estilo do gênero, defendendo mais uma vez a ideia de que a estilística precisa ser capaz de explicitar a natureza verbal dos gêneros do discurso uma vez que o estilo é parte integrante deles.

O referido autor define o romance como um fenômeno pluriestilístico, heterodiscursivo, heterovocal. “Nele, o pesquisador esbarra em várias unidades estilísticas heterogêneas, às vezes jacentes em diferentes planos de linguagem e subordinadas às leis da estilística.” (Bakhtin, 2015, 27). Nessa citação, Bakhtin traz três características que são necessárias para a compreensão das multifacetadas linguagens, a saber: pluriestilística, heterodiscursiva e heterovocal. Essas categorias correspondem respectivamente à multiplicidade de estilos, à multiplicidade de discursos e à multiplicidade de vozes que povoam o gênero romanesco. Ao evidenciar as multiplicidades estilístico-discursivas do gênero romanesco, Bakhtin desmistifica a abstração e neutralidade com que era tratado o romance e, ao mesmo tempo, ratifica a ideia da integridade social e a importância de se conhecer as especificidades do gênero para a análise estilística. O estilo não pode ser desvinculado do gênero, assim como diz Bakhtin: “o estilo do gênero reside no todo, no conjunto e não em partes subordinadas” (2015 p. 27).

Para o autor, o erro da estilística tradicional é não reconhecer as combinações de linguagem e de estilos em uma unidade superior e por isso continuam na prática de análise sem considerar o todo do gênero. Em contrapartida, a estilística delineada por Bakhtin, parte da tese de que a “originalidade estilística do gênero reside de fato na combinação dessas unidades

subordinadas, mas relativamente independentes (às vezes até heterolinguísticas) na unidade superior do conjunto: o estilo do romance reside na combinação de estilos; a linguagem do romance é um sistema de “linguagens” (Bakhtin, 2015, p. 29).

A atuação do pesquisador é demonstrar que a estilística dos gêneros necessita estar pautada nas relações sociais e nas interações verbais em que o discurso está inserido. O analista do discurso precisa atentar para o pano de fundo dos processos discursivos engendrados pelos gêneros e abrigar todas as suas especificidades, sem subordinar suas partes. Já o pesquisador da Estilística tradicional caminha no sentido oposto: ele opera com a separação do estilo do gênero e da obra, recortando apenas o estilo individual do autor. Quando esse pesquisador busca analisar as especificidades do gênero, ele centraliza o estilo e aborda apenas suas partes subordinadas sem considerar o todo, realizando, assim, uma descrição meramente linguística.

Essas duas formas de atuação do pesquisador tradicional correspondem respectivamente às ideias demonstradas na estilística Vossleriana e seus seguidores, uma vez que a busca pela expressão da individualidade do autor marca os estudos defendidos por Vossler. Em relação ao recorte do contexto e do todo do romance para centrar as análises em apenas um dos muitos aspectos linguísticos e estilísticos do gênero, vinculamos as ideias pregadas pela estilística da língua protagonizada por Bally.

Bakhtin, em seus escritos, buscou trazer um equilíbrio para as análises estilísticas, trazendo à tona a tese de que a linguagem é dialógica, heterodiscursiva e dinâmica. Sendo assim, todas as análises realizadas na linguagem devem levar em conta a natureza multifacetada da interação verbal. A proposta de Bakhtin é mostrar a vida do discurso como pertencente a um universo heterodiscursivo, dialógico, diverso e dinâmico. Contudo, a linguística e a estilística da época ainda mantinham um distanciamento dos campos de análise de caráter dialógico da linguagem.

Quando Bakhtin traz à tona a categoria da heterodiscursividade que evidencia os processos dinâmicos e híbridos da comunicação verbal, ele busca explicitar esses processos dialógicos comparando às forças criadoras da linguagem para explicitar as categorias estilísticas basilares por meio da definição e identificação das chamadas forças históricas engendradas pelo processo histórico, a saber, as forças centrífugas, as quais correspondem à descentralização e diversidade do mundo verboideológico, e as forças centrípetas, que se referem diretamente à centralização e unificação do mundo verboideológico.

As forças centrífugas correspondem à noção de heterodiscurso, de multiplicidade de formas discursivas, de variabilidade da língua. São, por assim dizer, as formas dialógicas do discurso que possibilita uma descentralização da linguagem e abrem caminho para a vida do discurso, isto é, para a percepção do seu caráter constitutivamente dialógico. O autor percebe essas descentralizações no gênero romance por meio das estratificações que se apresentam nas prosas romanescas: a presença de linguagem de grupos, profissionais, linguagens de gerações etc.

Para o autor, o romance é um gênero essencialmente heterodiscursivo, não apenas por possibilitar essas estratificações, mas por demonstrar o diálogo coexistente entre os discursos, as tensões entre pontos de vistas. Ademais, o heterodiscurso não corresponde apenas à diversidade linguística que se abrigam no romance ou em outros gêneros, mas à diversidade de pontos de vistas socioideológicos que são a base social dessas estruturas linguísticas. Essa definição que acabamos de apresentar correspondem ao que Bakhtin chama de heterodiscurso dialogizado.

O heterodiscurso dialogizado pode parecer à primeira vista uma redundância, mas na verdade se refere aos tipos de heterodiscursos existentes na dinâmica da comunicação social. Para clarificar o que seria o heterodiscurso dialogizado, vamos buscar primeiro compreender os termos que são mencionados na obra, tais quais: estratificação, heterodiscurso e heterodiscurso dialogizado, ambos se relacionam mutuamente; contudo, cada termo desse refere-se a um momento da comunicação verbal.

As estratificações, correspondem às diferentes formas de linguagem que são utilizadas de acordo com o gênero, a profissão, a idade, comunidades de fala etc. isto é, corresponde diretamente às variedades linguísticas, do que hoje trata a Sociolinguística. Já o heterodiscurso corresponde às tendências discursivas, aos diferentes gêneros do discurso, às diferentes maneiras de expressar a linguagem, contudo, cada uma dessas diferentes formas de linguagem convive juntas, mas não dialogam. No caso do heterodiscurso dialogizado são os gêneros discursivos presentes no mesmo universo que travam confrontos de pontos de vista, dialogam entre si, relacionam-se de forma convergente e divergente.

O diferencial da noção de heterodiscurso dialogizado dos outros termos mencionados por Bakhtin é justamente o confronto de posicionamentos axiológicos, as relações entre ideias, pontos de vistas, uma vez que os diferentes discursos se manifestam no mesmo gênero e se relacionam, dialogam-se. O dialogismo constitutivo da linguagem, princípio base do

pensamento bakhtiniano, povoa todas as formas e tipos de relações de comunicação social. É pautado no princípio dialógico de que buscamos analisar os elementos estilísticos da língua, buscando demonstrar que esses elementos são vivos e dinâmicos e precisam ser analisados dentro do processo concreto da comunicação verbal, abarcando todos os elementos contextuais e sociais que permeiam esse processo. A proposta de Bakhtin é mostrar a vida do discurso como pertencentes a um universo heterodiscursivo dialogizado.

Na obra em análise, Bakhtin traz detalhadamente os passos para se analisar o gênero romanesco do ponto de vista dialógico. Primeiro, o referido autor nos orienta a reconhecer as especificidades do gênero para que não se deixe escapar elementos que reduzam sua natureza verbal e estilística. Assim, Bakhtin procede ao analisar o romance, trazendo as suas especificidades e demonstrando o seu caráter diversificado, dinâmico e dialógico em detrimento a poesia que se apresenta de forma única e singular. Bakhtin (2015 p. 29) traz as unidades estilístico-composicionais, as quais o discurso romanesco costuma se decompor:

- 1) Narração direta do autor da obra literária (em todas as suas multiformes variedades);
- 2) Estilização das diferentes formas de narração oral do cotidiano (skaz);
- 3) Estilização das diferentes formas de narração semiliterária (escrita) cotidianas (cartas, diários, etc.);
- 4) Diferentes formas de discurso literário, mas extra artístico, do autor (juízos morais, filosóficos, científicos, científicos, declamações retóricas, descrições etnográficas, informações protocolares, etc);
- 5) Discursos estilísticos individualizados dos heróis.

Após a descrição das especificidades do romance, Bakhtin estabelece categorias de análise que contribuem para a compreensão do todo romanesco. Ao perceber a variedade de línguas, gêneros, estilos que povoam o gênero em tela, o autor estabelece como categoria principal o heterodiscurso dialogizado que mencionamos anteriormente. É importante frisar que as análises estilísticas do gênero defendidas pelo filósofo russo levam em consideração a natureza heterodiscursiva da linguagem. É a orientação dialógica que deve guiar o pesquisador.

[...]a orientação dialógica do discurso é, evidentemente, um fenômeno próprio de qualquer discurso. É a diretriz natural de qualquer discurso vivo. Em todas as suas vias no sentido do objeto, em todas as orientações, o discurso depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tensa com ele. Só o Adão mítico, que chegou com sua palavra primeira ao mundo virginal ainda pré-condicionado, o Adão solitário conseguiu evitar efetivamente até o fim essa orientação dialógica mútua com a palavra do outro no objeto (Bakhtin,2015 p. 51).

Partindo do pressuposto que todo o discurso de qualquer gênero é dialógico, o pesquisador precisa evidenciar essa dialogicidade a partir da materialidade linguística. Assim, Bakhtin procede ao analisar o discurso romanesco e percebe a existência de elementos linguísticos que contribuem para evidenciar a intencionalidade do autor. Para tanto, Bakhtin vai dissecar o conceito de heterodiscurso dialogizado, apontando algumas subcategorias pertencentes a esse princípio heterodiscursivo ao analisar as formas de inserção do discurso no gênero romanesco: 1) formas impessoais de inserção do heterodiscurso do autor: (forma dissimulada de inserção); 2) discurso especial dos heróis (ora narrador, ora autor) e os gêneros intercalados.

Essa forma dissimulada de inserção do discurso do outro no gênero traz a discussão sobre como isso é materializado na língua. Bakhtin vai falar sobre as zonas de heróis especiais, as quais são formadas por semidiscursos dos heróis, pelas diferentes formas de transmissão dissimulada da palavra do outro demonstradas por elementos estilísticos (reticências, perguntas, exclamações, entonação, etc.). A importância de o pesquisador perceber as zonas dos heróis, o que permite encontrar construções que derrama luz completamente nova sobre as questões de sintática e estilística.

Vamos frisar aqui as formas sintáticas que Bakhtin traz para explicitar o discurso dissimulado do autor. No que concerne à forma dissimulada de inserção, o referido autor traz a discussão o discurso direto e indireto. Para ele, a forma dissimulada corresponde a ausência de traços formais do discurso, como no caso das aspas, da forma direta para demarcar a fronteira da fala do outro no gênero.

No que concerne à estilística do gênero, Bakhtin demonstra que o romance inglês da época era caracterizado, em sua maioria, pela estilização paródica. A paródia era o elemento estilístico que caracterizava o romance humorístico inglês e também era responsável por inserir múltiplos discursos no romance. Nesses discursos, ao analisar as estruturas linguísticas, percebemos nas escolhas do sujeito, a materialização da sua intencionalidade e seus tons valorativos. Consequentemente, para materializar essas intenções, observamos além de outros elementos estilístico, a ironia como um dos principais recursos para semiotizar as sátiras realizadas pelos discursos dos heróis no romance.

A ironia aparece, no caso do romance humorístico, quando o autor não delimita a fronteira do discurso do outro e o coloca de forma direta, muitas vezes ele busca satirizar ou

ironizar o discurso alheio e isso é demonstrado por meio da entonação. Vejamos um exemplo extraído do livro “A pequena Dorrit” de Charles Dickens, citado em Bakhtin (2015 p. 81) que demonstra essa afirmação.

O almoço podia de fato despertar o apetite. Pratos dos mais refinados, magnificamente preparados e magnificamente servidos, frutas selecionadas e vinhos raros; maravilhas da arte em peças de ouro e prata, porcelana e cristal; um sem-número de delícias para o paladar, o olfato e a visão. Oh, que homem admirável é esse Merdle, que homem grandioso, que homem talentoso, que homem genial, em suma, que homem rico! (Dickens, a pequena Dorrit-livro II, Cap.12).

Nesse excerto, Bakhtin afirma que existe uma estilização paródica de “alto estilo poético” identificado através dos elogios ao personagem Merdle que aparece na construção da oração sem uma marcação nítida entre o discurso do narrador e do personagem. É esse tipo de inserção do discurso que Bakhtin chama de discurso alheio dissimulado do coro dos potenciais admiradores do personagem Merdle. Bakhtin também afirma que a pontuação tem um papel importante para demonstrar a hipocrisia desse coro, mostrando o fundamento real dos elogios através dos usos dos adjetivos em gradação: “admirável”, “grandioso”, “talentoso”, “genial”, “rico”. O último adjetivo “rico” pode substituir todos os outros anteriores pelo tom volitivo do autor. É na palavra rico que também conseguimos observar a presença da ironia, “à entusiástica acentuação irônica indignada que predomina nas últimas palavras de desmascaramento da oração” (Bakhtin, 2015 p. 84).

Esse tipo de construção demonstrada no excerto acima é chamado de construção híbrida de dupla dicção e duplo sentido. A construção híbrida é definida por Bakhtin (2015 p. 84) como “[...] um enunciado que, por seus traços gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertence a um falante, mas no qual estão de fato mesclados dois enunciados, duas maneiras discursivas, dois estilos, duas “linguagens”, dois universos semânticos e axiológicos”.

É por meio da entonação expressiva das palavras que evidenciamos essa construção híbrida formada por heterodiscursos dialogizados. A construção frasal do excerto supracitado não delimita os confrontos ideológicos de duas visões de mundo apresentada no mesmo âmbito da oração simples, “frequentemente a mesma palavra pertence ao mesmo tempo a duas linguagens, dois horizontes que se cruzam numa construção híbrida e, por conseguinte, tem dois sentidos heterodiscursivos, dois acentos...” (Bakhtin, 2015 p. 84).

Na análise apresentada por Bakhtin foi possível demonstrar como é tratada a Estilística Dialógica. Primeiramente, não pode ser perdida de vista a relação contextual e social dos discursos analisados. Em segundo lugar, o pesquisador precisa ter em mente a essência

heterodiscursivo-dialógica dos enunciados para que sua análise não caia na superficialidade de observar apenas o nível linguístico das enunciações.

As fronteiras formais das orações têm uma finalidade intencional e subjetiva do autor, assim como a não demarcação dessa fronteira. As entonações expressivas, as pontuações, as escolhas estilísticas das orações são as materializações das intenções discursivas que um autor apresenta para um determinado auditório. É na estrutura linguística que o pesquisador consegue abstrair essas intencionalidades e posicionamentos axiológicos do sujeito enunciator.

O tropo ironia, advindo das entonações expressivas, foi analisado aqui dentro de todo um conjunto de elementos contextuais, estruturais e ideológicos que povoam o enunciado. Diferentemente das análises das estilísticas tradicionais que extraem o tropo do contexto e demonstra sua “força expressiva”, sua “beleza”, sua “persuasão”, a estilística defendida por Bakhtin preserva a plenitude semântica das enunciações, buscando trazer a importância dos tropos dentro de um conjunto que envolve o contexto, os sujeitos, os tons valorativos. “É justamente a natureza heterodiscursiva e não a unidade da língua normativa comum que constitui o fundamento do estilo.” (Bakhtin, 2015 p. 90).

4.2 A estilística em *Questões de estilística no ensino da língua*

No livro *Questões de estilística no ensino de Língua*, Bakhtin (2013 p. 23) já inicia com uma afirmação contundente: “As formas gramaticais não podem ser estudadas sem que leve sempre em conta seu significado estilístico.” Como observamos no tópico anterior com as formulações teóricas sobre estilística na obra *Teoria do romance*, as estruturas linguísticas não podem ser desvinculadas do contexto de uso e da sua essência heterodiscursiva, pois quando o pesquisador não considera essa essência, ele cai no que Bakhtin vai chamar de escolasticismo.

O referido autor tece crítica às práticas educacionais presentes nas escolas russas da época (séc. XX) que desvinculavam o ensino de gramática do ensino estilístico. Ele acrescenta que o ensino estilístico era abordado, às vezes, nas aulas de literatura, mas de maneira superficial, tendo em vista que na época não havia abordagens sistemáticas da estilística das formas gramaticais.

A percepção da essência dialógico-estilística da linguagem é a condição *sine qua non* para se chegar ao desvelamento de sentido (s) do (s) enunciado (s). De acordo com Bakhtin, “toda forma gramatical é, ao mesmo tempo um meio de representação. Por isso, todas essas formas podem e devem ser analisadas do ponto de vista das suas possibilidades de representação

e de expressão, isto é, esclarecidas e avaliadas de uma perspectiva estilística.” (Bakhtin, 2013 p. 24).

Dito isso, o referido autor traz exemplos de análises estilísticas nas suas aulas de sintaxe. Para tanto, ele demonstra que no estudo de alguns aspectos sintáticos, a abordagem estilística é necessária para a compreensão das escolhas do escritor/ falante no que concerne à formação das formas sintáticas paralelas e comutativas, uma vez que a gramática não permite a explicitação dessas escolhas que ficam a cargo da estilística.

Para clarificar essas afirmações, Bakhtin traz um exemplo de duas frases gramaticalmente corretas e que buscam expressar significados semelhantes. Fica a critério do sujeito enunciador fazer as escolhas entre as frases. Entretanto, como explicar essas escolhas? Quais são as finalidades de escolher uma em detrimento da outra? Essas são perguntas que a gramática não consegue responder, e é nesse momento que entra a importância das análises de cunho estilístico-dialógico. Vejamos o exemplo abaixo:

- a) A notícia que eu ouvi hoje me interessou muito.
- b) A notícia ouvida por mim hoje me interessou muito.

Para Bakhtin a escolha de ambas as frases depende das especificidades estilísticas de cada uma delas e é tarefa do professor “mostrar, de um modo que seja bem acessível aos alunos, o que perdemos e o que ganhamos ao escolhermos uma ou outra dessas frases.” (Bakhtin, 2003 p. 25). O referido autor traz uma breve explicitação sobre essas escolhas, para isso ele afirma que as transformações das orações subordinadas desenvolvidas para uma oração reduzida de particípio diminuem a natureza verbal dessa frase para realçar o caráter secundário da ação expresso pelo verbo “ouvir”; assim, diminui-se a importância da palavra indicativa de circunstância “hoje”. Por outro lado, essa alteração provoca uma concentração de sentidos e de ênfase no “protagonista” dessa frase na palavra “notícia”, ao mesmo tempo em que se obtém uma grande concisão expressiva.

Além disso, outro elemento que Bakhtin menciona como indispensável para mostrar os efeitos semânticos das frases é a entonação. É por meio da correta entonação que se pode demonstrar os efeitos de sentidos produzidos nas frases.

O valor semântico dessas palavras é diminuído drasticamente: nossa entonação passa negligencialmente, apressando-se em direção à palavra “notícia sem parar no caminho, sem pausa. Os alunos compreenderão o sentido estilístico da colocação do particípio diante do referido substantivo, um sentido que seria completamente oculto para eles em uma abordagem formal e gramatical sobre o uso das vírgulas. A propósito, o uso das vírgulas ganharia um novo significado (Bakhtin, 2003 P. 27).

Na Linguística e nas estilísticas praticadas no século XX, não havia uma preocupação em observar todos os aspectos da natureza verbal dos gêneros discursivos e, portanto, o processo de comunicação vivo e concreto era congelado e tratado de forma superficial e recortado da sua realidade dinâmica. Neste trabalho, buscaremos focar nas formulações teóricas bakhtinianas sobre estilística e, de forma especial, trazer a importância da categoria de entonação expressiva para as análises estilístico-dialógicas.

Com os exemplos das frases e suas transformações que Bakhtin cita no livro, observamos a ênfase que o referido autor confere às explicitações estilísticas para que o aluno possa enriquecer sua linguagem e compreender as escolhas estilístico-discursivas que o autor faz das sentenças para materializar sua intencionalidade.

Reforçamos que a crítica que Bakhtin faz da gramática não atinge a importância que ela confere para as análises estruturais da língua. O que o supracitado autor critica é o recorte que se faz da realidade concreta das enunciações, o qual desvincula a análise gramatical das explicitações dos elementos extraverbais que são essenciais e constitutivos da linguagem. Assim, compreendemos que é nas considerações dos elementos estilístico-discursivos que o sujeito chega à compreensão da plenitude semântica das enunciações.

Sem a abordagem estilística, o estudo da sintaxe não enriquece a linguagem dos alunos e, privado de qualquer tipo de significado criativo, não lhes ajuda a criar uma linguagem própria; ele (o professor) os ensina apenas a analisar a linguagem alheia já criada e pronta. Entretanto, isso já é escolástico. (Bakhtin, 2013 p. 28).

É a busca pela dinamicidade e compreensão dos aspectos vivos da linguagem que faz Bakhtin e o Círculo reforçarem a importância dos significados estilísticos da linguagem. Nesta citação, ele menciona a questão da criatividade discursiva e linguagem própria do sujeito aluno que só pode ser vista através da compreensão total dos aspectos linguístico-discursivos. Entretanto, para se chegar a essa compreensão, precisa existir uma abertura para as questões estilísticas da linguagem. A língua única, alheia já criada e pronta, como menciona o autor, é resultado do congelamento que a gramática, como também as estilísticas tradicionais fazem dos processos de comunicação e, conseqüentemente, são ensinados nas escolas apenas o recorte da realidade fundamental da língua, privando os alunos da percepção dos significados criativos gestados pela língua viva e dinâmica.

Nesta obra, além de trazer as explicitações teóricas sobre o papel da estilística para o ensino de gramática como mencionado anteriormente, Bakhtin busca trazer a aplicação dessa

teoria em uma de suas aulas no período em que ele lecionava na “escola ferroviária nº 39 da estação Saviólo da região de Kalinin (*Tvier*) e simultaneamente da escola média nº14 de Kimri (1942-1945)” (Brait, 2013 p. 8). Para essa aula, o referido autor traz uma sequência didática que abrange todos os aspectos estruturais, contextuais e estilísticos. Vejamos como está dividida esta sequência didática e quais são as contribuições que ela traz para o professor de gramática que busca trazer para sua sala de aula o estudo dos aspectos dinâmicos da língua.

- 1) Analisar os seguintes períodos: a) “Triste estou: o amigo comigo não está” (Púchkin); b) “Ele começa a rir - todos gargalham”. (Púchkin); c) “Acordei: cinco estações tinham ficado para trás”. (Gógol)
- 2) Ler as frases em voz alta e fazer gestos para manter a integridade dos conteúdos dramáticos dos períodos analisados.
- 3) Transformar as sentenças em período composto com conjunção.
- 4) Ver as impressões dos alunos acerca da perda da expressividade após a inserção da conjunção nos períodos analisados.
- 5) O professor deve explicitar o significado estilístico da ordem das palavras nos períodos analisados.
- 6) Permitir que os alunos tirem suas próprias conclusões sobre as mudanças estilísticas pela troca/ substituição da oração sem conjunção pela oração com conjunção.

Nesse texto entra em cena o professor Bakhtin, trazendo algumas considerações importantes para o aperfeiçoamento didático do professor nas aulas de gramática. Primeiramente é necessário que o professor esteja convicto da essência dialógica da linguagem, a qual permeia todos os aspectos e áreas da linguagem e do ensino, pois sem essa noção de princípio, o professor tende a recortar a realidade dinâmica e criativa da linguagem para focar nas estruturas puramente linguísticas. Aqui traremos um breve resumo da análise feita por Bakhtin do primeiro período: “Triste estou: o amigo comigo não está” (Púchkin).

Bakhtin mostra a importância da entonação, mímica e gestos para preservação da expressividade do período, pois para ele é de extrema importância que os alunos percebam a expressividade (sobretudo emocional) que irá desaparecer quando a construção sem conjunção for transformada em um período composto com conjunção. Para o supracitado autor a entonação emocional tem um papel norteador para as análises dos enunciados.

Ao transformar a frase em: “Estou triste, porque o amigo não está comigo” ou “Estou triste, uma vez que o amigo não está comigo”, Bakhtin mostra aos alunos que o procedimento

de colocação ou omissão da conjunção não é um procedimento mecânico, pois determina a ordem, bem como a ênfase dada às palavras. Com isso, os alunos perceberam a perda drástica da expressividade emocional da frase de Puchkin, uma vez que a variante reformulada deixou a oração “mais fria, seca e lógica” (Bakhtin, 2013 p. 31).

A oração transformada com a inserção das conjunções “porque” e “uma vez que” tornam a frase sobrecarregada de uma sonoridade desagradável e não permite a presença da entonação emocional, das mímicas e dos gestos. Desse modo, essas conjunções, de acordo com o autor “expressam relações lógicas e são privados de elementos imagéticos e visuais” (Bakhtin, 2013 p. 32), uma vez que elas perdem o valor metafórico, irônico e entonacional, elementos estilísticos que tornam as enunciações vivas e dinâmicas. A ausência desses tropos causa na frase de Puchkin uma frieza semântica. Bakhtin vai chamar tais conjunções acrescentadas na frase de Puchkin de palavras frias e sem alma.

Em seguida, Bakhtin reforça a importância da entonação para a percepção da intencionalidade do escritor/ enunciador por meio da ênfase dada a determinadas palavras na oração, bem como a perda drástica dessa ênfase ao inserir as conjunções de aspecto lógico, tais como as apresentadas acima: “porque” e “uma vez que”. Ademais, a colocação dessas conjunções na frase de Puchkin preenche de forma improdutivo a primeira oração “Triste estou” retirando a ênfase dramática e emocional que o autor busca dar à palavra “triste” e acaba por enfraquecer semanticamente a estrutura entonacional de todo o período. Por último, Bakhtin (2013. p. 33) nos apresenta um resumo das conclusões a que ele e os alunos chegaram após essa análise:

- a) a relação lógica entre as orações simples, revelada e posta em primeiro plano, enfraqueceu a relação emocional e dramática entre a tristeza do poeta e a ausência do amigo;
- b) diminuiu-se drasticamente a carga entonacional, tanto em cada uma das palavras quanto em todo o período: o papel da entonação foi substituído pela conjunção lógica fria; agora, há mais palavras no período, porém bem menos espaço para a entonação;
- c) a dramatização da palavra por meio da mímica e do gesto tornou-se impossível;
- d) diminuiu-se a capacidade do discurso de produzir imagens;
- e) o período parece ter passado ao registro mudo, tornou-se mais adaptado à leitura silenciosa do que à leitura expressiva em voz alta;
- f) a oração perdeu sua concisão e se tornou menos agradável aos ouvidos.

A partir das conclusões apresentadas acima, Bakhtin traz a importância das questões estilísticas para o ensino de língua. As frases retiradas do gênero poético necessitam de um

tratamento especial e estilístico para que haja a compreensão dos sentidos transmitidos pelo autor. O referido autor mostra que os elementos estilísticos como: a entonação, a pontuação, a escolha das palavras e a ordem delas, evidencia a relação emocional e dramática das frases e coloca em evidência a intencionalidade discursiva do autor e dá vida e dinamicidade ao discurso; entretanto, quando a frase é transformada em período composto com conjunções, a frase perde a carga entonacional pelo fato de ter sido acrescida nela mais palavras no período, afastando assim a atuação da entonação.

Bakhtin mostra que o período composto com conjunção torna a frase poética em frases frias e sem almas. Aqui vemos que a perda dos elementos estilísticos leva o enunciado a pertencer a outro gênero. A frase sai do campo estilístico e passa a ocupar a estrutura lógico-concreto semântica da língua, assim “onde há estilo há gênero. A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero” (Bakhtin, 2010 p. 268).

4.3 A estilística em *Palavra na vida e palavra na poesia*

Volóchinov (2019) tece críticas ao método sociológico praticado pela ciência literária que vigorava na época (século XX) por dar ênfase às questões históricas e deixar de fora os aspectos da poética teórica, “todo o conjunto de questões relacionadas à forma literária, seus diferentes aspectos, o estilo etc., permaneceram intocados por esse método.” (Volóchinov, 2019 p. 109).

De acordo com o referido autor, essas abordagens apresentavam de maneira errônea duas opiniões sobre a aplicação do método sociológico: a fetichização e o psiquismo. A fetichização corresponde ao método formal que contempla apenas a arte pela arte, isto é a arte em sua imanência. Nessa abordagem, o criador e o contemplador, ou seja, os sujeitos participantes da arte (autor, narrador, personagem, leitor) permanecem de fora da análise artística.

Esse primeiro ponto de vista é compartilhado inclusive pelo assim chamado “método formal”. Pra ele, a obra poética é o material verbal que a forma organiza de um determinado modo. A palavra aqui é abordada não como fenômeno sociológico, mas de um ponto de vista linguístico abstrato. (Volóchinov, 2019 p. 114).

No psiquismo acontece o inverso: a ênfase está no psiquismo ora do criador ora do contemplador, muitas vezes fazendo comparações superficiais e buscando interpretar a arte por

meio das vivências daquele que cria ou daquele que contempla, reduzindo a obra de arte a resultados das avaliações subjetivas de um determinado sujeito.

Volóchinov (2019) postula que o artístico não se encontra em sua totalidade nem no psiquismo do criador e/ou contemplador, nem no objeto de modo isolado, mas abarca todos os três aspectos: “Ele é uma forma específica da inter-relação entre criador e os contempladores fixada na obra artística” (Volóchinov, 2019 p. 115). Para o referido autor, a tarefa da poética sociológica deve estar pautada na compreensão da forma específica de comunicação social engendrada no material da forma artística.

Partindo da problemática sobre os pontos de vista de aplicação do método sociológico na arte por meio de duas abordagens igualmente reducionistas: fetichização e psiquismo, Volóchinov (2019) busca trazer à tona a importância de se compreender a forma do enunciado poético enquanto forma de comunicação estética e social realizada no material da palavra. Para isso, ele analisa o enunciado verbal no discurso cotidiano, na vida, por acreditar que os discursos produzidos na esfera cotidiana têm potencialidades para as futuras formas literárias.

Volóchinov (2019) busca compreender as bases, o nascedouro das formas de enunciados artísticos para se chegar à compreensão desses enunciados e assim aplicar o método sociológico de forma correta, sem deixar escapar os elementos verbais e extraverbais que compõem a arte, pois “[...] a palavra é completada diretamente pela própria vida e não pode ser separada dela sem que seu sentido seja perdido” (Volóchinov, 2019 p. 117).

A afirmação trazida pelo autor de que “a palavra é diretamente completada pela própria vida” indica o princípio dialógico intrínseco a qualquer enunciado ou tipos de enunciados já defendido pelo Círculo em seus escritos. São os elementos extraverbais, ou seja, o contexto de interação social e verbal, a relação estabelecida entre os sujeitos do discurso e suas avaliações sociais que integram a palavra e forma um todo indivisível.

Quando o sujeito se comunica, inevitavelmente são atribuídas à palavra avaliações advindas de diferentes critérios: ético, político cognitivo etc., tais como: verdade, mentira, coragem etc. Estes são pontos de vista valorativos que confrontam o enunciado alheio, transcendendo o nível verbal das enunciações. Volóchinov explicita que as avaliações sociais são elementos constitutivos do enunciado, pois “[...] as avaliações englobam, junto com a palavra, a situação extraverbal do enunciado. Essas opiniões e avaliações se referem a certo todo, no qual a palavra entra em contato direto com o acontecimento cotidiano, fundindo-se com ele em uma unidade indivisível.” (Volóchinov, 2019 p. 118).

Para compreender essas questões de integração da palavra cotidiana com a situação extraverbal, o referido autor traz um exemplo do uso de uma simples palavra “puxa”, em situação de interação verbal. Vejamos o exemplo citado em Volóchinov (2019 p. 118): “Duas pessoas estão sentadas em um quarto. Estão caladas. Uma diz: “Puxa!”. A outra não responde nada.”

Analisando essa situação, o autor afirma que para quem está de fora do contexto e fora do espaço da conversa, esse enunciado fica totalmente incompreensível, pois o enunciado “puxa!”, tomado de forma isolada do contexto da enunciação, é vazio e privado de sentido. “No entanto, a conversa peculiar desses dois, que, na verdade, consiste em apenas uma palavra pronunciada com entonação expressiva, é repleta de sentido e de significado, e é muito bem finalizada.” (Volóchinov, 2019 p. 118). Portanto, é considerando o contexto situacional e observando a entonação expressiva que este enunciado ganha vida, significado e sentido integral.

O conhecimento fonético, morfológico e semântico da palavra “puxa” nessa enunciação específica não consegue desvelar o seu sentido integral. Para Volóchinov (2019), faz necessário considerar alguns aspectos da vida do discurso, a saber: o contexto extraverbal específico da situação que promoveu essa conversação. Esse contexto extraverbal, de acordo com ele, é composto por três aspectos: 1) o horizonte espacial comum dos falantes (a unidade do visível: o quarto, a janela, etc.; 2) o conhecimento e a compreensão da situação comum aos dois; 3) a avaliação comum dessa situação.

Volóchinov leva em consideração todos os aspectos gestuais (o olhar pela janela de ambos os sujeitos, a visão da neve por ambos), entonacionais (o tom de indignação, insatisfação do sujeito ao enunciar “puxa!” e o silêncio do interlocutor da conversa) e históricos da situação (o inverno prolongado que impede a chegada da primavera) da conversa supracitada. Todos esses aspectos estão subentendidos na enunciação da palavra “puxa!” e só puderam ser desvelados a partir do conhecimento desses subentendidos, bem como da entonação.

O referido autor chama a atenção para o fato de que o enunciado cotidiano sempre busca conectar os participantes da situação como coparticipantes que conhecem, compreendem e avaliam a situação da mesma forma. Ele acrescenta que a situação extraverbal não age mecanicamente nas enunciações, pelo contrário, ela se integra com o enunciado cotidiano como uma de suas partes constitutivas.

A situação integra o enunciado como uma parte necessária da sua composição semântica. Portanto, o enunciado cotidiano como um todo consciente, é

composto por duas partes: 1) a parte verbalmente realizada (ou atualizada) e 2) a subentendida (Volóchinov, 2019 p. 120).

Volóchinov reafirma que o enunciado cotidiano possui um caráter social de base, pois se apoia na integração entre os horizontes compartilhados dos falantes e as unidades reais da vida que geram o caráter partilhado das avaliações. O desvelamento de sentidos dos enunciados só se torna possível quando há um conhecimento partilhado da situação enunciativa. As palavras na sua imanência não conseguem imprimir contornos consistentes na interpretação integral do enunciado.

Desse modo, todo enunciado cotidiano é um entimema objetivo social. É como se fosse uma “senha”, conhecida apenas por aqueles que pertencem ao mesmo horizonte social. A particularidade dos enunciados da vida consiste justamente no fato de que eles estão entrelaçados por mil fios ao contexto extraverbal da vida e, ao serem isolados dele, perdem praticamente por completo o seu sentido: quem não conhece o seu contexto da vida mais próximo não irá entendê-los (Volóchinov, 2019 p. 121).

Volóchinov (2019) busca apresentar como deve ser aplicado o método sociológico, levando em conta as bases sociais do enunciado e buscando compreender as especificidades dos enunciados produzidos na esfera cotidiana. Como vimos, os enunciados são formados por duas partes indivisíveis: a parte verbal e a parte subentendida. Diferentemente dos pontos de vista da fetichização e do psiquismo, Volóchinov trabalha com a ideia de integração dos aspectos da vida da enunciação: a parte verbal, sua estrutura enunciativa, deve ser analisada levando sempre em conta seu aspecto extraverbal (o horizonte espacial comum entre os falantes, o conhecimento compartilhado da situação, a avaliação social comum a situação enunciativa) e a entonação expressiva.

A respeito da entonação expressiva, Volóchinov, na seção IV do ensaio, dedica-se à compreensão da ligação do contexto cotidiano com a entonação. Ele busca tratar de forma mais detalhada da entonação para mostrar sua essência social. É válido salientar que a entonação expressiva para determinar o sentido de uma dada enunciação precisa estar integrada com as avaliações sociais dos parceiros do discurso e do contexto da enunciação. A desvinculação da entonação desses elementos, de acordo com Volóchinov (2019 p. 123) “nos levará para fora dos limites”.

Para o referido autor, a entonação sempre está no limite entre o verbal e o extraverbal, entre o dito e o não dito. São as situações extraverbais e as avaliações sociais que vão determinar as entonações expressivas.

Na entonação, a palavra entra em contato direto com a vida. E antes de mais nada, o falante entra em contato com os ouvintes justamente por meio da entonação: a entonação é social *par excellence*. Ela é especialmente sensível em relação a todas as oscilações do ambiente social que circunda o falante. (Volóchinov, 2019 p. 123).

A entonação se estabelece num terreno social, uma vez que para ganhar vida e sentido precisa ser compartilhada coletivamente. Ela é moldada de acordo com a situação extraverbal e as avaliações sociais que circundam os falantes. Nesse sentido, Volóchinov (2019) postula que a entonação precisa de um “coro de apoio”. Sem a avaliação social e o coro de apoio, a entonação tende a reduzir o sentido vivo do que foi enunciado e pode transitar em outros caminhos, ganhar outras tonalidades, afastando-se do real sentido conferido por uma determinada enunciação.

É por meio das avaliações sociais que o discurso humano ganha vida e dinamicidade e torna-se compreensível para o grupo social em que ele é dirigido, uma vez que “o caráter compartilhado das avaliações principais subentendidas é o tecido no qual o discurso humano vivo borda os seus desenhos entonacionais.” (Volóchinov, 2019 p. 124). É importante destacar que esse “coro de apoio”, de que fala o referido autor, corresponde apenas a um dos elementos que compõem a entonação, é o lado da entonação que identifica a função do ouvinte, do outro.

O caráter social da entonação engloba a importância dos parceiros do discurso através do coro de apoio, ou seja, pelo compartilhamento das avaliações sociais. A entonação também tem o papel de identificar o terceiro participante da situação verbal, relacionando-se com o objeto, a circunstância ou o protagonista da enunciação.

a entonação estabelece aqui uma relação viva com o objeto do enunciado que praticamente o transforma em uma encarnação viva do culpado, sendo que o ouvinte - o segundo participante – torna-se uma espécie de testemunha e aliado.” (Volóchinov, 2019 p. 125).

A expressividade conferida à entonação acaba por revelar outros elementos estilísticos, tais como: a personificação e a metáfora. No exemplo trazido por Volóchinov percebemos que o simples enunciado “puxa!” confere múltiplos efeitos de sentidos de acordo com a situação da enunciação. Aqui, o autor confere a ideia de reprovação, insatisfação dos sujeitos participantes da situação discursiva. Logo, “a entonação soa como se a palavra criticasse algum culpado vivo pela neve tardia, isto é, pelo inverno”. (Volóchinov, 2019 p. 126).

Neste exemplo, o autor afirma que estamos diante de uma metáfora entonacional, pois a entonação no exemplo citado confere um tom de crítica a alguém, como se o enunciado personificasse um objeto. O discurso cotidiano tende a personificar, a dar vida a objetos

inanimados por meio da entonação. Essa entonação personificada gera a metáfora entonacional, a qual, de acordo com Volóchinov, se encontra no limite da entonação do discurso, mas possui potencialidades de ser transformada em metáforas semânticas. As metáforas semânticas de que fala Volóchinov correspondem às metáforas semânticas comuns que estão no nível da estrutura linguística. Para que o enunciado, “puxa!”, pudesse ser substituído pela metáfora semântica, ele deveria apresenta-se da seguinte forma: “mas que inverso teimoso, não quer se entregar, quando já passou da hora!”.

Nesta possibilidade de substituição, observamos de forma mais explícita a ocorrência da personificação e da metáfora. O inverno aqui é comparado com um agente vivo, responsável pelo tardamento da primavera, o adjetivo “teimoso” e o “uso da oração não quer se entregar”, intensifica essa personificação do objeto inanimado (inverno) para um ser vivo, animado (o agente culpado).

Praticamente toda entonação viva do inflamado discurso da vida discorre de modo como se ela, além de objetos e coisas, se dirigisse também aos participantes vivos e aos propulsores da vida, pois a tendência à personificação lhe é própria no mais elevado grau. (Volóchinov, 2019 P. 125).

Volóchinov (2019) nos apresenta outra forma metafórica que se apresenta no campo corporificado em gestos, em expressões físicas que o sujeito utiliza por meio do seu corpo para produzir a linguagem.

A metáfora entonacional tem um parentesco estreito com a metáfora gestual (pois inicialmente a própria palavra foi um gesto linguístico, um componente de um gesto complexo que envolvia o corpo todo); nesse caso, entendemos o gesto de modo amplo, que inclui a expressão facial, tomada com a gesticulação do rosto. Assim como a entonação, o gesto precisa do apoio coral das pessoas que estão em torno: apenas no ambiente da cumplicidade social é possível um gesto livre e seguro (Volóchinov, 2019 p. 126).

O referido autor traz à tona a discussão de tipos de metáforas que estão presentes em diferentes momentos enunciativos: a metáfora entonacional que se encontra no efeito de sentido que a entonação confere para os enunciados. Ela se encontra no nível discursivo do tom e do compartilhamento de sentidos desse tom por meio do coro de apoio dos participantes da interação verbal. Assim como as metáforas entonacionais, as metáforas gestuais também necessitam do apoio coral do grupo social ao qual é dirigido o enunciado. Esta metáfora está presente no nível estrutural, físico, corporal de uma dada enunciação estabelecida através da linguagem do corpo, das expressões faciais traduzidas em gestos. Para compreendermos melhor

o que seriam essas metáforas, vamos trazer aqui dois exemplos que mostram a atuação da metáfora entonacional e da metáfora gestual.

Um exemplo de metáfora entonacional é o enunciado “parabéns!”. Dependendo do coro de apoio do grupo social a quem se destina, da situação enunciativa e, principalmente, da entonação, esse enunciado pode configurar vários efeitos de sentido. Pode ser interpretado como um discurso de aprovação, felicitação direcionada para um sujeito. Esse mesmo enunciado pode ser interpretado, dependendo da entonação conferida a ele, como um discurso de reprovação, quando é pronunciado de forma irônica, com tom de reprovação da atitude de alguém, como se o tom de reprovação pudesse dizer: “Parabéns, meu amigo por ter esquecido do nosso compromisso”. É um tom que mostra a reprovação da atitude do sujeito ao qual está sendo dirigido o enunciado.

A entonação, além de ajudar na compreensão de um enunciado, também pode evidenciar, em determinadas situações, o aparecimento de alguns tropos, como: ironia, metáfora e a personificação. Acima, ao citar o exemplo do enunciado “parabéns!”, observamos que de acordo com a entonação selecionada para este enunciado, pode haver o aparecimento da ironia, como é o caso da entonação que expressa o sentido de reprovação. A respeito da metáfora gestual, vejamos o exemplo abaixo:

Figura 01 – Piloto Vettel



Fonte:(<http://esportes.terra.com.br/automobilismo/formula1/fl-onboard/blog/2013/10/12/vettelnao-e-santo-nem-o-melhor-mas-sabe-ser-o-n%C2%BA-1-como-poucos/>)

A imagem acima apresenta o piloto alemão Sebastian Vettel, vencedor da temporada de Fórmula 1 do ano de 2011. Na imagem, observamos que o piloto Vettel faz um gesto com a mão usando o dedo indicador, fazendo movimentos circulares em torno da cabeça. O piloto fez esse gesto direcionando ao seu companheiro de corrida de Fórmula 1 que impediu a sua

ultrapassagem. Esse gesto, de acordo com a avaliação social, situação comunicativa e o apoio coral, representa um sinal de demonstração de que alguém é maluco, ou sofre de algum desequilíbrio mental. Ou seja, há uma comparação subentendida entre o interlocutor da enunciação com a figura de alguém maluco ou que sofre de algum desequilíbrio mental. Essa comparação subentendida através de gestos se transforma em uma metáfora gestual. É uma expressão corporal para enunciar um sentido que só pode ser desvelado quando existe o compartilhamento das avaliações sociais acerca desse gesto, quando há um coro de apoio de um grupo social ao qual destina essa enunciação.

As metáforas entonacional e gestual, de acordo com as avaliações sociais e o desvelamento de sentido dos subentendidos da situação enunciativa, bem como do apoio coral de um grupo social, recebem uma carga expressiva e socialmente objetivas. Desse modo, diferentemente das análises abstratas dos gestos e da entonação como subjetivos e psicológicos, Volóchinov postula que tanto a entonação como os gestos são ativos e objetivos sociológicos, pois, como afirma o referido autor:

Eles expressam não apenas o estado emocional ou passivo do falante, mas sempre contêm uma relação viva com o mundo exterior e o meio social: os inimigos, amigos e aliados. Ao entonar e gesticular, o homem ocupa uma posição social ativa em relação a determinados valores, condicionada pelos próprios fundamentos da sua existência social (Volóchinov, 2019 p.127).

Volóchinov (2019), ao buscar compreender as peculiaridades do discurso produzido na esfera cotidiana, revela algumas características e elementos contidos no discurso cotidiano que são indispensáveis para evidenciar sua natureza social e dialógica. Em primeiro lugar, o autor traz a importância das avaliações sociais para o desvelamento de sentido dos discursos da vida. É por meio das avaliações sociais, do significado compartilhado, do coro de apoio que uma determinada enunciação ganha vida e sentido.

Em segundo lugar, o supramencionado autor traz as duas partes indivisíveis que compõem o todo do enunciado: a parte verbal e a subentendida. A parte subentendida compõe todo o contexto extraverbal da enunciação, composto por três fatores: 1) o horizonte espacial comum dos falantes; 2) o conhecimento e a compreensão da situação comum aos dois; a avaliação comum dessa situação. Esses elementos estão imbricados no todo do enunciado. Para se chegar à compreensão plena de uma determinada enunciação, faz-se necessário observar todos esses fatores sociais que engendram a situação comunicativa.

Outro elemento que ganha visibilidade nas discussões de Volóchinov é a entonação expressiva. Um elemento estilístico-dialógico que vivifica os enunciados e entra em contato

direto com a palavra, produzindo sentidos. Entretanto, para se chegar ao desvelamento de sentidos das enunciações, a entonação precisa do coro de apoio, das avaliações sociais compartilhadas por um grupo, isto é, o conhecimento compartilhado pelo grupo social ao qual a enunciação se destina. Sem esse conhecimento, a entonação se torna incompreensível ou pode trazer tonalidades diferentes da que a situação comunicativa propõe. De acordo com o referido autor, “a entonação se encontra no limite entre a vida e a parte verbal do enunciado, funcionando como uma intermediação para se chegar à compreensão total da enunciação” (Volóchinov, 2019 p. 129).

A entonação, como foi demonstrado acima, permite o desvelamento de outros elementos estilísticos presentes nos discursos cotidianos, como o caso da personificação, metáfora entonacional e metáfora gestual.

Esses elementos estilísticos são apresentados por Volochínov (2019) como resultado da entonação expressiva, isto é, eles surgem no processo vivo e dinâmico dos discursos. A ironia pode ser apresentada nas entonações expressivas conforme a intencionalidade discursiva do autor e as avaliações sociais dos parceiros do discurso. Já a personificação, como vimos acima, é uma tendência própria das entonações vivas do discurso. É por meio dessas personificações que são apresentadas as metáforas e suas classificações em entonacional e gestual.

Esses elementos são tratados na obra como elementos sociológicos e objetivos, isto é, são resultados de uma interpretação de entonações vivas que foram compartilhadas socialmente, por meio de um apoio coral, das avaliações sociais do grupo, das posições socioideológicas dos participantes. Portanto, “o enunciado concreto (e não a abstração linguística) nasce, vive e morre no processo de interação social entre os participantes do enunciado” (Volóchinov, 2019 p. 128)

4.4 Síntese das formulações teóricas da Estilística Dialógica

Como vimos nos tópicos anteriores, a estilística proposta por Bakhtin na obra *Teoria do romance I: A estilística* apoia-se na estilística do gênero, uma vez que o estilo é constitutivo ao gênero e não pode ser estudado separadamente. Assim, Bakhtin nos adverte que para trabalhar dentro da perspectiva da dialogicidade intrínseca do processo de comunicação discursiva, precisamos observar os seguintes aspectos:

Em primeiro lugar, é imprescindível considerar a relação contextual e social dos discursos analisados, haja vista que o pesquisador da análise dialógica do discurso deve partir

da essência heterodiscursivo-dialógica dos enunciados para que sua análise não caia na superficialidade de observar apenas o nível linguístico das enunciações, sabendo que a própria escolha dos aspectos formais tem a sua finalidade intencional, responsiva e discursiva. Assim também procede com a não demarcação da fronteira dos aspectos formais da língua.

As entonações expressivas, as pontuações, as escolhas estilísticas das orações são as materializações das intenções discursivas que um autor apresenta para um determinado auditório. É na estrutura linguística que o pesquisador consegue abstrair essas intencionalidades e posicionamentos axiológicos do sujeito enunciador. Para tanto, Bakhtin propõe a categoria de análise heterodiscurso dialogizado que desvela a vida dos discursos, o momento de confronto de vozes no mesmo enunciado.

Dentro da categoria heterodiscurso dialogizado, Bakhtin demonstra a presença de elementos linguísticos e estilísticos presentes na enunciação, como a entonação, a pontuação, o uso das formas ativa e passiva dos discursos, a presença de tropos como a ironia, a personificação, a metáfora etc. Esses elementos analisados na materialidade linguística, observando o todo do enunciado, recebem um tratamento dialógico, dinâmico, social e contextual, visto que “é justamente a natureza heterodiscursiva e não a unidade da língua normativa comum que constitui o fundamento do estilo.” (Bakhtin, 2015 p. 90).

Nas três obras analisadas, observamos que o Círculo trabalha com diferentes gêneros do discurso como objetos de estudos, a saber: o romance soviético na obra *Teoria do Romance I: A estilística*; a gramática, tendo como objeto de estudo as formas sintáticas na obra *Questões de estilística no ensino de línguas*; e o discurso cotidiano analisado na obra *Palavra na vida e palavra na poesia*.

Nas três obras, percebemos a importância que o Círculo confere à entonação expressiva, uma vez que essa categoria aparece como parte integrante das análises dos gêneros analisados. Na primeira obra, a entonação se apresenta através do tropo ironia presente no romance humorístico como uma das estratégias discursivas para satirizar ou ironizar o discurso alheio, e isso é demonstrado por meio da entonação. Logo, é através da entonação expressiva que surgem os tropos: ironia, personificação e metáfora.

Na segunda, observamos que a entonação expressiva é enfatizada como uma das formas de desvelamento do sentido dos enunciados. A entonação, como um dos elementos estilísticos ao lado da pontuação, da escolha das palavras e a ordem delas, evidencia a relação emocional

e dramática das frases e coloca em evidencia a intencionalidade discursiva do autor e dá vida e dinamicidade ao discurso.

Na terceira, vimos de forma mais aprofundada o estudo da entonação expressiva junto com a importância da compreensão do horizonte comum compartilhado entre os falantes que gera as avaliações sociais. Volóchinov traz a entonação expressiva integrada às avaliações sociais como um dos elementos que contribui para o desvelamento de sentido das enunciações.

Sendo assim, a entonação, além de ajudar a se chegar à compreensão de um enunciado, também pode evidenciar, em determinadas situações, o aparecimento de alguns tropos, como: ironia, metáfora e a personificação. A ironia pode ser apresentada nas entonações expressivas conforme a intencionalidade discursiva do autor e as avaliações sociais dos parceiros do discurso. Já a personificação, como vimos acima, é uma tendência própria das entonações vivas do discurso. É por meio dessas personificações que são apresentadas as metáforas e suas classificações em entonacional e gestual como mencionamos acima.

Quadro1- Resumo das formulações teóricas sobre Estilística Dialógica observadas nas três obras analisadas acima:

1. Conhecer as especificidades do gênero com vistas a não desvincular o estilo do gênero;
2. Descrever as estruturas ideológicas, linguísticas e culturais do gênero
3. Observar se o gênero é pluriestilístico, heterodiscursivo e heterovocal e mostrar a implicação de possuir tais características.
4. Trabalhar as análises do gênero compreendendo-o a partir da categoria de heterodiscurso dialogizado que implica observar alguns aspectos da materialidade da língua, a saber: forma de inserção dos discursos; discursos dos heróis, gêneros intercalados (gêneros selecionados), etc.
5. A entonação é um dos elementos que o pesquisador dialógico precisa observar para se chegar à natureza verbal dos enunciados e sua plenitude semântica. A entonação expressiva integrada às avaliações sociais revela elementos estilísticos da enunciação, como por exemplo, os tropos ironia, personificação e metáfora como vistos nas análises das obras do Círculo;
6. Análise dos tropos na perspectiva da Estilística Dialógica. ✓ Os tropos, mais especificamente, a ironia, a personificação e a metáfora, aparecem na Estilística Dialógica como resultados da entonação expressiva das enunciações.

- ✓ A metáfora, a ironia e a personificação são analisadas dentro de um conjunto de elementos extraverbais, a saber: o contexto social discursivo, a relação entre os parceiros do discurso e suas avaliações sociais (coro de apoio) e a entonação.
- ✓ A personificação, aparece na obra de Volochínov como uma tendência própria das entonações vivas do discurso. É por meio dessas personificações que são apresentadas as metáforas e suas classificações em entonacional e gestual.
- ✓ A forma metafórica que se apresenta no campo corporificado em gestos, em expressões físicas que o sujeito utiliza por meio do seu corpo para produzir a linguagem, denomina-se de metáfora gestual e metáfora entonacional

A síntese apresentada acima, mostra de forma mais sistemática como Bakhtin e o Círculo trabalham com os elementos estilísticos. É a partir dessas formulações que buscaremos analisar as atividades que acompanham os gêneros discursivos selecionados para compor o *corpus* desta pesquisa.

5 ANÁLISE DO ESTILO NAS ATIVIDADES PRESENTES NO LIVRO DIDÁTICO *ENGLISH VIBES FOR BRAZILIAN LEARNERS* SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

A finalidade deste capítulo analítico é trazer a Estilística Dialógica como arcabouço teórico para analisarmos os gêneros discursivos presentes nas atividades de pré-leitura e leitura contidas nas seções “*Getting ready for part 1*” e “*Reading comprehension*” contidas no LD de língua inglesa *English vibes for Brazilian Learners*.

Nosso objetivo é analisar o posicionamento axiológico do autor, bem como compreender como isso reverbera nas suas escolhas estilísticas para elaboração das questões norteadoras que acompanham o gênero apresentado nas seções supracitadas. Em seguida, buscaremos propor uma análise Estilística Dialógica dos gêneros selecionados como *corpus* da pesquisa.

A escolha do livro *English vibes for Brazilian learners* partiu do desejo de observar como são tratadas atualmente as questões estilísticas nos livros de língua inglesa do ensino médio das escolas públicas integrais da Paraíba. Para tanto, selecionamos o referido livro por ter sido o material mais recente, adotado pelas escolas no PNLD 2021.

Partimos aqui da noção de LD como gênero discursivo que reúne diversos gêneros em sua composição. Para delimitação da pesquisa, atendendo à proposta desta tese, selecionamos a seção destinada para a leitura (*Getting Ready e Reading comprehension*) das 4 unidades da Parte 1 do livro. O *corpus* da pesquisa é formado por 4 diferentes gêneros presentes em duas seções do livro em análise: a seção *Getting ready for part 1*, apresentando 4 gêneros: o gênero mural, produzido por Eduardo Kobra em 2020; o gênero postagem, mais especificamente a postagem da bailarina Ingrid Silva e o gênero capa de revista, da revista *National geographic* n.6 de junho de 2018; E a seção *Reading comprehension*, apresentando 1 gênero, a saber, o gênero *list of tips* (lista de dicas), identificada pelo autor como o gênero principal para trabalhar o tema na unidade 1.

A escolha por essas seções se dá pelo fato do nosso foco ser nas atividades voltadas para a leitura de gêneros discursivos com vistas a observar como o autor do LD trata as questões estilísticas nas atividades de leitura. Buscamos analisar as escolhas estilísticas do sujeito autor

do LD ao selecionar os gêneros para compor as seções, bem como as suas escolhas estilísticas presentes nas questões das atividades propostas para o direcionamento da leitura dos alunos.

5.1 O gênero livro didático e suas especificidades

Baseado no posicionamento de Bakhtin (2010) acerca da ideia da relativa estabilidade dos gêneros do discurso, classificamos o LD como gênero do discurso secundário pelo fato de ser elaborado na esfera cultural, mais especificamente na esfera pedagógico-científica com a finalidade de servir como um manual, um instrumento didático para facilitar o trabalho docente em sala de aula.

O gênero LD circula no contexto escolar e, por ser um gênero elaborado para servir às situações formais e com finalidades didático-pedagógicas, ele possui algumas características específicas que o distinguem de outros manuais ou materiais destinados à atividade pedagógica. Por ser um gênero que precisa cumprir alguns requisitos para adequação da Base Nacional Curricular Comum (BNCC¹⁷), possuem características mais padronizadas, mais estabilizantes do que outros gêneros circundantes no contexto escolar, como é o caso do gênero oral aula, por exemplo, um gênero mais flexível e variável.

Bakhtin argumenta que os gêneros que demandam uma certa estabilidade, isto é, um certo padrão de uso, como é o caso do LD, não refletem tanto a individualidade do falante. Já no caso do gênero aula que citamos acima, percebemos uma maior flexibilidade. A aula é um gênero oral que reflete de maneira mais saliente o estilo do enunciador, permitindo que o interlocutor identifique facilmente o estilo do professor, a forma como ele ministra a aula, suas escolhas individuais, seu posicionamento axiológico.

Contudo, mesmo diante desses tipos de enunciados orais, o estilo ainda se mantém integralmente social, apesar de que, ao selecionar os recursos lexicais para uma determinada enunciação, a palavra fica carregada da marca do sujeito que a enuncia. Entretanto, esse sujeito também carrega em seu discurso os enunciados que já estão sobrecarregados do estilo de

¹⁷ É um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidade da educação básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceituam o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)¹, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN).

outrem. Daí justifica-se a afirmação de Bakhtin quando assevera que o estilo só pode ser considerado em um terreno interindividual.

Já o LD carrega uma variabilidade discursiva, são diversos gêneros com suas diferentes especificidades que abrigam o livro didático. Mesmo diante dessa maior estabilização, mas compreendendo que o discurso é essencialmente dialógico, podemos vislumbrar o posicionamento axiológico do autor pela forma como é estruturado o livro, pelas atividades inseridas, pelas escolhas estilísticas para compor as atividades, etc. O estilo do gênero desvela a intenção discursiva do autor.

LDs de língua inglesa, de forma geral, são divididos por unidade ou capítulos para atender à didatização do ensino de língua e abordar as habilidades básicas para o ensino de língua estrangeira, a saber: a fala, escrita, leitura e compreensão auditiva. Os capítulos ou as unidades, geralmente se subdividem em seções destinadas à compreensão textual (*Reading*), produção escrita (*writing*), compreensão auditiva (*listening*) e atividade de produção oral (*speaking*). Geralmente, nessas seções, são trabalhadas leituras de gêneros diversos, aspectos linguísticos e gramaticais da língua.

Como gênero do discurso, o LD tem uma estrutura composicional, compreendendo a capa, folha de apresentação, uma síntese sobre a estrutura das unidades, sumário, apresentação das unidades e suas subdivisões em: seções de leitura (*Reading comprehension*), vocabulário (*vocabulary*), estudo gramatical (*Grammar practice*), produção textual, produção oral e revisão. Alguns LDs acrescentam a seção linguagem em uso (*Language in use*) e uma seção destinada ao aprofundamento do aprendizado com informações extras na seção (*taking it further*). Os temas dos livros didáticos são apresentados em cada unidade ou capítulo. Geralmente, são temas transversais norteados pela BNCC (Base Nacional Curricular Comum) e seguem os requisitos para a adequação do material didático de acordo com as recomendações do PNLD¹⁸.

O estilo do gênero LD se apresenta com uma linguagem objetiva, prescritiva, os verbos são geralmente colocados no imperativo como: **observe, faça, responda**, para atender a

¹⁸ O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) compreende um conjunto de ações voltadas para a distribuição de obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, destinados aos alunos e professores das escolas públicas de educação básica do País. O PNLD também contempla as instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. As escolas participantes do PNLD recebem materiais de forma sistemática, regular e gratuita. Trata-se, portanto, de um Programa abrangente, constituindo-se em um dos principais instrumentos de apoio ao processo de ensino-aprendizagem.

finalidade prescritiva do material didático. Contudo, mesmo sendo um gênero de caráter prescritivo, observamos que existe um povoamento de diferentes linguagens, estratificações, como é o caso das variações linguísticas que são apresentadas no material didático por meio de exemplos e da utilização de outros gêneros que apresentam as variações de linguagem, etc. Por esse motivo, identificamos o LD como um gênero plurilinguístico.

A utilização de gráficos, variabilidade de gêneros do discurso, a verbovisualidade, são elementos bastante difundidos nos LDs de língua inglesa, com vistas a atender as necessidades comunicativa e facilitar a compreensão dos diversos gêneros do discurso presentes no material. Os LDs de língua inglesa também possuem as atividades estruturadas de forma contextualizada para conduzir o aluno a refletir acerca do tema proposto em cada unidade.

O LD também se apresenta como um gênero heterodiscursivo por ser povoado por diferentes gêneros do discurso e suas diferentes formas de manifestação da linguagem. Em cada unidade do livro em análise, encontramos a inserção de diversos gêneros do discurso atendendo às diversas possibilidades comunicativas e de intenção discursiva do autor.

Além disso, o LD também é definido como um gênero heterovocal por abrigar diversas vozes em sua composição: a voz do autor, as vozes dos autores dos gêneros inseridos no livro, a voz editorial, a voz do professor mediador da atividade, a voz do aluno que é o interlocutor final desse gênero. Após compreendermos o livro didático como um gênero discursivo pluriestilístico, heterodiscursivo e heterovocal, apresentaremos um quadro resumo da definição de gênero trazendo as características do LD selecionado para essa pesquisa.

Elementos intrínsecos ao gênero do discurso	Gênero livro didático (<i>English vibe for Brazilian learners</i>)
<p>Estrutura composicional</p> <p>A forma como são apresentadas as seções, as escolhas dos gêneros discursivos, a forma de apresentação estrutural do gênero como um todo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A capa, folha de apresentação, uma síntese sobre a estrutura das unidades, Sumário, apresentação das unidades, revisão (<i>review</i>) e estudando para o Enem (<i>studying for Enem</i>). • O livro <i>English Vibe</i> se apresenta em volume único para atender as 3 séries do ensino médio. O livro está dividido em 12 unidades, distribuídas uniformemente em 4 unidades nas três partes: <ul style="list-style-type: none"> ❖ A parte 1, identificada pela cor azul, apresenta as seguintes unidades: <p>Unit 1 - <i>Be smart online</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Getting ready for parte 1,</i> • <i>Reading comprehension,</i> • <i>Vocabulary Study,</i> • <i>Language in Use,</i> • <i>Oral skills,</i> • <i>Writing</i> • <i>Taking it futher.</i> • <i>Review</i> • <i>Studying for Enem</i> <p>Unit 2 - <i>Stop plastic pollution!</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Reading comprehension,</i> • <i>Vocabulary Study,</i> • <i>Language in Use,</i> • <i>Oral skills,</i> • <i>Writing</i> • <i>Taking it futher.</i> • <i>Review</i>

- *Studying for Enen*

Unit 3 - Consuming News

- *Reading comprehension,*
- *Vocabulary Study,*
- *Language in Use,*
- *Oral skills,*
- *Writing*
- *Taking it futher.*
- *Review*
- *Studying for Enen*

Unit 4 - We are from Brazil

- *Reading comprehension,*
- *Vocabulary Study,*
- *Language in Use,*
- *Oral skills,*
- *Writing*
- *Taking it futher.*
- *Review*
- *Studying for Enen*

❖ Parte 2, identificada pela cor vermelha para atender a 2ª série do ensino médio:

Unit 5 – Women in STEM

- *Getting ready for parte 2,*
- *Reading comprehension,*
- *Vocabulary Study,*
- *Language in Use,*
- *Oral skills,*
- *Writing*
- *Taking it futher.*

- *Review*
- *Studying for Enen*

Unit 6 – Influential Teens

- *Reading comprehension,*
- *Vocabulary Study,*
- *Language in Use,*
- *Oral skills,*
- *Writing*
- *Taking it futher.*
- *Review*
- *Studying for Enen*

Unit - 7 The power of Music

- *Reading comprehension,*
- *Vocabulary Study,*
- *language in Use,*
- *oral skills,*
- *Writing*
- *taking it futher*
- *Review*
- *Studyibg for Enen*

Unit 8 - A matter of Time

- *Reading comprehension,*
- *Vocabulary Study,*
- *Language in Use,*
- *Oral skills,*
- *Writing*
- *Taking it futher*
- *Review*
- *Studying for Enen*

❖ Parte 3, identificada pela cor verde, para tender a 3ª série do ensino médio:

Unit 9 – Teens and the world of work

- *Getting ready for parte 3*
- *Reading comprehension,*
- *Vocabulary Study,*
- *Language in Use,*
- *Oral skills,*
- *Writing*
- *Taking it further*
- *Review*
- *Studying for Enen*

Unit 10 – Dealing with Anxiety

- *Reading comprehension,*
- *Vocabulary Study,*
- *Language in Use,*
- *Oral skills,*
- *Writing*
- *Taking it further*
- *Review*
- *Studying for Enen*

Unit 11 – On the Screen

- *Reading comprehension,*
- *Vocabulary Study,*
- *Language in Use,*
- *Oral skills,*
- *Writing*
- *Taking it further*
- *Review*
- *Studying for Enen*

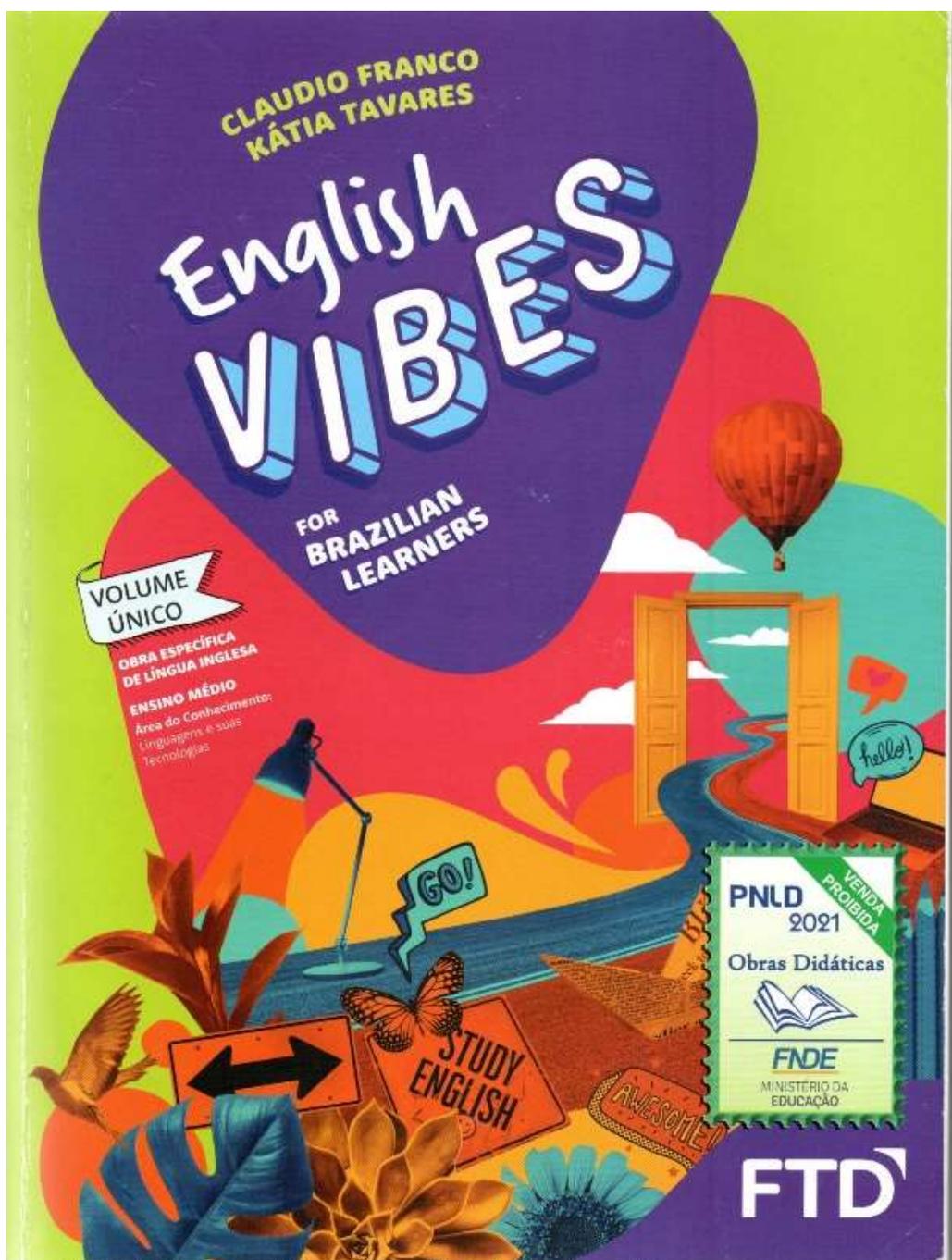
	<p>Unit 12 – Every Body is different</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Reading comprehension,</i> • <i>Vocabulary Study,</i> • <i>Language in Use,</i> • <i>Oral skills,</i> • <i>Writing</i> • <i>Taking it futher</i> • <i>Review</i> • <i>Studying for Enen</i>
<p style="text-align: center;">Tema</p> <p>O sentido geral que o enunciador busca atingir por meio da arquitetura do gênero.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • As intenções discursivas do autor por meio das suas escolhas estilísticas; • A forma como são estruturadas as unidades, a ordem, as cores, o foco das imagens, dos textos, dos gêneros, etc; • A maneira como são abordadas as atividades propostas no livro, como é utilizada a linguagem, as escolhas dos verbos, dos substantivos, as ordens dos enunciados, etc. <p>As escolhas dos gêneros e a maneira como é conduzida a leitura dos gêneros.</p> <p>A estrutura composicional e o estilo do gênero revelam o projeto enunciativo do autor, o que entendemos como tema pautado na teoria bakhtiniana.</p>
<p style="text-align: center;">Estilo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • linguagem objetiva, prescritiva, os verbos são geralmente colocados no imperativo como: observe, faça, responda, para atender a finalidade prescritiva do material didático;

- A inserção de diversos gêneros do discurso atendendo às diversas possibilidades comunicativas e de intenção discursiva do autor;
- Presença de várias vozes que povoam o LD: a voz do autor, as vozes dos autores dos gêneros inseridos no livro, a voz editorial, a voz do professor mediador da atividade, a voz do aluno que é o interlocutor final desse gênero.

Após apresentação do quadro resumo das características do LD que o define como um gênero do discurso, apresentaremos uma breve contextualização sobre o contexto de produção e descrição das seções do Manual *English Vibes fo Brazilian Learners*, tendo em vista que são informações relevantes para o processo analítico do pesquisador, como também para esclarecimento do leitor que busca conhecer a forma composicional do LD.

5.2 O livro didático *English vibes for Brazilian learners*

Figura 02 – Capa do livro didático *English Vibes for Brazilian learners*



O livro *English vibes for Brazilian learners* foi produzido em volume único para atender as três séries do ensino médio. O referido livro foi escrito pelos autores Claudio Franco e Kátia Tavares, ambos são doutores em Linguística Aplicada e atuam como professores de língua

inglesa do ensino superior. Os referidos autores também tiveram experiências no ensino básico, ambos já atuaram como professores de língua inglesa do ensino fundamental e médio.

O livro teve sua primeira edição publicada pela editora FTD em 2020. No PNLD 2021 (Programa Nacional do Livro Didático), o referido livro foi escolhido para fazer parte do material didático dos alunos do ensino médio das escolas integrais do estado da Paraíba.

Folheando o LD, observamos que as diferentes formas de manifestações da linguagem são abordadas por meio de uso de diferentes gêneros discursivos inseridos nas seções da obra que demonstram a intenção discursiva dos autores em buscar inserir no material didático do aluno de ensino médio, práticas de leituras de diferentes gêneros e de construção de sentidos considerando o contexto de produção dos gêneros. De acordo com os autores, a obra possibilita que o aluno tenha um maior engajamento e reflita acerca de resolução de situações problemas no cotidiano. Além de pensar a estrutura da língua de forma contextualizada.

A obra oportuniza reflexões e estimula o engajamento na busca de soluções práticas para problemas reais. Além disso, a abordagem dos conhecimentos linguísticos se dá por meio da inferência das normas de uso e adequação linguística, a partir da observação de exemplos retirados de textos anteriormente trabalhados, o que possibilita uma reflexão sobre as estruturas da língua em uso com base em contextos diversos. Tais atividades conferem ao (à) professor (a) o papel de mediador mais experiente, e ao (à) estudante um papel ativo em sua aprendizagem. (Franco & Tavares, 2020).

A obra “*English vibes for Brazilian learners*” é composta por Livro do Estudante (LE), Manual do Professor (MP) e Material Digital do Professor (MDP). O LE se estrutura em três partes, cada uma contendo quatro unidades, totalizando doze unidades, assim intituladas: *(Unit 1) Be smart online; (Unit 2) Stop plastic pollution; (Unit 3) Consuming News; (Unit 4) We are from Brazil; (Unit 5) Women in STEM; (Unit 6) Influential Teens; (Unit 7) The Power of Music; (Unit 8) A Matter of Time; (Unit 9) Teens and the World of Work; (Unit 10) Dealing with Anxiety; (Unit 11) On the Screen; (Unit 12) Every Body is Different.*

Antes da apresentação das unidades do livro, encontramos a seção *Getting ready for part 1* (Preparando-se para a parte 1), *Getting ready for part 2* (Preparando-se para a parte 2), *Getting ready for part 3* (Preparando-se para a parte 3). Nessas seções são apresentadas propostas de leitura de diferentes gêneros que abordam os temas centrais tratados nas unidades 1,2,3 e 4 contidas nas 3 partes do material didático.

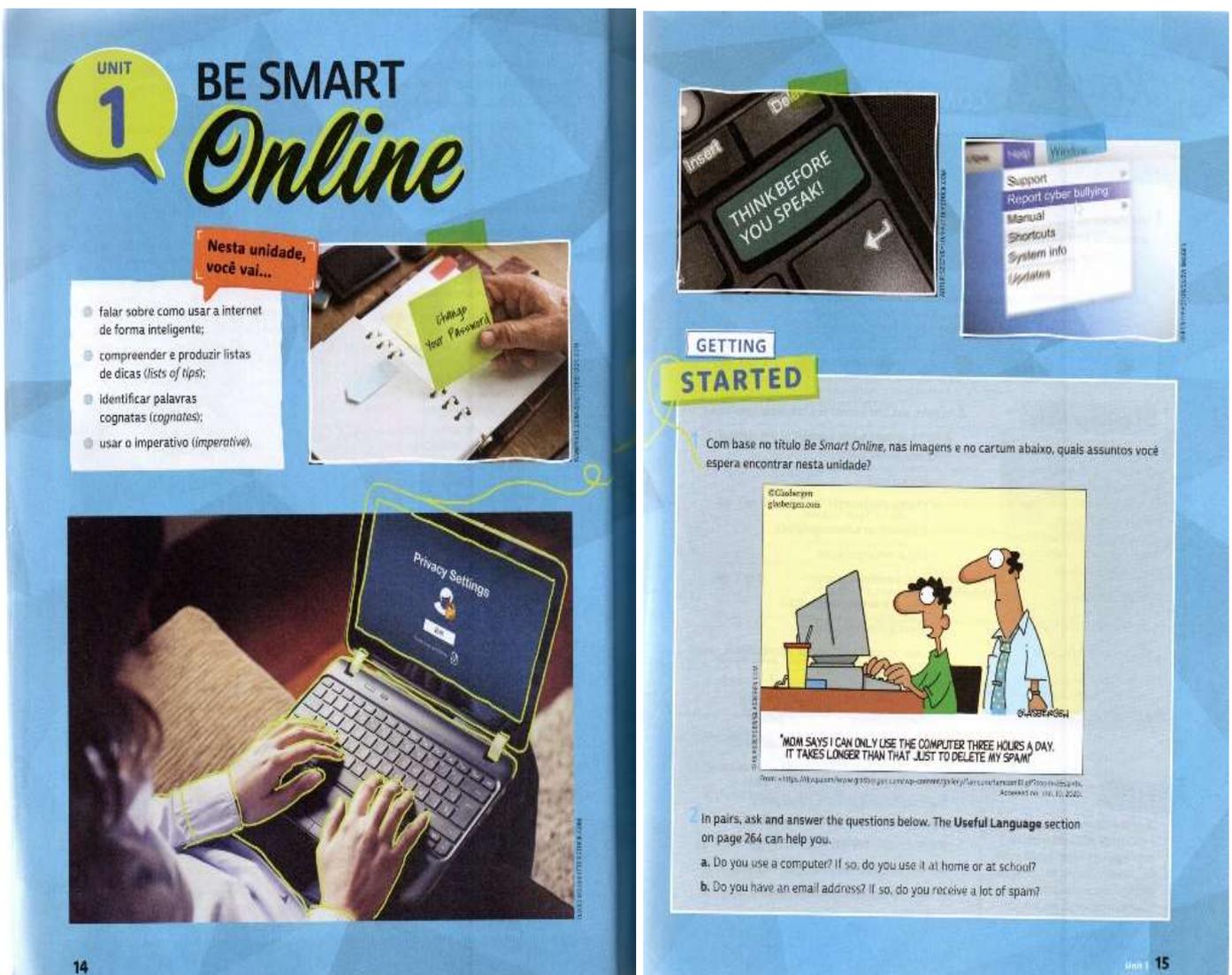
Cada unidade do livro se subdivide, respectivamente, nas seguintes seções: *Reading Comprehension; Vocabulary Study; Language in Use; Oral Skills; Writing e Taking it further.* Cada uma das três partes do LE conta com uma seção introdutória (Getting Ready) e uma seção

de revisão geral (Review), seguida de uma seção voltada ao Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM (*Studying for ENEM*).

Nas páginas de abertura das unidades do livro, os autores inseriram imagens que se conectam com o título que será abordado na unidade. Essas imagens se apresentam de diferentes ângulos, com diferentes enunciados, mas todos convergindo com o tema que será trabalhado na referida unidade. Nesta página de abertura, também encontramos um breve resumo do que será tratado na unidade, são enunciados curtos que indicam as habilidades que serão trabalhadas no decorrer da unidade.

Ainda nesta página, os autores inseriram uma atividade de pré-leitura a partir do uso de um gênero discursivo com perguntas que levam o aluno a reflexão sobre o tema geral que será trabalhado em todas as atividades sugeridas para o capítulo. Vejamos:

Figura 03- Unidade 1 – Be smart Onli



A seção *Reading comprehension* conta com as subseções *Pre- Reading*, *Reading*, *Post-Reading*. Na seção *Pre-reading*, encontramos atividades que direcionam o leitor a compreender as pistas tipográficas contidas no texto do gênero selecionado para ser trabalhado na unidade. Na seção *Reading*, o leitor se depara com o gênero discursivo e um questionário sobre o referido gênero. Na seção *Pos-reading*, encontramos questões que direcionam o leitor a refletir sobre o que se aprendeu com a leitura do gênero.

A seção *Vocabulary study*, apresenta um gênero discursivo para trabalhar o estudo do léxico de forma contextualizada. A seção *Language in use* é destinada para o estudo do léxico em contexto de uso da língua em diversas situações do cotidiano. *Oral skill* é uma seção destinada para trabalhar as habilidades de compreensão auditiva e oral dos alunos por meios de questões que direcionam os alunos a omitirem suas opiniões. Os alunos têm a possibilidade de ouvir áudios produzidos por pessoas nativas sobre os assuntos abordados na unidade.

Na seção *Writing*, os alunos são orientados por meio de textos explicativos, a produzirem um gênero discursivo que mais se destacou no decorrer da unidade.

Taking it further é uma seção destinada a trazer informações extras sobre o tema que foi trabalhado na unidade com o objetivo de trazer informações importantes para promover debates em sala de aula.

Ao final do LE, encontram-se também as seções *Projects* e *Useful Language*. O MP se divide em duas partes. Na primeira, disponibiliza-se uma cópia fiel do LE, em que constam resoluções de atividades e orientações para a prática do(a) professor(a). Na segunda, um guia prático apresenta os pressupostos teórico-metodológicos da obra, bem como comentários e orientações sobre atividades específicas do LE, atividades fotocopiáveis, boxes para reflexão e tabelas.

O MDP divide-se em videotutorial e coletânea de áudios. O primeiro contempla recursos como animações, reproduções de partes do livro e legendas do conteúdo narrado, articulando as propostas do LE e as justificativas e orientações do MP. A coletânea, por sua vez, é composta de 22 faixas de áudio extraídas de contextos online genuínos, cujas transcrições e links de acesso estão presentes no MP.

5.3 Analisando a seção Getting ready e Reading comprehension do livro English vibes

Figura 04 – Seção Getting Ready for part 1

Getting Ready

FOR PART 1

Esta seção apresenta estratégias de aprendizagem e de leitura que vão ajudar você a se sentir mais confiante para realizar as atividades propostas ao longo das unidades 1, 2, 3 e 4 deste livro.

1 Observe a imagem a seguir, um mural produzido pelo artista brasileiro Eduardo Kobra, e responda às perguntas no seu caderno.



RICHMA WISE / AFP © KOBRA, EDUARDO KOBRA, BRASIL, 2020

- a. Qual é a mensagem que o artista desejou transmitir?
- b. A que série de filmes o mural faz referência? Qual é o nome do personagem que está segurando a placa?
- c. A que tipo de placa o mural faz referência? Qual é o objetivo dessa placa?
- d. Baseado na mensagem principal do mural, escolha o item abaixo que também expressa a ideia de "Stop Wars".

I



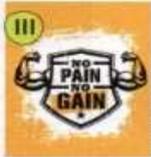
FORESTGRAPHIC / SHUTTERSTOCK.COM

II



ADRIAL BEHITA / SHUTTERSTOCK.COM

III



WWW.SUBTROPICA / SHUTTERSTOCK.COM

From: <www.eduardokobra.com/stop-wars>. Accessed on: Jan. 20, 2020.

TIP

Fique atento aos textos em inglês que estão à sua volta - em murais, camisetas, postagens em redes sociais etc. Eles podem oferecer oportunidades para você aprender o idioma também fora da escola.

2 Você observou que, em "Stop Wars", foi empregado o imperativo? Ao longo deste livro, o imperativo é utilizado em diversos enunciados de exercícios. Quais itens a seguir são exemplos de enunciados no imperativo?

- ▶ I don't know.
- ▶ Read the text.
- ▶ May I go to the toilet?
- ▶ Talk to your classmate.

- ▶ Listen to the recording.
- ▶ Can you repeat that, please?
- ▶ I'm sorry. I don't understand.
- ▶ Write the answers in your notebook.

3 Quais itens apresentados no exercício anterior são exemplos de frases em inglês que você e seus colegas costumam usar em sala de aula? Quais outras frases em inglês vocês também utilizam?

Getting Ready for PART 1 **9**

Leia a postagem a seguir, feita pela bailarina Ingrid Silva em sua rede social, para responder às questões 4 e 5 no seu caderno.



From: <www.thefemalelead.com/transform-your-feed/>. Accessed on: Jan. 20, 2020.

TIP

Apoie-se no vocabulário já conhecido para ajudar na compreensão do texto.

TIP

Para ajudar a inferir o significado de um termo desconhecido, observe a formação da palavra, como no caso de *thankful* (*thank* + sufixo *-ful*).

4 A partir da leitura da legenda da foto, responda às perguntas abaixo.

- Quais palavras na legenda da foto são parecidas com o português? E quais você já conhece?
- Com base na legenda da foto, o que você consegue entender da mensagem?
- Das dez recomendações, quais você considera mais importantes?

5 Observe o contexto de uso da palavra *hard* em "*work hard*". A partir da captura de tela de um dicionário bilíngue *on-line*, observe as diferentes possibilidades de significados para a palavra *hard* e responda às perguntas a seguir.

TIP

Antes de recorrer ao dicionário, busque inferir o significado de palavras desconhecidas a partir da observação do contexto em que elas são usadas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 6, 7 e 8 no seu caderno.



"Plastics aren't inherently bad. It's what we do, or don't do, with them that counts."
 — SYLVIA EARLE
 NATIONAL GEOGRAPHIC
 EXPLORER-IN-RESIDENCE

From NATIONAL GEOGRAPHIC, Washington, DC: National Geographic, v. 233, n. 6, June 2018.

TIP

Ative seu conhecimento prévio sobre o tema do texto para favorecer o estabelecimento de hipóteses sobre o que será lido.

TIP

Observe as relações entre os elementos verbais (palavras) e não verbais (imagens, cores, tipos e tamanhos de fonte etc.).

TIP

Apoie-se em palavras parecidas com o português para fazer previsões sobre o texto e compreendê-lo.

Language Note

1 pound (1 libra) = 454 grams (454 gramas)
 18 bilhões de libras = 9 milhões de toneladas

6 Copie a ficha abaixo no seu caderno e, em seguida, preencha-a com informações sobre o texto.

Gênero do texto:		Editor(a) responsável:	
Nome da revista:		Tema da edição:	
Data de publicação:			

7 Releia o texto e responda às perguntas abaixo.

- Quais palavras do texto são parecidas com palavras em português?
- Segundo o texto, qual é a quantidade de plástico encontrada, por ano, nos oceanos?
- Qual é a relação entre a imagem escolhida e o trecho "And that's just the tip of the iceberg"?
- Na sua opinião, qual deve ser o objetivo da escolha dessa imagem para compor o texto?

8 Qual é a opinião de Sylvia Earle sobre plástico? Você concorda com ela?

A seção *Getting ready for part 1*, de acordo com o autor do LD, é uma seção destinada à apresentação de estratégias de aprendizagem e de leitura que vão ajudar o aluno a se sentir mais confiante para realizar as atividades propostas ao longo das unidades 1,2,3 e 4 do livro. Nesta seção, o autor apresenta atividades de leitura baseadas em 3 diferentes textos verbovisuais: a pintura artística com as atividades 1,2 e 3; a postagem com as atividades 4 e 5; e por último, a capa de revista da *National Geographic* com as questões 6, 7 e 8.

Na referida seção, o autor traz as estratégias de leitura *skimming and scanning*, objetivando desenvolver a compreensão leitora do aluno no que se refere à língua estrangeira, mais especificamente a língua inglesa. A estratégia *Skimming* corresponde a leitura rápida, aquela leitura que busca as informações gerais do texto, sem precisar de detalhamento das informações. Já a estratégia *scanning* refere-se à leitura mais detalhada, procurando informações específicas no texto.

Além dessas estratégias, as quais são comumente utilizadas nas aulas de inglês instrumental, temos as dicas tipográficas (uso de gráficos, letras em negritos, palavras em itálicos, imagens, cores) e as palavras cognatas que também auxiliam no processo de leitura e compreensão textual. Assim, para apresentar essas estratégias de forma mais fluída, o autor se utiliza da língua portuguesa (língua materna) para construir os enunciados das questões norteadoras para a leitura dos gêneros propostos na supracitada seção.

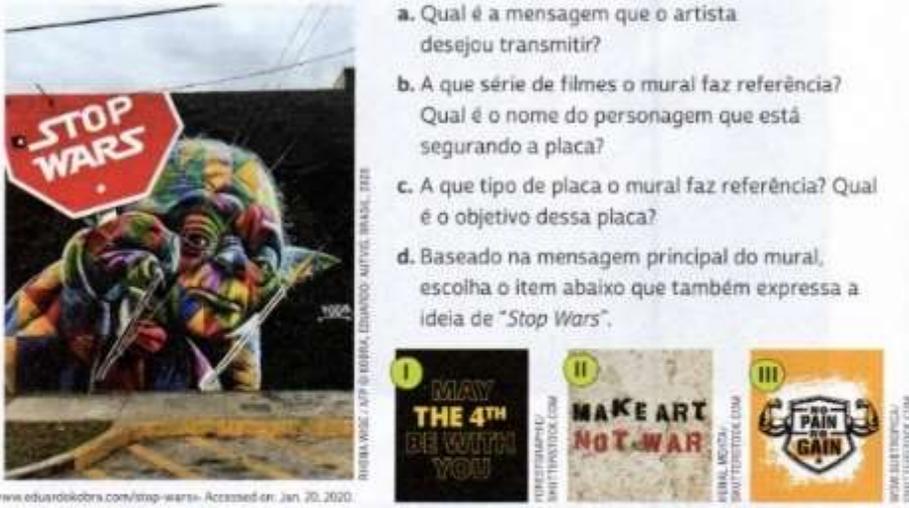
Figura 05 Pintura artística em mural

Getting Ready

FOR PART 1

Esta seção apresenta estratégias de aprendizagem e de leitura que vão ajudar você a se sentir mais confiante para realizar as atividades propostas ao longo das unidades 1, 2, 3 e 4 deste livro.

1 Observe a imagem a seguir, um mural produzido pelo artista brasileiro Eduardo Kobra, e responda às perguntas no seu caderno.



a. Qual é a mensagem que o artista desejou transmitir?

b. A que série de filmes o mural faz referência? Qual é o nome do personagem que está segurando a placa?

c. A que tipo de placa o mural faz referência? Qual é o objetivo dessa placa?

d. Baseado na mensagem principal do mural, escolha o item abaixo que também expressa a ideia de "Stop Wars".

TIP: Fique atento aos textos em inglês que estão à sua volta - em murais, camisetas, postagens em redes sociais etc. Eles podem oferecer oportunidades para você aprender o idioma também fora da escola.

2 Você observou que, em "Stop Wars", foi empregado o imperativo? Ao longo deste livro, o imperativo é utilizado em diversos enunciados de exercícios. Quais itens a seguir são exemplos de enunciados no imperativo?

- ▶ I don't know.
- ▶ Listen to the recording.
- ▶ Read the text.
- ▶ Can you repeat that, please?
- ▶ May I go to the toilet?
- ▶ I'm sorry. I don't understand.
- ▶ Talk to your classmate.
- ▶ Write the answers in your notebook.

3 Quais itens apresentados no exercício anterior são exemplos de frases em inglês que você e seus colegas costumam usar em sala de aula? Quais outras frases em inglês vocês também utilizam?

Getting Ready for PART 1 9

Na seção *Getting ready for part 1* do livro *English vibe for Brazilian learners*, encontramos, inicialmente, a imagem da pintura artística no mural, produzido pelo artista plástico brasileiro Eduardo Kobra. A referida imagem é inserida pelo autor do livro para servir como fonte de consulta para os alunos responderem ao questionário proposto, como observado ao lado da imagem acima.

Primeiramente, observa-se que o autor do LD não traz a pintura artística como gênero discursivo. Observamos no enunciado do quesito 1(um) que ele se refere à pintura como imagem ou mural produzido pelo artista Eduardo Kobra. Nas demais questões divididas pelas letras a), b), c) e d), o autor faz menção à pintura artística apenas como mural, como podemos constatar nos enunciados das questões descritos na imagem acima.

Observamos no quesito 1, quatro perguntas que o autor insere para conduzir o aluno a ler a imagem. A questão a) “Qual é a mensagem que o artista desejou transmitir?” o autor busca focar na ideia central do texto em tela, ele direciona o aluno a decodificar o enunciado verbal “*stop wars*” que se encontra sobre uma placa de trânsito registrado na imagem após a decodificação. O aluno encontra a resposta sobre o que o artista desejou enunciar com o uso do enunciado “*Stop wars*” que traduzido significa “Parem as guerras”.

Na questão “b) A que série de filmes o mural faz referência?” Essa questão conduz o estudante a buscar os presumidos contidos no discurso sobre o tema transversal tecnologia onde está inserido o conhecimento acerca de temas como: mídias, cinema, TV, redes sociais, etc. Ao ativar os presumidos, o aluno é levado a reconhecer o personagem do filme *Star Wars*, chamado Mestre Yoda. Com o uso dos pronomes interrogativo (Qual) e relativo (a que), o autor já direciona o aluno às respostas objetivas referentes ao nome do filme e do personagem que aparece segurando a placa na pintura acima.

Apesar de levar o aluno ao reconhecimento do personagem do filme e ativar seu conhecimento acerca de outras áreas do saber, as escolhas estilísticas do autor, como vimos pelas escolhas dos pronomes interrogativo e relativo respectivamente (qual, quais que, a que), não leva o aluno a ampliar seu conhecimento acerca do contexto discursivo em que está inserida a pintura artística. As escolhas dos vocábulos “a que série de filmes” bem como, “Qual é o nome do personagem? já limitam a resposta do sujeito permitindo apenas as respectivas respostas objetivas: *Star wars* e Mestre Yoda.

Na questão c) A que tipo de placa o mural faz referência? Qual é o objetivo dessa placa? O aluno é levado ativar seu conhecimento acerca das placas de trânsito e suas significações. No caso da imagem em tela, a placa faz referência à placa de trânsito no formato octogonal com o

enunciado **Stop / Pare**, como é conhecida no código de trânsito americano e brasileiro. O objetivo do vocábulo escrito sobre a placa é mostrar que esse enunciado está na forma imperativa, exercendo a função proibitiva contida no código de trânsito com o enunciado: **Pare**.

Na questão d) Baseado na mensagem principal do mural, escolha o item abaixo que também expressa a ideia de “*Stop Wars*”. Nesta questão, o autor traz outras três imagens com as seguintes mensagens: “*May the 4th be with you*”, “*Make art not war*”, “*No pain no gain*” para que o aluno busque ativar seu conhecimento de sinonímia e encontre o termo referente ao enunciado da imagem analisada. A resposta para essa questão se encontra na mensagem de número II “*Make art, Not war* (Faça arte, não guerra).

Ao analisar as questões do quesito 1 (um), vemos que o autor do LD busca direcionar o aluno para a situação de uso do imperativo. O enunciado “*Stop Wars*” se apresenta no imperativo, expressando a ideia de ordem pela escolha estilística do verbo *Stop*.

Na questão de nº 2 “Você observou que “*Stop Wars*”, foi empregado o imperativo? Ao longo deste livro, o imperativo é utilizado em diversos enunciados de exercícios. Quais itens a seguir são exemplos de enunciados no imperativo?”. Nessa questão, o autor foca no aspecto gramatical do enunciado “*stop wars*” para explicitar o uso do imperativo em diversos outros enunciados produzidos em outros contextos, mais especificamente, os enunciados produzidos no contexto de sala de aula, como podemos observar nos oito enunciados descritos na questão.

Apesar de relacionar o enunciado *Stop Wars* com o uso em contextos diferentes e trazer enunciados explicitando o uso em sala de aula, a questão, pelas escolhas estilísticas do autor, se apresenta como uma questão prescritiva e de cunho gramatical. A questão pede apenas que o aluno faça a decodificação dos enunciados para que ele possa reconhecer as frases que estão no modo imperativo.

Já na questão 3), o autor conduz o aluno a identificar os enunciados no imperativo usados por eles no contexto de sala de aula e quais outros enunciados no imperativo, eles também utilizam no contexto escolar.

Após o aluno reconhecer os enunciados no modo imperativo utilizado no contexto de sala de aula, como consta na questão de número 2, na questão 3 ele é levado a transcrever esses enunciados como resposta desta questão, bem como acrescentar outros exemplos de enunciados no imperativo em contexto de sala de aula.

Analisando as 3 questões referentes à pintura artística, observamos que as questões norteadoras para a leitura da pintura não trazem questões que abordem o reconhecimento do artista plástico e seu estilo individual na arte. Não consta nenhuma questão que leve o aluno a

conhecer o contexto social em que está inserido o gênero, nem o conhecimento acerca do sujeito autor do gênero, uma vez que essas informações são necessárias para a condução do processo de compreensão e interpretação do gênero em tela. O autor do LD traz as questões de forma objetiva e limitando o aluno a respostas igualmente objetivas como observamos na análise acima no tocante a escolhas de pronomes, tais como: **qual, a que**, etc.

Nas questões de **a à d** não vislumbramos nenhuma menção ao contexto social em que o enunciado *Stop wars* está inserido. Observamos também que as questões não relacionam o enunciado verbal com o enunciado visual, como por exemplo, a intenção do autor ao escolher mestre Yoda na imagem, a placa de trânsito, bem como a ligação entre o enunciado Star Wars e as imagens e cores apresentadas na pintura, etc.

A questão d, por exemplo, limita o aluno a decodificar a mensagem e reconhecer a sinonímia apresentada no enunciado *Make art not war* com o enunciado presente na pintura: *Stop Wars*. A leitura fica no nível de decodificação e reconhecimento de aspectos gramaticais dos enunciados, não abarcando a riqueza estilística da estilização paródica existente na pintura como no caso de *Stop (verbo)* no lugar de *Star* (substantivo) do letreiro do título do filme que traduz a ideia de harmonia entre as palavras de classes gramaticais e significados diferentes bem como a ideia ambígua da ausência de guerras e convivência harmônica entre diferentes classes sociais.

5.3.1 Proposta de análise estilística-dialógica para o Gênero pintura artística em mural produzido pelo artista plástico Eduardo Kobra

A finalidade deste tópico é trazer uma proposta de análise baseada na Estilística Dialógica para a análise do gênero pintura artística em mural presente no LD *English Vibes* que nos propomos a analisar. A proposta é direcionada para os autores do LD com vistas a enfatizar as questões estilísticas dos gêneros por meio da análise dialógica. Buscaremos mostrar como um analista do discurso mobiliza os elementos estilísticos para o desvelamento de sentido do gênero. Seguiremos a síntese das formulações estilísticas mencionadas no capítulo anterior para conduzir todo o processo analítico.

Antes de adentrarmos na proposta analítica, faz-se necessário trazermos algumas informações contextuais sobre o gênero em tela e o artista plástico que o produziu. Em primeiro lugar, vale salientar que a análise Estilística Dialógica parte da ideia de que nos comunicamos através de gêneros do discurso, sendo assim, iniciamos a análise reconhecendo a pintura

artística em mural como um gênero discursivo. Ademais, a pintura artística em mural possui características que a inserem na categoria de gênero do discurso de acordo com Bakhtin (2010), a saber: um tema, uma estrutura composicional e o estilo.

Após esse reconhecimento, faz-se necessário explicitarmos as especificidades deste gênero buscando integrar o estilo para não cairmos na superficialidade de destacar o estilo do gênero, como nos alerta Bakhtin (2015). O estilo do gênero está imbricado em todas as características estruturais, ideológicas e culturais do gênero.

Fazendo uma pesquisa na internet, no site do artista plástico Eduardo Kobra, observamos que o gênero pintura artística em mural do referido artista, tem na sua estrutura composicional, a linguagem visual ou verbovisual, tamanho da arte ampliada (para fachadas de grandes prédios e muros altos), presença de cores em preto e branco e tonalidade em sépia para as obras que retratam fotografias antigas e/ou uma paleta de cores vibrantes (lilás, amarelo, verde, vermelho e azul) para as demais pinturas artísticas. É relevante destacar que suas artes sempre carregam a assinatura do autor com o mesmo padrão: o nome Kobra sublinhado com uma estrela de cinco pontas do lado esquerdo do nome.

As cores contrastantes usadas pelo autor se repetem em algumas obras como se formassem um quebra cabeça gigante em formas geométricas, lembrando a arte cubista¹⁹. Em relação à linguagem, percebemos que a maioria das pinturas artísticas ou não traz enunciados verbais ou quando elas trazem, se apresentam com enunciados curtos e objetivos, buscando facilitar a compreensão do interlocutor para o tema exposto na arte.

O propósito comunicativo das artes de Kobra é denunciar problemas sociais para um público amplo pelo fato de suas obras se apresentarem expostas em murais das principais ruas de grandes cidades e capitais do país e fora do país, como no caso do Centro de São Paulo, e de outros países, a exemplo de: “Espanha, Itália, Noruega, Inglaterra, Malauí, Índia, Japão,

¹⁹ O **cubismo** é uma das vanguardas europeias (**movimentos artísticos que surgiram na Europa no início do século XX**). Nascido em 1907, o cubismo apresenta uma estética antiacadêmica, marcada pela fragmentação e pelo geometrismo. Está fortemente vinculado às artes visuais. A obra *As senhoritas de Avignon*, de Pablo Picasso, é uma pintura cubista famosa em todo o mundo. No Brasil, alguns artistas modernistas, como Ismael Nery, Anita Malfatti e Candido Portinari, produziram pinturas com traços cubistas. Já na literatura, o destaque é o escritor francês Guillaume Apollinaire. Assim, a literatura de viés cubista apresenta fragmentação e aspecto ilógico. Informações extraídas do site: (<https://www.portugues.com.br/literatura/vanguardas-europeias>). acesso em: 14/12/2023

Emirados Árabes Unidos, além de diversas cidades norte-americanas”. Nesses lugares, suas obras ganharam visibilidade nos murais dos centros comerciais, prédios públicos, etc²⁰.

Apesar de não nos propormos a analisar o estilo do autor do gênero, mas compreendermos como o autor do LD trabalha com as questões estilísticas nas atividades de leitura de gêneros, fez-se necessário buscar entender o pano de fundo em que o gênero foi produzido. Ao analisar o gênero, vislumbramos que a estrutura ideológica e cultural das artes de Kobra está imbricada na maneira como o referido artista mobiliza os elementos estilísticos para compor sua arte: o tamanho da obra, as cores, o problema social denunciado, a presença ou ausência de enunciados verbais, bem como o padrão de assinatura do autor presente nas obras, enfim todo o manejo nos elementos estruturais e estilísticos da arte comunica algo ao interlocutor, desvelando os valores sociais e o posicionamento axiológico do autor. É tarefa do autor do LD conduzir o aluno a perceber as reverberações cultural-ideológica que circunda o gênero através das escolhas estilísticas do enunciador.

Fez-se necessário compreendermos as peculiaridades estilísticas do gênero pintura artística em mural para servir de subsídios para a análise da imagem da pintura artística presente no livro *English Vibes* que nos propomos a analisar. As informações que trouxemos acima correspondem ao horizonte espacial e ideacional do autor, servindo como pano de fundo para compreendermos de forma geral, como são apresentadas suas principais obras artísticas. Agora partiremos para a proposta de análise dialógica seguindo a ordem das formulações estilísticas da Estilística Dialógica.

²⁰Informações extraídas no site: <https://www.eduardokobra.com/> acesso em: 20/12/2023

Figura 06 – imagem da pintura artística de Eduardo Kobra



A pintura artística acima foi exibida em janeiro de 2020 no mural de um prédio no distrito de Wynwood em Miami, nos Estados Unidos. Essa pintura que traz o mestre Yoda é um recorte de uma série de pinturas com o tema “dê uma chance à paz”, que trazem diversos outros artistas como John Lenon, Yoko Ono, Frida Kahlo, entre outros.²¹

O gênero acima se mostra heterodiscursivo, pois existe um diálogo entre o discurso artístico da pintura com o discurso artístico do cinema, bem como com o discurso da esfera jurídica, mais precisamente no campo normativo jurídico, onde circulam as leis inseridas no código de trânsito. Podemos dizer que o referido gênero também é heterovocal, pois existe o povoamento de vozes, a saber: a voz do artista, a voz do personagem retratado na imagem, a voz normativa advinda do enunciado verbal e a voz do interlocutor.

O gênero acima possui na sua estrutura estilístico-composicional: o tamanho ampliado do personagem retratado na obra, as cores que a compõem e os enunciados verbais expostos sobre uma placa de trânsito na imagem acima. Todos esses elementos dialogam para compor a plenitude semântica do gênero.

²¹ Informações extraídas no site: <https://www.eduardokobra.com/> acesso em: 20/12/2023

Na materialidade linguística, o gênero apresenta o enunciado “*Stop wars*” escrito sobre uma placa de trânsito nas cores vermelha e branca e na formatação octogonal, mantendo a formatação da placa de trânsito **Stop / Pare**, como é conhecida no código de trânsito americano e brasileiro.

Observamos que o artista faz as escolhas dos vocábulos “*Stop Wars*” intencionalmente para compor a estilização paródica do enunciado da placa “*Stop Wars*” com o nome do filme *Star Wars*. O artista preserva a mesma fonte de letra usada no nome do filme *Star Wars*. A estilização paródica aqui produz a aliteração, com a repetição dos fonemas /S/ e /T/. Essa é uma informação importante para ser mobilizada pelo autor do LD no tocante à explicitação dos aspectos estilísticos da estrutura linguística do gênero.

A escolha da placa de trânsito produz um outro efeito de sentido para o enunciado, pois são placas que trazem enunciados de caráter proibitivo. O enunciado *Stop Wars* por estar escrito sobre a placa de trânsito, ganha esse tom de proibição, tom imperativo.

Na materialidade visual, o gênero apresenta um mural na cor preta, o personagem Yoda do filme *Star wars* nas cores amarelo, lilás, vermelho, verde, azul cada uma dessas cores se apresenta em formato de pirâmides que formam um quebra cabeça montado o corpo da personagem. Porém, originalmente, o personagem Yoda é retratado no filme na cor verde. Outro detalhe importante que merece que o autor do LD use para chamar a atenção dos discentes para ajudar no processo de leitura e interpretação do gênero.

Vale ressaltar que o personagem Yoda no filme *Star wars* representa o mestre sábio que possuía muitas habilidades nas técnicas de lutas como também experiência vivida por ser um dos mais antigos *Jedi*, vindo a falecer com quase 900 anos como retratado na ficção.

A imagem do Mestre Yoda é metafórica, ela personifica a ideia de força, experiência e sabedoria advindas da experiência de vida por ser o mais antigo membro de sua linhagem. “Os conselhos dos mais antigo, são sábios conselhos”, frases como essas são retratos das avaliações sociais, do coro de apoio que trazem a ideia de sabedoria e experiência ligada a pessoas mais velhas. A escolha do mestre Yoda por parte do artista Kobra traz o tom ambíguo do estado de guerra e de paz, pois além dele ser um habilidoso guerreiro, instrutor de vários outros guerreiros de sua linhagem, ele também tinha uma personalidade tranquila, serena e que transmitia paz.

Portanto, o conselho do mestre exposto em tom imperativo na placa de trânsito “*Stop Wars*” (Parem as guerras), torna algo que deve ser seguido fielmente pelo interlocutor, uma vez que a escolha do verbo “*stop*” conjugado na forma imperativa transmite a ideia de ordem, aconselhamento, proibição e não abre espaço para modalizações.

Após a análise do gênero de forma mais aprofundada, buscando subsídios contextuais para a compreensão global do gênero, o analista do discurso possuirá as ferramentas necessárias para a elaboração das atividades de leitura do aluno do ensino médio que fará uso do material didático para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

A análise acima não significa dizer que o aluno em nível médio precisará conhecer todas essas habilidades para obter a compreensão do gênero, mas faz se necessário tanto o autor do LD quanto o professor mediador ter o conhecimento mais ampliado dessas questões para poder nortear os alunos nesse processo de leitura verbovisual de determinados gêneros discursivos.

Ao analisarmos as questões elaboradas no LD sobre a pintura artística, ficou demonstrado que o propósito comunicativo do autor do LD foi trabalhar a leitura verbovisual em sala de aula, porém a ênfase das questões é dada ao aspecto gramatical, no tocante ao uso do imperativo, como também a forma como o referido gênero apresenta o tema transversal da não violência, da preservação da paz.

Passaremos agora para a elaboração das questões norteadoras para a leitura do gênero pintura artística que enfatizem os aspectos estilístico-dialógicos do gênero.



1. Observe o gênero pintura artística em mural do artista brasileiro Eduardo Kobra, para responder às perguntas no seu caderno.

- a. Você sabe quem é Eduardo Kobra? Faça uma pesquisa na internet para saber mais informações sobre as suas produções artísticas?
- b. Quem é o personagem retratado no gênero acima? Qual a intenção do artista ao escolher essa personagem e não outra personagem da série de filmes Star Wars?
- c. Qual a relação entre a imagem e o enunciado verbal “Stop Wars”?
- d. Qual o objetivo do autor em trazer o enunciado *Stop Wars* escrito na placa de trânsito?
- e. Após compreender a escolhas dos elementos verbais e visuais contidos no gênero acima, explique qual a mensagem que o artista buscou transmitir?

2. Você observou que em “*Stop Wars*” foi empregado o imperativo? Explique qual a finalidade do imperativo usado no gênero acima e quais os elementos que reafirmam a ideia do imperativo contida na obra artística de Kobra.
3. Faça uma lista de enunciados no imperativo que você e seus colegas costumam utilizar no contexto de sala de aula.

Figura 07– Gênero postagem em rede social

Leia a postagem a seguir, feita pela bailarina Ingrid Silva em sua rede social, para responder às questões 4 e 5 no seu caderno.



TIP
Apoie-se no vocabulário já conhecido para ajudar na compreensão do texto.

TIP
Para ajudar a inferir o significado de um termo desconhecido, observe a formação da palavra, como no caso de *thankful* (*thank* + sufixo *-ful*).

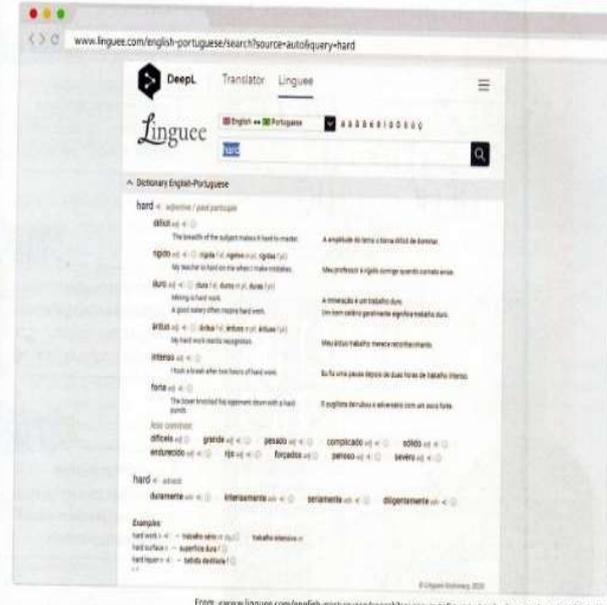
3,710 curtidas
IngridSilva "Be kind, work hard, stay humble, smile often, stay loyal, be honest, travel when possible, never stop learning, be thankful always, and love."
From: <www.thefemalelead.com/transform-your-feed>. Accessed on: Jan. 20, 2020.

4 A partir da leitura da legenda da foto, responda às perguntas abaixo.

- Quais palavras na legenda da foto são parecidas com o português? E quais você já conheceu?
- Com base na legenda da foto, o que você consegue entender da mensagem?
- Das dez recomendações, quais você considera mais importantes?

5 Observe o contexto de uso da palavra *hard* em "work hard". A partir da captura de tela de um dicionário bilingue *on-line*, observe as diferentes possibilidades de significados para a palavra *hard* e responda às perguntas a seguir.

TIP
Antes de recorrer ao dicionário, busque inferir o significado de palavras desconhecidas a partir da observação do contexto em que elas são usadas.



- Qual o melhor termo equivalente, em português, para *hard* na legenda da foto de Ingrid?
- Em "work hard", a qual classe gramatical a palavra *hard* pertence?
- Quais itens a seguir podem ser encontrados no dicionário apresentado?
 - ▶ Classe gramatical.
 - ▶ Transcrição fonética.
 - ▶ Áudio com pronúncia.
 - ▶ Exemplos de uso em frases.

TIP
Em geral, consultamos uma palavra no dicionário para descobrir o significado dela em determinado contexto, mas, através das diversas informações oferecidas no dicionário, podemos aprender muito mais sobre a palavra consultada.

LEARNING ON THE WEB

A maioria dos dicionários digitais, como o que aparece nesta página, está disponível para acesso pela internet e por aplicativos de celular. Para ter acesso a diferentes dicionários (bilingües e/ou monolíngües) disponíveis gratuitamente na internet, acesse:

- ▶ <linguee.com> oferece a tradução do termo pesquisado e diversos exemplos contextualizados por meio de vários textos bilingües.
- ▶ <thefreedictionary.com> oferece pronúncia em áudio para o termo pesquisado e diversas expressões com o verbo, além de expressões idiomáticas e sinônimos.
- ▶ <wordreference.com> oferece acesso à pronúncia em áudio do termo pesquisado em diferentes regiões (US, UK, Irish, Scottish, Jamaican), além da tradução do verbo e diversos exemplos contextualizados.

(Acesso em: 13 mar. 2020)

Seguindo a ordem das atividades de *pre-reading*, da seção *Getting ready*, o autor traz a postagem em rede social da bailarina Ingrid Silva para que os alunos leiam e retirem as respostas das questões 4 e 5. A primeira observação a ser feita é o fato de o autor não trazer a postagem como gênero ou não mencionar esse termo na atividade acima como podemos notar no enunciado que aparece logo no início da atividade.

Nas páginas 10 e 11, o autor traz duas questões baseadas no texto da postagem: a questão 4, subdividida em três alternativas enumeradas em: a, b e c; e a questão 5 que foca na expressão “*work hard*” e suas significações. Analisando essas questões, notamos que o autor busca trabalhar as temáticas do reconhecimento das estratégias de leitura em língua estrangeira e na temática da sinonímia como apresentada na questão 5 acerca das significações da expressão “*work hard*”.

A alternativa “a” do quesito 4 pede para que os alunos identifiquem as palavras cognatas ou aquelas palavras que eles já conhecem o significado em português contidas no texto da postagem. A escolha do autor do LD, ao iniciar a questão com o pronome **quais**, já limita e direciona o aluno a dar respostas objetivas. No caso da alternativa “a”, o aluno é conduzido a fazer apenas a transcrição das palavras cognatas apresentadas no texto.

Na alternativa “b”, o autor conduz os alunos a decodificar a mensagem da legenda da postagem para compreender a ideia apresentada. A escolha da palavra **foto, legenda** para se referir à postagem da bailarina, ratifica a posição do autor do LD ao não reconhecimento da postagem como gênero do discurso. Essa questão direciona o foco dos alunos apenas ao texto verbal e não destaca a importância da observância do sentido revelado na imagem da bailarina.

Na alternativa “c”, o autor já traz uma dica do que são o conjunto de enunciados postados pela bailarina, na referida questão, o autor traz esses enunciados como 10 (dez) recomendações, mas não especifica acerca de que se trata essas recomendações. O autor, de forma objetiva, limita as respostas dos alunos a respeito das recomendações contidas no texto da postagem. O tom imperativo do autor permeia as questões e limita o aluno de realizar uma leitura mais ampliada do gênero postagem, fazendo o link entre a materialidade verbal e visual, bem como de reconhecer o sujeito representado na imagem, o contexto social do enunciado refletido nas cores, posições da bailarina, nos enunciados verbais contidos na legenda da postagem

Na questão 5, o autor traz a captura da imagem de um dicionário online para que os alunos observem as significações da palavra “*hard*” e responda as alternativas a, b e c. Na alternativa “a”, “Qual o melhor termo equivalente, em português, para *hard*, na legenda da foto de Ingrid? Aqui destacamos mais uma vez o pronome **qual** no início da pergunta que já limita a resposta do aluno e o conduz a respostas objetivas. O autor, nessa questão, ainda persiste em mencionar os vocábulos **foto** e **legenda** para se referir ao gênero postagem. O foco dado pelo autor do LD nessa questão é no desenvolvimento da habilidade do aluno em reconhecer termos

equivalentes, na sinonímia, ou seja, o autor foca em aspectos gramaticais contidos na postagem. Até essa questão, ainda não foi possível identificar o direcionamento para a compreensão leitora do aluno no que diz respeito a postagem como todo, aos sentidos produzidos pela imagem da bailarina, a ligação entre imagem e texto, aos aspectos estilísticos utilizados na legenda, etc.

Na alternativa “b”, o autor questiona aos alunos a respeito de qual classe gramatical a palavra “*hard*” pertence? Nesta alternativa, o autor busca trabalhar com os alunos a forma correta de manejar o dicionário e de extrair as informações necessárias pertinentes à palavra estudada. O foco ainda recai na gramática, na sinonímia e no direcionamento do correto manejo do dicionário.

Ainda em relação ao uso correto do dicionário, na alternativa “c”, o autor prossegue com o estudo do dicionário e direciona os alunos ao examinarem buscando checar quais são os tipos de informações linguísticas que o dicionário pode fornecer para o leitor, como: classe gramatical, transcrição fonética, áudio com pronúncia e exemplos de uso de frases em contextos variados. Ao final da página 11, o autor traz caixas com dicas “*tips*” sobre o uso do dicionário. Além disso, ele ainda adiciona uma caixa de texto “*box*”, com o título *Learning on the Web*, contendo as informações sobre o uso dos dicionários digitais e em quais plataformas o leitor pode acessá-los.

Após as análises das questões, observamos que em nenhuma delas o autor faz menção à postagem como um gênero discursivo. Ao invés de usar o termo **postagem em rede social**, o autor escolhe usar os termos **foto e legenda**. Além disso o autor não traz nenhuma informação contextual sobre a personagem retratada na foto e nem sobre o contexto da postagem na rede social da bailarina. Essas informações deveriam constar nas questões, pois contribuiria para a atividade de interpretação e reconhecimento do gênero postagem como uma atividade discursiva dinâmica, bem como na identificação das especificidades do gênero, na esfera de atuação e na importância do reconhecimento do sujeito enunciador da postagem para a compreensão do gênero.

Além de não mencionar a importância da leitura da fotografia como um texto visual que também complementa a ideia expressa no texto verbal, o autor traz o foco das questões apenas no texto verbal e nos seus aspectos gramaticais. Como vimos, nenhuma das questões direciona o aluno à compreensão do texto como todo, pois não existe nenhum direcionamento, por parte das questões elaboradas, que conduza o discente à leitura verbovisual do gênero em tela.

As questões elaboradas pelo autor do LD direcionam os alunos a compreenderem a leitura no nível de decodificação das palavras. Apesar de mencionar a importância do contexto e de trabalhar a polissemia do termo *hard*, o autor não amplia o olhar dos alunos acerca do sentido atrelado ao contexto discursivo da postagem, nem traz as informações contextuais sobre o sujeito retratado na imagem, neste caso a bailarina Ingrid Silva.

As recomendações retratadas na legenda da postagem estão estruturadas em formato de texto contínuo e não se apresentam em uma lista de dicas em formato vertical, como comumente se apresenta este gênero. A postagem da bailarina se apresenta semanticamente como uma interdiscursividade do gênero *list of tips*. O autor insere a postagem intencionalmente para preparar o aluno para a leitura do gênero *List of tips* que será trabalhada na próxima seção do LD denominada *Reading comprehension*. Porém, como observamos nas questões acima, o autor do LD não deixa essa informação clara para os alunos. Não há nenhuma menção por parte das questões que identifique as recomendações como um gênero.

As recomendações aparecem com os verbos na forma do imperativo, indicando a ideia de aconselhamento passado do sujeito autor para o sujeito interlocutor. Apesar de a postagem em forma de recomendações apresentar os verbos no imperativo, o autor não reforça essa ideia para o leitor. Não vislumbramos nenhuma questão que direcione o olhar dos leitores para o uso específico do imperativo na postagem e qual o efeito discursivo desse aconselhamento pela identificação do sujeito autor da postagem. Qual a importância de seguir as recomendações da bailarina Ingrid Silva?

As questões elaboradas pelo autor do LD, como podemos perceber, são questões que focam na decodificação dos enunciados verbais. Aqui o autor não busca uma leitura que contemple o contexto situacional, mas que delimite o desenvolvimento da habilidade do aluno no tocante ao reconhecimento das estratégias de leitura com a identificação das palavras cognatas e da sinonímia.

5.3.2 Proposta de análise estilística-dialógica para o Gênero postagem em rede social

Primeiramente, antes de elaborar questões acerca do gênero discursivo postagem em rede social, faz-se necessário que o autor do LD, como também o mediador da atividade, compreenda as especificidades do gênero trabalhado com vistas a ampliar as possibilidades de leitura do interlocutor.

O gênero postagem em rede social se apresenta como um gênero pluriestilístico por ser um gênero dinâmico que se molda ao estilo do sujeito autor, o estilo da plataforma digital usada pelo autor, a saber, as plataformas *Facebook* e *Instagram* que são as mais utilizadas pelo público na atualidade.

Geralmente, as postagens são apresentadas com enunciados verbovisual ou enunciado visual de forma objetiva e com textos. Os textos não são dispostos em períodos longos, nem parágrafos, pois comumente, o público consumidor das redes sociais são pessoas que não querem dispor de muito tempo para obter as informações desejadas. Eles já são levados a consumir uma grande quantidade de conteúdo em um curto espaço de tempo. Por isso, as postagens mesclam imagens, cores, músicas, vídeos e enunciados curtos para atender a necessidade desse tipo de público.

O sujeito autor das postagens conta com um público seguidor específico, ou seja, aqueles que estão adicionados a sua lista de contatos. É para esse público que o sujeito autor destina suas postagens e busca interagir com seus gostos e estilos.

A heterodiscursividade dialogizada faz parte da característica do gênero postagem, pois sua composição é a mobilização de discursos de diferentes esferas comunicativas. A saber: esfera política, midiática, religiosa, científica, etc. As mobilizações ideológicas dos discursos vão depender da intenção discursiva do sujeito enunciator do gênero postagem.

A heterovocalidade do gênero postagem é demonstrada através da presença de diferentes vozes circundantes no gênero, a saber a voz do sujeito enunciator e a voz da ideologia defendida por ele, a voz da plataforma digital que está sendo utilizada para a postagem, a voz da mídia, a voz do sujeito interlocutor.

Na postagem contida na página 10 do LD em análise, temos a postagem da bailarina Ingrid Silva composta por uma fotografia dela em traje de bailarina e uma legenda com enunciados verbais em formato de texto contínuo formando um curto parágrafo. São 10 enunciados, separados por vírgulas e contendo verbos na forma imperativa: “*Be kind, work hard, stay humble, smile often, stay loyal, be honest, travel When possible, never stop learning, be thankful Always, and love*” (“seja gentil, trabalhe duro, permaneça humilde, sorria com frequência, permaneça leal, seja honesto, viaje quando possível, nunca pare de aprender, seja sempre grato e ame”. Tradução nossa)

Para compreendermos a mensagem transmitida pela postagem é necessário que o leitor saiba quem é o sujeito autor da postagem, neste caso, quem é a bailarina Ingrid Silva e qual o efeito discursivo da postagem dela para seus seguidores.

Consta na biografia da bailarina que ela nasceu no Rio de Janeiro, filha de família humilde, iniciou sua história no mundo do balé aos 8 anos de idade com a participação no Projeto Dançando Para Não Dançar (DPND), idealizado pela bailarina e professora Thereza Aguilar, em 1995. Após a participação do referido projeto, ela continuou seus estudos na Escola de Dança Maria Olenewa e no Centro de Movimento Debora Colker com bolsa integral. Aos 17 anos, juntou-se ao Grupo Corpo como estagiária.

Em 2007, Ingrid ganhou uma bolsa de estudos integral para fazer parte do *Dance Theatre of Harlem School*, a partir daí, a história da bailarina de família pobre começa a trilhar caminhos de grandes conquistas, famas e sucesso. Em 2008, ela entra para o *Dance Theatre of Harlem's Dancing Through Barriers Ensemble*.

No ano de 2013, junta-se à *Dance Theatre Company*. De lá para cá coleciona várias participações como no projeto Dançando Para Não Dançar (Brasil), *Armitage Gone! Dance* (EUA), Francesca Harper Project (EUA). Também trabalhou com coreógrafos renomados como Arthur Mitchell, Donald Byrd, John Alleyne, Darrel Grand Moltrie, Francesca Harper, Robert Garland, David Fernandez, Carol Armitage, Deborah Colker, Rodrigo Pederneiras e muitos outros.²²

O balé proporcionou a ela ainda mais experiências longe dos palcos. Foi embaixadora cultural para os Estados Unidos ao ministrar workshops na Jamaica, em Honduras e em Israel, participando ainda do *Brazil Foundation Gala* em 2014, no Lincoln Center. Recentemente também recebeu grande destaque nas revistas Vogue e Glamour Brasil. Em setembro de 2020, sua sapatilha pintada para combinar com o tom de sua pele, símbolo de sua luta contra o racismo, foi exposta no Smithsonian National Museum of African American History & Culture em Washington D.C.

Após essas informações contextuais sobre a autora da postagem, as informações contidas no referido gênero ganham um pano de fundo, um horizonte espacial e ideacional que contribui para a compreensão da mensagem transmitida na postagem. Munido dessas informações, o autor do LD, bem como o professor mediador da atividade, terá subsídios suficientes para conduzir a leitura dialógica dos alunos.

²² Informações extraídas em: Ingrid Silva (ingridsilvaballet.com) acesso em: 26/12/2023

A postagem inserida pelo autor do LD é composta pela fotografia da bailarina Ingrid Silva e uma legenda com enunciados verbais. Na materialidade visual, temos uma fotografia retratando um palco de fundo preto, uma bailarina de pele negra e o traje branco com detalhes dourados que se sobressaem na fotografia. A iluminação destaca as expressões faciais da bailarina. Os gestos com as mãos e os pés reproduzindo os passos do balé, bem como suas sapatilhas cor de pele são capturados pela fotografia. Os holofotes estão centralizados na imagem da bailarina.

O sujeito interlocutor que possui o conhecimento prévio acerca da trajetória da bailarina Ingrid Silva já consegue conectar a imagem à mensagem transmitida nos enunciados verbais. Percebemos que o texto colocado pela autora da postagem está entre aspas, o que significa dizer que pertence a outra voz, a outro contexto discursivo, porém coincide com os princípios que ela defende. Após trilhar um caminho de muitas conquistas e sucesso, a bailarina recomenda aos seus seguidores que sigam esses mesmos princípios descritos na legenda da foto, em tom imperativo, transmitindo um aconselhamento de alguém que segue esses princípios e conquistou uma vida profissional de sucesso.

O balé foi responsável por integrar a bailarina fluminense no mundo da fama. Os detalhes percebidos pelo leitor na imagem contribuem para a interpretação do enunciado verbal, ou seja, das recomendações da bailarina como algo a ser seguido, buscando alcançar uma vida brilhante, uma vida de sucesso conforme a vida da personagem retratada.

Analisando a materialidade verbal, observamos que os enunciados verbais postados pela autora da postagem são enunciados advindos de provérbios que comumente são enunciados por sujeitos que adquiriram uma experiência de sucesso por permanecerem fiéis aos princípios pregados pelos enunciados verbais escritos na legenda da foto.

Na mensagem postada, a saber: “*Be kind, work hard, stay humble, smile often, stay loyal, be honest, travel When possible, never stop learning, be thankful Always, and love*” (“seja gentil, trabalhe duro, permaneça humilde, sorria com frequência, permaneça leal, seja honesto, viaje quando possível, nunca pare de aprender, seja sempre grato e ame”. Tradução nossa), as escolhas dos verbos para compor a mensagem, bem como sua ordem de aparição formam um encadeamento semântico de gradação, sugerindo ao sujeito interlocutor uma ordem cronológica da jornada para alcançar uma vida de sucesso.

Analisando as questões 4 e 5 do LD que tem como texto base o gênero postagem, percebemos que o propósito comunicativo do autor foi trabalhar as estratégias de leitura que

culmina na decodificação da mensagem do texto verbal. Todas as questões estão voltadas para os enunciados verbais da postagem como podemos constatar na análise das alternativas acima.

Como vimos, a análise dialógica compreende as especificidades do gênero, as informações contextuais sobre o sujeito enunciador e sobre o contexto situacional da enunciação. Observamos também o imbricamento das materialidades verbovisual para se obter a compreensão total da enunciação. Desta forma, além de contribuímos para uma leitura dinâmica e dialógica, também conduzimos o leitor para a compreensão das escolhas estilísticas do sujeito enunciador. O olhar do aluno volta-se para as escolhas verbais, a forma imperativa do verbo que sugere a ideia de aconselhamento e também promovem o encadeamento semântico que sugere a ideia de gradação.

Passaremos agora para a elaboração das questões norteadoras para a leitura do gênero postagem que demonstre um diálogo maior entre as materialidades discursivas e mostre a importância do contexto extraverbal para a compreensão leitora.

Leia o gênero postagem a seguir extraída do perfil do *Instagram* da bailarina Ingrid Silva e responda às questões 4 e 5 no seu caderno.



4. A partir da leitura do gênero acima, responda:

- a. Você conhece a bailarina Ingrid Silva? Quais informações sobre ela te ajudam a compreender a mensagem transmitida na postagem?
- b. Qual a conexão estabelecida entre a fotografia e a mensagem transmitida na legenda?
- c. Os verbos no imperativo presentes na legenda indicam e/ou sugerem aconselhamento. Com a ajuda de um dicionário, traduza a mensagem da legenda e reflita acerca da importância dessa mensagem para sua vida pessoal.

5. Observe o contexto de uso das palavras usadas na postagem e responda.

- a. O que a autora quis dizer com a expressão “*work hard*”?
- b. A palavra “*hard*” é uma palavra polissêmica e possui diferentes possibilidades de sentidos. Qual o sentido desta palavra no contexto da postagem da Ingrid Silva?

c. Com base no que você aprendeu sobre polissemia, destaque da postagem outros termos que também possuem outras possibilidades de uso conforme o contexto.

As questões propostas acima buscam direcionar o aluno para uma leitura dialógica do gênero postagem, observando o imbricamento das materialidades verbal e visual, bem como a análise das escolhas estilísticas do sujeito enunciador.

Figura 08 – Gênero Capa de revista da National Geographic

Leia o texto a seguir para responder às questões 6, 7 e 8 no seu caderno.



From NATIONAL GEOGRAPHIC, Washington, DC: National Geographic, v. 233, n. 6, Junho 2018.

TIP

Ative seu conhecimento prévio sobre o tema do texto para favorecer o estabelecimento de hipóteses sobre o que será lido.

TIP

Observe as relações entre os elementos verbais (palavras) e não verbais (imagens, cores, tipos e tamanhos de fonte etc.).

TIP

Apoie-se em palavras parecidas com o português para fazer previsões sobre o texto e compreendê-lo.

Language Note

1 pound (1 libra) = 454 grams (454 gramas)

18 bilhões de libras = 9 milhões de toneladas

6 Copie a ficha abaixo no seu caderno e, em seguida, preencha-a com informações sobre o texto.

Gênero do texto:	Editor(a) responsável:
Nome da revista:	Tema da edição:
Data de publicação:	

7 Releia o texto e responda às perguntas abaixo.

- Quais palavras do texto são parecidas com palavras em português?
- Segundo o texto, qual é a quantidade de plástico encontrada, por ano, nos oceanos?
- Qual é a relação entre a imagem escolhida e o trecho "And that's just the tip of the iceberg"?
- Na sua opinião, qual deve ser o objetivo da escolha dessa imagem para compor o texto?

8 Qual é a opinião de Sylvia Earle sobre plástico? Você concorda com ela?

Na página 12 (doze) do LD, o autor insere mais um gênero discursivo para trabalhar as atividades de leitura em língua inglesa, desta vez, ele seleciona a capa da revista *National geographic* para que os alunos leiam e respondas as questões 6,7 e 8.

A capa da revista selecionada pelo autor versa sobre o tema da preservação do meio ambiente. O tema exposto na capa aparece escrito em caixa alta: “PLANET OU PLASTIC”. Aparecem ainda na capa dois textos curtos: um traz informações acerca da problemática do descarte de plástico no mar e o outro traz a opinião de Sylva Early sobre a mesma temática.

Na materialidade visual, a capa retrata a imagem do oceano de forma que o interlocutor consegue visualizar o fundo e a superfície do oceano. No centro do oceano retratado na imagem, aparece um grande iceberg com a ponta exposta.

Do lado esquerdo da página, o autor traz três caixas de diálogo com *tips* (dicas) para direcionar o leitor a usar as estratégias de leitura (ativar o conhecimento prévio sobre o tema, observar os elementos visuais e observar as palavras cognatas para se chegar à compreensão da mensagem transmitida no gênero.

A atividade 6 (seis) pede para que o aluno preencha uma ficha com informações sobre o texto, tais como: gênero do texto, nome da revista, data da publicação, editor(a) responsável e o tema da edição. Nesta questão o aluno é direcionado a extrair as informações bibliográficas do texto, bem como identificar o gênero textual trabalhado. Nesta atividade, percebemos que o autor do LD chama a atenção do aluno para a importância das características do gênero textual, como no caso da identificação da edição, data de publicação, nome do autor e nome da revista. Apesar de ser uma questão que conduz o aluno a pensar sobre as especificidades do gênero capa de revista, as escolhas estilísticas do autor do LD ao trazer essa questão como uma ficha prescritiva limita as respostas dos alunos e consequentemente não abre espaço para discussões sobre o gênero em tela.

O autor do LD buscou trabalhar na atividade 6 (seis) a habilidade de leitura *scanning*, uma vez que o aluno é levado a buscar informações específicas no texto. As informações bibliográficas encontradas no texto são elementos que facilitam o leitor a compreender as especificidades do gênero capa de revista.

Apesar da ficha da questão 6 (seis) trazer a capa como gênero, nas questões subsequentes, o autor não persiste com a menção ao termo **gênero** e elabora as questões usando o termo **texto**. Como podemos ver na questão 7 e suas subdivisões. A questão 7 (sete) é subdividida nas alternativas a,b,c e d. Na alternativa “a”, de forma objetiva, o autor conduz o

aluno a identificar as palavras cognatas do gênero com vistas a facilitar a compreensão do gênero em análise. Na alternativa “a”, ao escolher os termos “quais palavras do **texto...**”, o autor já conduz os alunos a respostas objetivas, a identificar e transcrever todas as palavras cognatas presentes no gênero. As respostas para essa pergunta estão na identificação das palavras: “*plastic, planet, ocean, billion.*”

A identificação das palavras cognatas acima, servem para facilitar a compreensão do aluno no tocante ao tema trabalhado no gênero. A imagem, como também a repetição dessas palavras cognatas, inferem a temática trabalhada no gênero, a saber, a problemática do descarte de plásticos no oceano. Para que o aluno chegue a essa compreensão, o autor, buscou inserir “*tips*” (dicas) presentes do lado direito da imagem que vão direcionando os alunos a ativar o conhecimento prévio, relacionar imagem e texto, bem como identificar as palavras cognatas.

Os quadros com as dicas estão todas com o verbo no imperativo “**ative, observe, apoie-se**”, conduzindo o aluno como um ordenamento necessário para se chegar à compreensão textual. As dicas estão escritas na língua materna e estão pautadas nas abordagens de leitura *skimming and scanning*.

Em seguida, na alternativa “b”, o aluno é direcionado a buscar a informação contida no texto sobre a quantidade de plástico encontrada por ano nos oceanos. Essa questão conduz o aluno a trabalhar a habilidade de decodificação do texto em língua estrangeira. A resposta correta dessa questão demonstra que o aluno desenvolveu a habilidade de decodificação a partir da estratégia de reconhecimento das palavras cognatas. A escolha pelo pronome “**qual**” já delimita a resposta do aluno no tocante a quantidade de plásticos descartados no oceano por ano. O aluno é conduzido a identificar o número correspondente a esse descarte. A resposta para essa questão está no enunciado “*18 billion pounds of plastic ends up in the ocean each year.*”

Na alternativa “c” Qual é a relação entre imagem escolhida e o trecho “*And that’s just the tip of the iceberg.*” Nessa alternativa, o autor persiste na escolha do pronome **qual** com a intenção de direcionar o aluno a dar respostas curtas e objetivas. Apesar de trazer a expressão idiomática “*And that’s the tips of the iceberg*” para que o aluno relacione a presença desse enunciado na capa e a sua relação direta com a imagem, o autor não explora essas questões como aspectos estilísticos utilizados pelo enunciador do gênero para chamar atenção do leitor. Percebemos também que ele não menciona a questão da imagem metafórica do Iceberg, nem tampouco no duplo sentido do vocábulo iceberg presente na expressão idiomática como também na imagem. O aluno faz a relação mecanicamente sem o conhecimento da riqueza

expressiva do uso desses elementos estilísticos para comunicação na esfera discursiva midiática em que está inserida as revistas.

A alternativa “d” Na sua opinião, qual dever ser o objetivo da escolha dessa imagem para compor o texto? Essa é a única alternativa que abre espaço para o aluno expor sua opinião sobre o gênero em análise. A questão “d” leva o aluno a refletir sobre a intenção do sujeito enunciativo ao escolher a imagem do *iceberg* retratada na capa da revista. A resposta da alternativa “c” já conduz o aluno a responder essa questão. apesar de conduzir o aluno a ativar os pressupostos e buscar compreender a relação da imagem com a temática trabalhada na capa da revista, percebemos a ausência de um direcionamento estilístico que enfatize a derivação de sentidos pelo uso do tropo metáfora, presente na imagem e no termo “*iceberg*” expressão idiomática.

A questão 8 (oito) também abre espaço para que o aluno possa expressar sua opinião em relação ao tema trabalhado na capa em análise. Para que o discente consiga trazer seu posicionamento, ele precisa buscar interpretar a mensagem do texto presente do lado esquerdo da capa, assinado por Sylva Earle e se posicionar contra ou a favor da opinião da referida autora presente no texto.

Analisando as 3 (três) questões colocadas pelo autor para direcionar a leitura do gênero capa de revista observamos que nesta atividade o autor menciona a questão da identificação do gênero textual e os elementos que comumente acompanham o gênero em tela, como consta nas questões contidas na ficha do quesito 6 (seis). Apesar dessa identificação da capa como gênero, a forma como o autor conduz a questão não viabiliza a ampliação do conhecimento do aluno no tocante ao gênero e suas especificidades. O autor traz a questão por meio de preenchimento de uma ficha prescritiva, limitando assim as respostas dos alunos e conseqüentemente não abrindo espaço para ampliar as discussões sobre gênero.

Contudo, apesar da questão 6 trazer essa menção tímida sobre gênero, o autor do LD não persiste em relacionar capa da revista como gênero textual e elabora as outras questões da atividade de leitura usando o termo “texto” para se referir a capa em análise. É interessante que o autor do manual possa trazer de forma mais ampliada essa discussão acerca do gênero para melhor conduzir o aluno do ensino médio a refletir e compreender a capa de revista como um gênero, reconhecendo suas especificidades, pois o processo de decodificação e compreensão leitora se torna mais fluído.

As questões subsequentes focam na habilidade de decodificação e reconhecimento das palavras cognatas. A questão 7 (sete) nos chama atenção pelo fato do autor conduzir o aluno a leitura verbovisual do gênero, o que não foi possível perceber nas atividades referentes ao gênero pintura artística e postagem analisados anteriormente. Aqui o autor chama a atenção para a relação texto e imagem: O texto selecionado é a expressão idiomática: “*And that’s just the tip of the iceberg*” (e isto é apenas um tipo de *iceberg*) e a imagem do iceberg no centro do oceano representada na capa analisada. A resposta para essa questão leva o leitor a mobilizar os pressupostos da significação do vocábulo “iceberg” no seu sentido real e metafórico, contemplando os níveis gramaticais e estilísticos para contemplar o contexto da afirmação acima. A identificação da metáfora leva o leitor a compreender a intencionalidade discursiva do sujeito enunciativo do gênero. A duplicidade de sentidos contida na palavra *iceberg* é uma informação importante a ser considerada pelo autor do LD para levar o aluno a compreensão da dimensão estilística da língua e sua importância para derivação de sentidos.

A questão 8 (oito) leva o aluno a desenvolver as habilidades de decodificação da mensagem contida no texto, como também a desenvolver o pensamento crítico ao expor sua opinião a respeito da mensagem exposta por Sylvia Earle na citação que aparece do lado esquerdo da capa da revista analisada. Essa questão abre espaço para o aluno se expressar a respeito da temática trabalhada na atividade.

5.3.3 Proposta de análise estilística-dialógica para o Gênero capa de revista

Para trazer a Estilística Dialógica para compor a atividade de leitura do gênero capa de revista, primeiramente vamos focar no o estudo das especificidades do gênero em relação ao tema, estrutura composicional e o estilo. A capa da revista selecionada pelo autor versa sobre o tema do descarte de plástico no oceano. A revista traz esse tema delineado em toda a capa através das imagens, isto é, do texto visual, dos textos informativos e da repetição do vocábulo *plastic* que aparece em todo os textos verbais.

A estrutura composicional da capa compreende as informações bibliográficas como edição, data de publicação, editor responsável, tema da edição. O estilo desse gênero, geralmente se apresenta com imagens, cores, o uso de elementos estilísticos como metáfora, aliteração, parodização etc., textos curtos e objetivos, título da edição, como no caso da revista em tela, “PLANET OR PLASTIC”. O projeto discursivo, ou melhor, o tema que o enunciativo

deseja tratar na referida capa está presente em toda a sua extensão: tanto na materialidade verbal quanto na visual por meio dos elementos estilísticos presentes na capa, como a imagem metafórica do iceberg, as cores em tons de cinza, os textos curtos que trazem informações sobre o descarte do plástico no oceano.

O título da capa “PLANET OU PLASTIC” se apresenta em estilização paródica, como também chama a atenção pela repetição dos dígrafo **pl** que forma uma aliteração, sugerindo a ideia do som produzido pelo plástico quando está em contato com o vento, como também a ideia hiperbólica de uma grande quantidade de plástico que chega a ser confundido com o tamanho do planeta. Essa informação é importante ser levantada pelo autor do LD para que o aluno compreenda as formas estilísticas da língua e como o enunciador do gênero capa de revista pode usar a linguagem de forma criativa para comunicar a temática que ele deseja abordar.

As cores também comunicam a intenção discursiva do enunciador. Na capa, percebemos que as cores são monocromáticas, tons acinzentados, traduzindo a ideia de tristeza ao enunciar o aumento do descarte de plástico no oceano e a falta de consciência ecológica por parte da população. A imagem do *iceberg* é uma metáfora interligada a expressão idiomática “*And that’s just the tip of the iceberg.*” O enunciador da capa utiliza essa metáfora para comunicar que o descarte incorreto do plástico no oceano é apenas um dos problemas enfrentados no tocante a preservação da vida marítima. A leitura do gênero capa de revista precisa ser uma leitura dinâmica para que o leitor possa compreender as intenções discursivas materializadas nas escolhas estilísticas do enunciador.

Passaremos agora para a elaboração das questões norteadoras para a leitura do gênero Capa de Revista.

Leia o texto a seguir para responder às questões 6, 7 e 8 no seu caderno.



TIP

Ative seu conhecimento prévio sobre o tema do texto para favorecer o estabelecimento de hipóteses sobre o que será lido.

TIP

Observe as relações entre os elementos verbais (palavras) e não verbais (imagens, cores, tipos e tamanhos de fonte etc.).

TIP

Apoie-se em palavras parecidas com o português para fazer previsões sobre o texto e compreendê-lo.

Language Note

1 pound (1 libra) =
454 grams (454 gramas)

18 bilhões de libras =
9 milhões de toneladas

From: NATIONAL GEOGRAPHIC, Washington, DC: National Geographic, v. 233, n. 6, June 2018.

6. Observe o gênero capa de revista e responda as questões:

- Como você identifica a capa de revista como gênero?
- Quais as características do gênero capa de revista que as diferencia dos gêneros pintura artística em mural e postagem que estudamos anteriormente?
- Qual a temática abordada no gênero acima?

7. Releia o gênero e responda as questões abaixo.

- Explique a relação da imagem com o enunciado “*and that’s just the tip of the iceberg.*”
- O que você entende por PLASTIC OR PLANET?
- Após a leitura dos textos informativos presentes no gênero capa, qual a sua opinião sobre a problemática do descarte de plástico no oceano?
- O que você compreende do texto de Sylvia Earle? Indique seu posicionamento em relação ao texto da referida autora.

Figura 09 – Gênero lista de dicas (*list of tips*)

Reading COMPREHENSION

PRE-READING

1 Use the words in the box below to label the icons as in the example. Write the answers in your notebook.

block · comment · like · password · share · username

Example: a. username



a



b



c



d



e



f

Language Note

Em inglês, uma mesma palavra pode pertencer a diferentes classes gramaticais, sendo pronunciada de diferentes formas. Em geral, quando a palavra é um substantivo ou adjetivo, a sílaba tônica é a primeira. Quando é um verbo, geralmente, a sílaba tônica é a segunda.

Veja alguns exemplos:

- record (noun) X record (verb)
- project (noun) X project (verb)

Na palavra *comment*, entretanto, a sílaba tônica é sempre a primeira, seja um verbo ou um substantivo.

TIP

Observe o leiaute do texto, ou seja, a organização visual dos elementos verbais (palavras) e não verbais (cores, tipos de fonte, imagens etc.) na página para favorecer o estabelecimento de hipóteses a respeito do que será lido.

2 In pairs, ask and answer the following questions:

a. Which actions below are part of your typical routine on the web?

- ▶ Block a user.
- ▶ Change passwords.
- ▶ Comment on a message/photo.
- ▶ Like a message/photo.
- ▶ Post a message/photo.
- ▶ Record a song/video/podcast.
- ▶ Share a message/photo.

b. In your opinion, what kind of information is not OK to share on the web?

▶ Email address.	▶ Phone number.
▶ Family address.	▶ Selfies.
▶ Passwords.	▶ Usernames.

3 Before reading the text on the next page, make predictions about it. Focus on its **layout and title** to answer the questions below. Write the answers in your notebook.

a. How many useful tips does the text give?

b. What do you expect to read about in the text?

READING

4 Read the text below to check your predictions.

Be Internet Smart

Tips to help you be smart online



Tip 1 Be a positive presence online just like IRL (in real life). Remember, once something by or about you is online like a photo, comment, or message, it could stay online forever.

Tip 2 Think before you post. It's important to know when to post nothing at all – not to react to somebody's post, photo, or comment or not to share something that isn't true.

Tip 3 Protect your secrets. Do not share your address, email, phone number, passwords, usernames or school documents with strangers.

Tip 4 Don't assume that people online will see you the way you think they'll see you. Different people can see the same information and draw different conclusions from it.

Tip 5 It's always important to respect other people's privacy choices, even if they aren't the choices you'd make yourself. Different situations call for different responses online and offline.

TIP

Apoie-se em palavras parecidas com o português para fazer previsões sobre o texto e compreendê-lo. Essa dica pode ajudar você a resolver questões do Enem.

5 Responda à questão abaixo em seu caderno.

Todas as dicas abaixo são apresentadas no texto, com exceção da seguinte:

a. pense antes de compartilhar qualquer coisa com alguém.

b. respeite as escolhas de privacidade das outras pessoas.

c. mantenha informações confidenciais em segredo.

d. seja uma presença positiva na internet.

e. denuncie comportamentos negativos.

O tema da unidade 1 “*Be smart Online*” (Fique esperto Online), versa sobre dicas de como usar adequadamente a internet. Nesta unidade, o autor reforça as habilidades que foram trabalhadas na seção *getting ready*, tais como: reconhecimento das palavras cognatas, uso do imperativo e as estratégias de *skimming* and *scanning* para leitura dos gêneros.

O gênero *list of tips* (lista de dicas) foi escolhido pelo autor do LD para ser o gênero principal, compondo a seção “*Reading comprehension*”. Nesta seção, as atividades são divididas em *pre-reading* (pré-leitura), *reading* (leitura) and *post-reading* (pós leitura).

Na seção *Pre- reading*, na página 16, o autor insere 3 (três) questões baseadas na temática do uso da internet. As questões são elaboradas usando a língua inglesa e trazendo o vocabulário comumente usados nas páginas das redes sociais, a exemplo de *block, comment, like, password, etc.* Observamos que nesta seção as atividades estão todas elaboradas em língua inglesa, diferentemente da maneira como o autor apresentou as questões anteriores presentes na seção *Getting ready*. As formas como as atividades são apresentadas aqui foca nas habilidades de decodificação das palavras, estudo do vocabulário e compreensão textual.

Na questão 1(um), o autor busca trabalhar as palavras comumente usadas nas páginas das redes sociais, tais como: *block, comment, password, share, username*. Para isso ele pede que o aluno relacione essas palavras aos ícones referentes a cada uma delas, como podemos observar na imagem acima. Essa questão trabalha especificamente o conhecimento de vocabulário por meio do exercício de relacionar.

A questão 2 (dois) está subdividida nas alternativas “a” e “b” e direciona os alunos a trabalharem em pares e responder as questões oralmente, em formato de conversação. A alternativa “a” *Which actions below are part of your typical routine on the web?* (Que ações abaixo fazem parte da sua rotina típica na internet?) e possui 7 enunciados pre definidos tratando de ações comuns realizadas pelos usuários da internet. A questão já inicia com o termo *Which (que, qual)* que já direciona o aluno a selecionar um dos enunciados presente na questão. Na alternativa “b”, a questão trata sobre o tipo de informação que nunca deve ser compartilhada na internet. Para responder a essa atividade, o aluno vai identificar a informação que já está pre definida na questão, tais como: *email address* (email), *passwords* (senhas), *phone number* (número de telefone). Na questão 2, o autor trabalha as habilidades de leitura (*Reading*) e fala (*speaking*) por meio da realização da atividade de forma oral, usando a língua alvo (língua inglesa).

Na atividade 3, o autor conduz os alunos a fazerem predições acerca do texto que será lido na página subsequente, para tanto, a questão é subdividida em duas alternativas: a) *How many useful tips does the text given?* b) *what do you expect to read about in the text?* A primeira alternativa pede pra que o aluno quantifique as dicas presente no texto da página 17 e a segunda alternativa direciona o aluno a falar sobre suas expectativas acerca do conteúdo do texto.

Na página 17, na seção *Reading*, o autor traz o gênero *list of tip* como pertencente a questão de número 4. A questão pede para que o aluno leia o texto e faça a checagem acerca das suas predições realizadas na questão anterior.

O texto *List of tips* (lista de dicas) tem como “*Be internet Smart*” (Seja esperto na internet) e apresenta o subtítulo *Tips to help you be smart online* (dicas para ajudar você a ser esperto na internet). O gênero apresenta 5 *tips* (dicas) que tratam de recomendações a respeito de como o usuário da internet deve se comportar. O texto é apresentado em sua maioria verbal, com enfoque nas dicas em formato de enunciados verbais. Tem a predominância da cor azul marinho e a única imagem que aparece é de um ícone que representa a imagem da carta, sugerindo a ideia de recado.

Abaixo do texto, o autor traz a questão 5, elaborada em língua portuguesa e trazendo as alternativas de “a” a “e” contendo a tradução de 4 dicas do texto e uma que não condiz com o conteúdo abordado. O autor pede na questão que o aluno identifique a alternativa que não corresponde a dica apresentada no texto.

Como podemos observar na descrição das questões acima, o autor não menciona o termo gênero para se referir a *list of tips* (lista de dicas) em nenhuma das questões da seção de *pre reading* e nem na seção *reading*, na qual o texto é apresentado. As questões de 1 à 3 como vimos, trabalham especificamente no nível de decodificação das palavras e já trazem as alternativas predefinidas para que o aluno identifique a resposta correta para cada questão. A única questão que o autor trabalha os presumidos do texto é a questão de número 3, contudo, as escolhas estilísticas do autor a selecionar termos como *How many* (quantos), pedindo que o aluno quantifique as dicas presentes no texto e a expressão *What* (qual, que) que já limita a resposta do aluno para dar respostas objetivas, não abrindo espaço para ampliar a discussão sobre o texto, a temática abordada e a análise estilística do sujeito enunciativo do gênero.

A questão 5, como podemos observar na imagem acima, é de caráter prescritiva e trabalha especificamente no nível da decodificação das palavras, não abordando a interpretação textual, nem as características do gênero, como também não abre espaço para que o leitor aborde a mensagem transmitida no texto. Além das questões sobre leitura que é o foco da seção apresentada, mas que não estão delineadas de forma abrangente na elaboração das atividades presente no LD em análise, o autor também perde de abordar vários outros aspectos a nível de vocabulário, estrutura gramatical, a exemplo do uso adequado das formas verbais do imperativo, bem como a explicitação desse aspecto gramatical atrelado ao estilo do gênero em tela, como no caso do uso dos verbos no imperativo, que corresponde a uma das características intrínsecas ao gênero listas de dicas.

5.3.4 Proposta de análise dialógica do gênero *List of tips*

O gênero lista de dicas aparece na lista de conteúdo do livro *English vibes como main genre* (gênero principal) para ser trabalhado na unidade 1. Como gênero principal, as atividades referentes a pré-leitura e leitura deveriam estar voltadas para o estudo de reconhecimento do gênero, suas especificidades, a abrangência do vocabulário e os aspectos gramaticais voltados para o estilo do gênero em tela. Porém não foi possível observar essa interligação entre as atividades das referidas seções, a não ser a postagem da bailarina Ingrid Silva que se apresenta como recomendações, como dicas a serem seguidas. Semanticamente, o texto verbal da postagem coincide com as características estilísticas do gênero *list of tips*. Essa seria uma informação relevante para o autor do LD chamar a atenção do leitor para trabalhar as características do gênero, reforçar o uso do imperativo, o vocabulário, como também trabalhar a questão da interdiscursividade.

As atividades da seção de leitura poderiam vir com o enfoque na leitura do gênero, a esfera de atuação, contexto de produção, bem como trabalhar todas as especificidades estilística que envolve o referido gênero. Contudo, o autor conduziu as atividades voltadas ao enfoque na decodificação e estudo do vocabulário não contemplando atividades que realmente enfoque no desenvolvimento das habilidades de leitura e interpretação textual.

A proposta da análise da Estilística Dialógica do gênero *list of tips* começa pelo reconhecimento do gênero e suas especificidades estilísticas. O gênero *list of tips* é formado por enunciados verbais com predominância dos verbos no imperativo, sugerindo a ideia de aconselhamento, recomendações, ordenamento. Os enunciados podem aparecer enumerados, na posição vertical ou horizontal. Nesse gênero, geralmente os enunciados são escritos de forma explicativa e objetiva em parágrafos curtos ou muitas vezes em apenas uma frase.

Na lista de dicas apresentadas no LD em análise, é trabalhado o tema do comportamento adequado nas redes sociais. Esse tema é abordado em forma de 5 dicas, estruturadas em enunciados verbais curtos, objetivos e concisos. As ideias dos enunciados aparecem em uma frase acompanhada de um texto que contempla a explicação da frase principal.

Os verbos *be, think, protect, don't assume* aparecem na forma imperativa no início das 4 primeiras dicas presente no gênero. O imperativo faz parte da característica estilística do gênero lista de dicas como podemos observar no texto apresentado pelo autor, como também em outras listas de dicas que abordam diferentes temáticas, pois a finalidade desse gênero é

fazer uma recomendação, um aconselhamento, um ordenamento, mostrar uma proibição, para tanto, o tempo verbal adequado para expressar essas ideias é a forma imperativa dos verbos. O autor do LD precisa deixar isso claro nas atividades propostas, pelo fato de ser uma informação importante para o estudo do gênero em tela. A leitura dialógica do gênero precisa contemplar as suas especificidades estilísticas, o contexto de produção, a esfera de atuação, o suporte, os sujeitos envolvidos na interação verbal, pois todos esses aspectos são relevantes para desvelamento dos sentidos engendrados no texto.

READING

4 Read the text below to check your predictions.

Be Internet Smart
Tips to help you be smart online



Tip 1 **Be a positive presence online just like IRL (in real life).**
Remember, once something by or about you is online like a photo, comment, or message, it could stay online forever.

Tip 2 **Think before you post.**
It's important to know when to post nothing at all – not to react to somebody's post, photo, or comment or not to share something that isn't true.

Tip 3 **Protect your secrets.**
Do not share your address, email, phone number, passwords, usernames or school documents with strangers.

Tip 4 **Don't assume that people online will see you the way you think they'll see you.**
Different people can see the same information and draw different conclusions from it.

Tip 5 **It's always important to respect other people's privacy choices, even if they aren't the choices you'd make yourself.**
Different situations call for different responses online and offline.

TIP
Apoie-se em palavras parecidas com o português para fazer previsões sobre o texto e compreendê-lo. Essa dica pode ajudar você a resolver questões do Enem.

smart: esperto/a, inteligente

5 Responda à questão abaixo em seu caderno.

Todas as dicas abaixo são apresentadas no texto, com exceção da seguinte:

- pense antes de compartilhar qualquer coisa com alguém.
- respeite as escolhas de privacidade das outras pessoas.
- mantenha informações confidenciais em segredo.
- seja uma presença positiva na internet.
- denuncie comportamentos negativos.

Unit 1 17

5. **Responda as questões abaixo em seu caderno.**

- Observando a estrutura do texto acima, você consegue identificar a que gênero ele pertence?
- Quais são os elementos presentes no texto que o classifica como gênero *list of tips*?
- Leia as *tips* apresentadas no gênero acima e explique a temática abordada no texto.
- Na sua opinião, quais das recomendações acima você considera mais importante. Explique.
- Após a leitura atenta do texto acima, com suas palavras, explique o propósito comunicativo do gênero *list of tips*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso histórico que trilhamos acerca das estilísticas tradicionais, a saber: a estilística saussuriana e estilística vossleriana, observamos que estas ainda buscavam persistir no estudo dos tropos como fundamento, trabalhando conceitos como expressividade, figuralidade, força, clareza, de forma isolada, sem uma interligação com o contexto de uso. Ademais, não se via um tratamento contextual, dinâmico e social das análises estilísticas realizadas na época, o que se via eram aplicações de categorias puramente linguística, pautadas na palavra e desvinculada das relações sociais do processo de comunicação verbal.

Na estilística saussuriana vimos que o estudo das figuras de linguagem partia do princípio da ação do signo linguístico herdado por Saussure. Apesar de Bally separar o conteúdo gramatical do conteúdo estilístico, ele ainda preservou o estudo da estrutura linguística, dos valores expressivos das palavras desconsiderando o contexto, o sujeito e a história. Na estilística vossleriana, constatamos o tratamento das figuras como elementos estilísticos pertencentes ao nível de expressões idiomáticas que não estavam em relação de consonância com a gramática, pois ele afirmava que tais expressões pertencem ao nível da subjetividade da língua; segundo ele, as causas que explicam a possibilidade de uso de tais expressões estão intimamente ligadas ao sentimento, à afetividade, às formas como a língua consiste na mediação da língua do indivíduo com a sua comunidade.

Vimos que, diferentemente dessas abordagens tradicionais, Bakhtin e o Círculo buscavam trabalhar a interação verbal partindo da observância do processo real e vivo de comunicação. Para tanto, percebia a importância dos elementos extraverbais, a saber, a importância dos sujeitos interlocutores e seus pontos de vista e o contexto de produção dos enunciados para se chegar à explicitação dos sentidos dos elementos linguísticos.

Na síntese das formulações estilísticas apresentadas no capítulo IV, vimos que a Estilística Dialógica, termo usado nesta pesquisa para identificar de forma mais sistemática a abordagem estilística de Bakhtin e o Círculo, possui suas bases firmadas na estilística do gênero, uma vez que o estilo é constitutivo ao gênero e não pode ser estudado separadamente. A Estilística Dialógica considera a relação contextual e social dos discursos analisados, haja vista que o pesquisador da Análise Dialógica do Discurso deve partir da essência heterodiscursivo-dialógica dos enunciados para que sua análise não caia na superficialidade de observar apenas o nível linguístico das enunciações, sabendo que a própria escolha dos aspectos formais tem a

sua finalidade intencional, responsiva e discursiva. Assim também procede com a não demarcação da fronteira dos aspectos formais da língua.

De acordo com a Estilística Dialógica, as entonações expressivas, as pontuações, as escolhas estilísticas das orações são as materializações das intenções discursivas que um autor apresenta para um determinado auditório. É na estrutura linguística que o analista do discurso percebe as intencionalidades e posicionamentos axiológicos do sujeito enunciador. Para tanto, Bakhtin propõe a noção de heterodiscurso dialogizado que desvela a vida dos discursos, o momento de confronto de vozes no mesmo enunciado.

Dentro do que Bakhtin denomina de heterodiscurso dialogizado, ele explicita a presença de elementos linguísticos e estilísticos presentes na enunciação, como a entonação, a pontuação, o uso das formas ativa e passiva dos discursos, a presença de tropos como a ironia, a personificação, a metáfora etc. Esses elementos analisados na materialidade linguística, observando o todo do enunciado, recebem um tratamento dialógico, dinâmico, social e contextual, visto que “é justamente a natureza heterodiscursiva e não a unidade da língua normativa comum que constitui o fundamento do estilo.” (Bakhtin, 2015 p. 90).

Nas três obras analisadas, das quais extraímos a síntese das formulações teóricas da estilística em Bakhtin e o Círculo, podemos constatar a ênfase que o Círculo confere à entonação expressiva, uma vez que essa categoria aparece como parte integrante das análises dos gêneros analisados. Na primeira obra, a entonação está ligada ao estudo do tropo ironia presente no romance humorístico como uma das estratégias discursivas para satirizar ou ironizar o discurso alheio, e isso é demonstrado por meio da entonação. Logo, concluímos que é por meio da entonação expressiva que surgem os tropos: ironia, personificação e metáfora dentro de determinadas enunciações.

Na segunda, a categoria da entonação expressiva é enfatizada como uma das formas de desvelamento do sentido dos enunciados. A entonação, como um dos elementos estilísticos ao lado da pontuação, da escolha das palavras e a ordem delas, evidencia a relação emocional e dramática das frases e coloca em evidência a intencionalidade discursiva do autor e dá vida e dinamicidade ao discurso.

Na terceira, vimos de forma mais aprofundada o estudo da entonação expressiva junto com a importância da compreensão do horizonte comum compartilhado entre os falantes que gera as avaliações sociais. Volóchinov traz a entonação expressiva integrada às avaliações sociais como um dos elementos que contribui para o desvelamento de sentido das enunciações.

Sendo assim, a entoação, além de ajudar a se chegar à compreensão de um enunciado, também pode evidenciar, em determinadas situações, o aparecimento de alguns tropos, como: ironia, metáfora e a personificação. A ironia pode ser apresentada nas entonações expressivas conforme a intencionalidade discursiva do autor e às avaliações sociais dos parceiros do discurso.

Após o percurso teórico acerca da estilística na perspectiva bakhtiniana, esta pesquisa se propôs a trazer a análise de 4 diferentes gêneros do discurso presentes no LD de língua inglesa com vistas a aplicabilidade da análise da Estilística Dialógica. No capítulo analítico desta tese, buscamos analisar o posicionamento axiológico do autor do LD no tocante a ênfase ou não nos aspectos estilísticos presentes nas atividades voltadas para leitura dos gêneros.

Na proposta de análise pautada na Estilística Dialógica do gênero pintura artística em mural, por exemplo, buscamos trazer as especificidades do gênero, as informações contextuais sobre o sujeito enunciatador, bem como as especificidades estilísticas presentes na verbovisualidade do referido gênero. Destacamos a importância de acrescentar essas informações nas atividades de leituras pelo fato delas conterem o pano de fundo em que o gênero foi produzido, pois todo o manejo nos elementos estruturais e estilísticos da arte comunica algo ao interlocutor, desvelando os valores sociais e o posicionamento axiológico do autor. É tarefa do autor do LD conduzir o aluno a perceber as reverberações cultural-ideológica que circundam o gênero através das escolhas estilísticas do enunciatador.

As atividades da seção de leitura poderiam vir com o enfoque na leitura do gênero, a esfera de atuação, contexto de produção, bem como trabalhar todas as especificidades estilística que envolve o referido gênero. Contudo, o autor conduziu as atividades voltadas ao enfoque na decodificação e estudo do vocabulário não contemplando atividades que realmente enfoquem no desenvolvimento das habilidades de leitura e interpretação textual.

Como vimos, a análise baseada na Estilística Dialógica compreende as especificidades do gênero, as informações contextuais sobre o sujeito enunciatador e sobre o contexto situacional da enunciação. Observamos também o imbricamento das materialidades verbovisual para se obter a compreensão total da enunciação. Desta forma, além de contribuirmos para uma leitura dinâmica e dialógica, também conduzimos o leitor para a compreensão das escolhas estilísticas do sujeito enunciatador. A leitura dialógica do gênero precisa contemplar as suas especificidades estilísticas, o contexto de produção, a esfera de atuação, o suporte, os sujeitos envolvidos na

interação verbal, pois todos esses aspectos são relevantes para desvelamento dos sentidos engendrados no texto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria de Fátima. **Linguagem e Leitura: movimentos discursivos do leitor na sala de aula de 5ª série**. Tese de doutorado. UFPE, Recife, 2004.

ARISTÓTELES (384-322). **Retórica**; tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

ARAÚJO, S. F. A. **Uma visão panorâmica da psicologia de Wilhelm Wundt**. *scientiæ zudia*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 209-20, 2009

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação Verbal**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do Romance I: A estilística**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 1ª edição, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de estilística no ensino de língua**. Tradução, posfácio e notas Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova. São Paulo, 1ª edição, editora 34, 2013.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 9.ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 196p.

BAKHTIN, Michail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2010.

BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Construção coletiva da perspectiva dialógica: história e alcance teórico-metodológico**. In: FIGARO, Rosa (Org.) *Comunicação e Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2012.

BORBA, Valquíria C. Machado. **Resenha de “Cohesion in English”**, de Halliday & Hassan. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. V. 4, n. 6, março de 2006. ISSN 1678-8931 disponível em: www.revel.inf.br acesso em 02/12/2022.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, 2018. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em 05 de maio de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional do Livro Didático (PNLD)**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/guia-do-livro-didatico/escolha-pnld-2021-projetos>. Acesso em 22 de dezembro de 2023.

COHEN, Jean; BREMOND Claude entre outros. **Teoria da figura** in: __ Pesquisas de Retórica. Tradução de Leda Pinto Mafra Iruzun. Petrópolis, Vozes, 1975.

CLARK, katerina; Holquist Michael. **Mikhail Bakhtin**; tradução J. Guinsburg- São Paulo: Perspectiva, 2008; reimpressão, 2019.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de (Orgs.) **Diálogos com Bakhtin**. 3.ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2001. 365p.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagens e Diálogos: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo, Parábola, 2009.

FERREIRA, Taciane. **Diálogos entre Volóchinov e Humboldt na Filosofia da Linguagem: a participação do idealismo na síntese marxista** / Taciane Ferreira; orientadora Sheila Grillo. - São Paulo, 2020. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-18112020-201141/publico/2020_TacianeDominguesFerreira_VOrig.pdf

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à linguística da enunciação**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FRANCO, Claudio de Paiva. **English vibes for Brazilian learners**: volume único: ensino médio. 1 ed. São Paulo, FTD, 2020.

GUIRAUD, Pierre. **A Estilística**. Trad. Miguel Maillet. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução a Estilística: a expressividade na língua portuguesa**. 3 ed. São Paulo: T. A. Queiroz 2000. Biblioteca universitária de Língua e Linguística v8.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012. 269p.

MOITA LOPES, L. P. (1994) **Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução**. *D.E.L.T.A.*, 10 (2): 329-338.

NUNES, Darcijane dos Santos; Francelino, Pedro Farias de. **Efeitos de sentido de figuras de linguagem no gênero anúncio publicitário: uma abordagem dialógica**. 81 f. Dissertação (mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7718>

PUZZO, Mirian Bauab. **Dialogismo bakhtiniano e a estilística vossleriana**. Revista bakhtiniana, São Paulo, 12 (1) p. 131-149, 2017.

SILVA, Hércia Macedo de Carvalho Diniz e. **Diálogo e ética: marcas da heterogeneidade constitutiva no ensaio para uma filosofia do ato responsável de Bakhtin**. 2015. 134f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

VOLÓCHINOV, Valentin, 1895-1936. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: notas de Sheila Grillo e Ekaterina Volkova. São Paulo: Editora 34, 1ª edição, 2019.

VOSSLER, Karl. **Filosofia del lenguaje**. Buenos Aires: Editorial Losada, 1963.